

REVISTA DA SEMANA

N.º 42

CR\$ 2,00 EM TODO O BRASIL

19 - 10 - 46



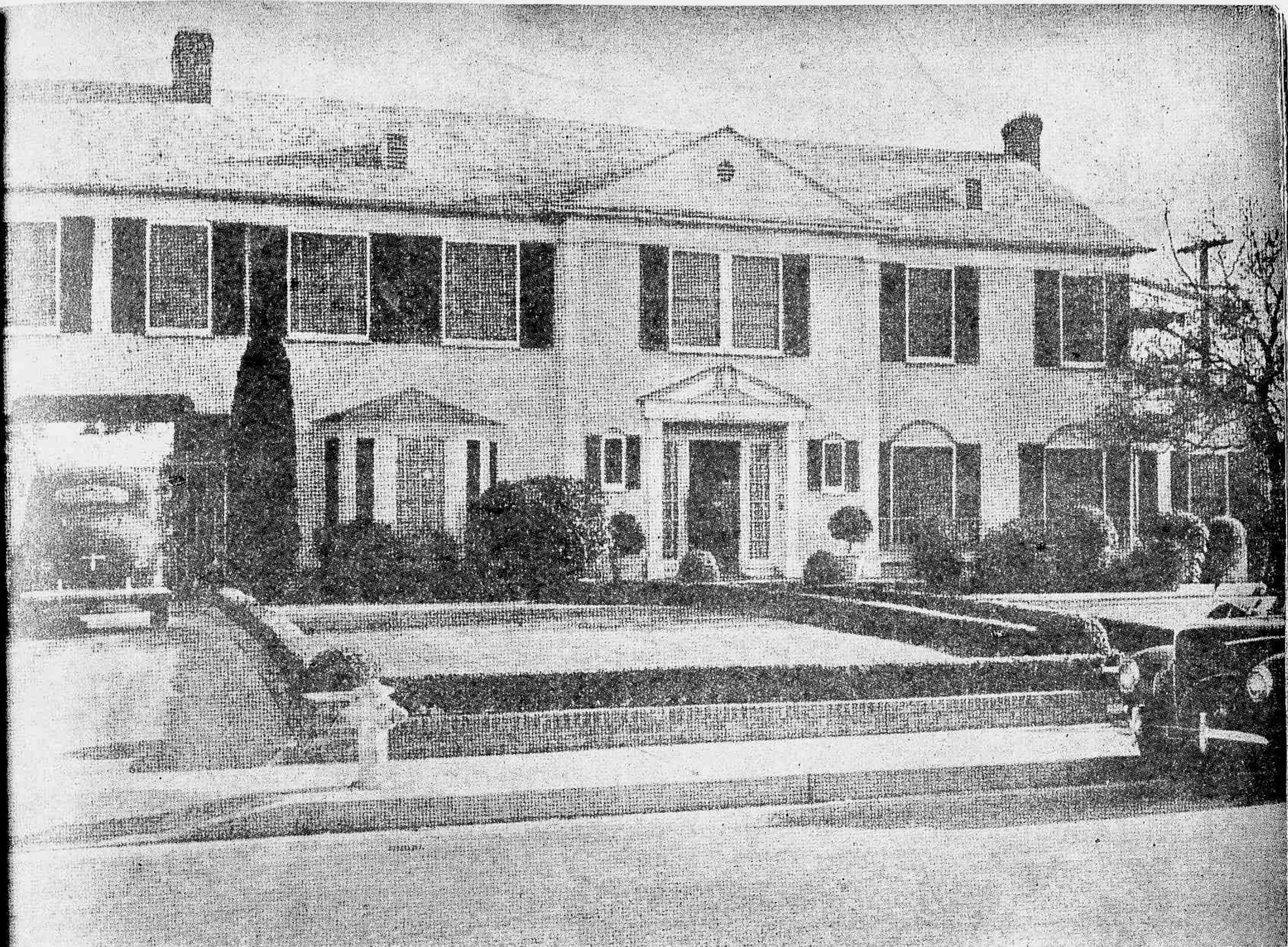


JOCKEY CLUB MUNDANO

A fotografia que acima estampamos foi colhida por ocasião do embarque do Sr. Jo. Borges Filho para os Estados Unidos, vendo-se nela, além do Presidente do Jockey Club, o embaixador norte-americano e pessoas da nossa sociedade. Os outros figurantes a ilustram esta página foram colhidos durante os intervalos das últimas carreras realizadas no Hipódromo da Gávea, quando as graciosas senhoritas passeavam na "pista".

Em ci
popul





Em cima, — o verdadeiro palácio que "Rochester" fez construir para sua residência no bairro negro de Los Angeles. Em baixo, a esposa de "Rochester" e um dos amigos do popular comediante, Mantan Moreland, também nosso conhecido de papéis cômicos em "Uma cabana no Céu" e outros filmes cômicos, fazendo campanha, pelo telefone, em prol da reeleição de Eddie como prefeito da secção negra de Los Angeles, na qual ele é presentemente o chefe político.



A SEMANA EM REVISTA

A SEMANA DA CRIANÇA



Comemorou-se a Semana da Criança. Comemorou-se especialmente com a colocação de cartazes nas paredes, andaimes e muros da cidade. Nesses cartazes havia crianças rosadas e sorridentes. Por baixo desses lindos exemplares de crianças bem nutridas, os nomes de alguns medicamentos e produtos alimentícios, que os ofereciam, como cooperação com os poderes públicos. Isso nos dá, com certeza, a ilusão de que alguma coisa foi feita sobre os graves problemas da criança no Brasil. Graves e complexos. O principal desses problemas é o da nu-

trição. Leite, não há. Só nas filas, racionado e quase sempre adulterado. Ainda em plena semana da criança, um posto oficial de distribuição de leite foi surpreendido vendendo leite com água... O leite em pó, industrializado sob nomes diversos, escasseia no mercado. O diretor da Assistência aos Menores Abandonados acaba de suspender, por sessenta dias, a internação de menores em asilos e recolhimentos, por falta de vagas. Está procurando criar condições favoráveis a novas internações e, para estas, haverá "fila", isto é, ordem rigorosa de inscrições. A mortalidade infantil está cada vez mais assustadora. Enfim, como todos os anos, faz-se a semana das crianças que vão sobrando... E está salva a pátria!

A VITAMINA DA MATERNIDADE



a Inglaterra está desenvolvendo uma vitamina que se destina, sem dúvida, a ser conhecida como a "Vitamina da Maternidade". Trata-se de um produto químico

que virá prestar às parturientes o mais precioso de todos os auxílios, não só tornando o parto inteiramente indolor, como apressando, igualmente, o nascimento dos infantes, os quais serão expelidos no máximo em trinta minutos. Essa vitamina eliminará uma fonte de sofrimentos para as mulheres e tirará a muitas delas o pavor da maternidade, que as impele à prática do malthusianismo ou a recursos como o das operações cesarianas, que passaram a constituir moda em Hollywood e em certos círculos granfinos. A Igreja Católica não vê com bons olhos a intervenção da ciência nesse terreno. As dores da maternidade são para o catolicismo uma purgação do pecado original. Mas, com certeza, ser-lhe-á difícil lutar contra essa vitamina e deter, por completo, o avanço da ciência. Enfim, é possível que o Brasil, fique a salvo dessa inovação. Com a falsidade generalizada de medicamentos, alega-se que o que menos há nas vitaminas vendidas nas nossas farmácias é... vitaminas! E a vitamina da maternidade talvez só venha a existir, entre nós, nos rótulos e nos anúncios dos jornais...

O PREFEITO E OS 40.000 EMPREGOS

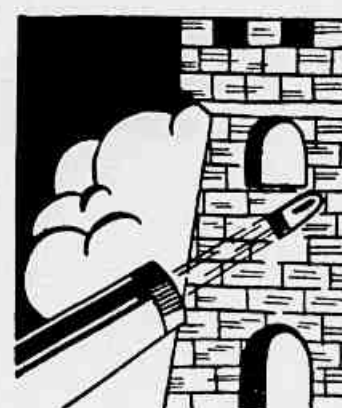


Temos como certo que para muita gente se aligaria exagero se afirmássemos que a maior notícia a comentar, ultimamente, é a informação, divulgada pelos jornais, de que o Sr. Hildebrando de Góis, Prefeito do Distrito Federal, durante os seus atribulados oito meses de administração, debatendo-se contra os mais graves problemas, logrou suprimir quatro mil cargos à burocracia das diversas repartições que estão sob os seus cuidados. Não pense os leitores que se trata de erro de revisão. Não: foram suprimidos 4.000 cargos, isto é, deixaram de existir 4.000 empregos. Sim, 4.000 têtas — grandes ou pequenas, não importa, sendo, mesmo, de supor que, em sua maior parte, sejam pequenas. Foi, positivamente, uma novidade sensacional, no país onde, nos últimos tempos, o "amor" às verbas do pessoal em geral tomou proporções de calamidade pública. Faltou dinheiro, e faltou muito, para o melhoramento de ferrovias e rodovias existentes, para saneamento, ampliação dos sistemas de rodovias e ferroviários, tanto que são quase os mesmos de 16 anos atrás os caminhos de ferro que abastecem o Rio. E a auto-estrada daqui a São Paulo não é senão a mesmíssima da época em que foi aberta. Mas nunca faltaram recursos para pagar gente, ampliar quadros, dar emprego. Explica-se: nas administrações débeis de espírito público, desti-

tuidas de resistência moral e funcional, não há força para dizer "não"; o material, as coisas, enfim, é que sofrem o mais doloroso abandono. Porque uma ponte, um pedaço de estrada, um tubo de água ou de esgoto não apupa nem opõe ninguém, não vota nem comparece a manifestações "espontâneas". O serviço, a realização não tem pistão, não tem padrinho, salvo quando na sua efetivação se encontra interessada uma firma construtora que, esta sim, fala, apela, chora e grita pela obra. As supressões em massa de cargos públicos somente se tornam, às vezes, um pouco antipáticas quando retiram a subsistência a alguém. Porém, em verdade, se, em muitas hipóteses, os ocupantes dos empregos suprimidos são sinecuristas que lá não vão, outras vezes os seus ocupantes são trabalhadores dedicados e vivem daquele pão. Mas um trabalho paulatino, seguro e sistemático de extinção de cargos vagos é sempre louvável, tanto mais quanto exige do administrador uma resistência diária, firme e incansável. A conduta do Sr. Hildebrando de Góis causa admiração. É um exemplo digno de ser imitado não sómente na esfera enorme da administração federal, como ainda no campo das atribuições estaduais e municipais.

Ninguém contesta a verdade destas afirmações: o que é difícil encontrar é a coragem paciente e invencível de resistir ao "pedido de emprego", que tem afundado muito programa e tem dobrado muito homem público que começa com vontade de realizar.

REVOLUÇÃO EM PORTUGAL E PLEBISCITO NA FRANÇA



aviador Sarmiento de Beires, o industrial Ricardo Seabra, o escritor Jaime Cortesão.

No panorama internacional, as duas notícias mais importantes da semana que passou foram a da revolução em Portugal e do plebiscito na França. A revolução portuguesa, logo abortada, teve um caráter nitidamente anti-salazarista, objetivando a transformação política da nação ibérica, que há mais de vinte anos vem sendo governada segundo um regime corporativista. O episódio, a que o governo português não quer emprestar significação nacional, traduz o descontentamento de determinados grupos em relação à situação interna de Portugal. No Brasil, esses grupos são representados pelos que formam na Sociedade dos Amigos da Democracia Portuguesa, do qual são figuras proeminentes o

o jornalista Thomaz Ribeiro Collaço e muitos outros, uns monarquistas, outros republicanos, mas todos eles empenhados na luta em prol da restauração democrática em Portugal. Enquanto que nesse país os anseios políticos populares se manifestavam através de um movimento armado, na França, domingo passado, por uma maioria de pouco mais de um milhão de votos, o povo francês aprovava a mais avançada Constituição que a França já teve, contra o conselho de algumas vozes conservadoras, como a do general Charles De Gaulle, o herói da resistência, e do "ex-premier" Henriot, ambos derrotados, nas urnas, pela coligação das esquerdas. Esses dois acontecimentos se prestam, ambos, a interpretações dos observadores do panorama internacional, conduzindo a conclusões inequívocas. Portugal parece não estar satisfeito com a sua organização corporativista, mas a maioria do povo francês está de pleno acordo com a sua nova Constituição de totalidades socialistas.

REVISTA DA SEMANA

ANO XLVII N.º 42 :-: 19-10-46

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples: Um ano — Cr\$ 90,00; Seis meses — Cr\$ 45,00
Registrada: Um ano — Cr\$ 110,00; Seis meses — Cr\$ 55,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr\$ 200,00; Seis meses — Cr\$ 100,00

O número avulso custa Cr\$ 2,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr\$ 2,50
Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro
Tels. — Direção: 22-2622; Gerência: 22-2550; Secretaria: 22-4447;
Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602.
Distribuição: em S. Paulo: Rua Capitão Salomão, 67 — Tel. 4-1569
Corrs. na Bahia: J. Machado Cunha — Av. 7 de Setembro, 142

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL
REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West 44th Street, New York City, N. Y. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, Av. Fontes Pereira de Melo, 34, 2.º dt. Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyente, 1748, Montevideu. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 299 — Tel. 33 — Avenida 9109 — Buenos Aires.

Propriedade da CIA, EDITORA AMERICANA — Diretor-Presidente: GRATULIANO BERTO
Diretor-Secretário: R. MAGALHÃES JÚNIOR

Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

ESTE NÚMERO CONSTA DE 60 PAGINAS

O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaboração solicitada pela redação. Não nos responsabilizamos pela devolução de originais, mesmo quando não publicados.

O CONCURSO PERMANENTE DE CONTOS DA "REVISTA DA SEMANA"

CONDIÇÕES QUE OS CONCORRENTES DEVEM SABER

O interesse que o nosso concurso permanente de contos tem despertado é a prova de que a iniciativa de REVISTA DA SEMANA, com o intuito de criar entre os seus próprios leitores um corpo de colaboradores, capazes de fixar aspectos da vida, dos costumes, do folclore e da paisagem brasileira, através da ficção literária, do enredo de contos, foi lançada com a maior oportunidade e obteve da parte de todos a melhor compreensão e estímulo. Entretanto, o que ocorre é que muitos contos nos chegam às mãos fora das condições que devem enquadrar o referido concurso, — condições que reputamos indispensáveis e que vamos sistematizar, afim de que cada concorrente, ao remeter seu trabalho, primeiro confira exigência por exigência, no seu e no nosso benefício. Essas condições, que serão repetidas nesta página enquanto nos parecer conveniente, são as seguintes:

- 1 — Só serão aceitos no concurso permanente de REVISTA DA SEMANA contos escritos sobre temas brasileiros, sobre os quais os nossos leitores possam discorrer com pleno conhecimento e com facilidade.
- 2 — Os contos devem ser invariavelmente datilografados, em razão do que não serão tomados em consideração trabalhos manuscritos.
- 3 — A redação de REVISTA DA SEMANA não dá informações pelo telefone ou por escrito sobre os contos selecionados ou considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados, podendo os seus autores, na mesma semana da publicação, procurar a importância do prêmio respectivo na nossa caixa. Os autores residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que estiverem.
- 4 — Os contos submetidos a este concurso devem ter no mínimo três folhas datilografadas, tipo ofício, em espaço dois, e no máximo oito folhas.
- 5 — Os autores devem escrever o seu nome e residência na folha de rosto do conto e na página final do mesmo. No caso de usarem pseudônimo e o nome verdadeiro, este apenas para efeito do pagamento do prêmio. É desnecessária a remessa de quaisquer cartas encaminhando os contos, bastando a declaração, no envelope: "Concurso Permanente de Contos da REVISTA DA SEMANA".

Os Sofrimentos das Mulheres

Os médicos sabem as graves consequências que podem ter certos sofrimentos das mulheres, causados pelas congestões e inflamações dos importantes órgãos útero-ovarianos.

Esses sofrimentos as vezes são tão penosos que muitas mulheres receiam perder o domínio de seus nervos!

A vida assim é um martírio!

Para tratar as congestões e as inflamações útero-ovarianas, use **Regulador Gesteira** sem demora.

Regulador Gesteira trata os padecimentos nervosos produzidos pelos sofrimentos do útero, peso no ventre, dores, cólicas e perturbações da menstruação, debilidade, palidez e tendência a hemorragia, provocadas pelo mau funcionamento do útero, fraqueza geral e desânimo, tristezas súbitas, palpitações, tonturas, peso, calor e dores de cabeça, enjôos, dores nas cadeiras, falta de disposição para fazer qualquer trabalho, cansaços e outras sérias alterações da saúde causadas pelas congestões e inflamações do útero.

Regulador Gesteira trata estas congestões e inflamações internas e as complicações provenientes destas inflamações.

Comece hoje mesmo
a usar **Regulador Gesteira**



- 6 — As características dos contos selecionados devem ser: dramaticidade, interesse humorístico e pitoresco da narrativa, qualidades literárias do estilo, originalidade, etc. Os concorrentes devem procurar, acima de tudo, a correção na simplicidade, fugindo ao lugar comum e à banalidade. Não é aconselhável desenvolverem literariamente anedotas em curso, pois anedota não é conto. O gênero tem características próprias e essas, peculiaridades devem ser respeitadas.

O NOSSO CONCURSO DE PEÇAS TEATRAIS

Continuamos a receber visitas e cartas de concorrentes ao nosso concurso de peças teatrais ansiosos por saberem o resultado do referido certame. O que nos cabe dizer é que a solução não está propriamente nas nossas mãos, mas nas dos julgadores das peças inscritas, os quais ainda não puderam concluir o seu trabalho. Tão cedo seja lavrada a ata final do julgamento, anunciaremos o resultados, que também desejamos abreviar. Entretanto, reconhecemos e gostaríamos que todos os concorrentes também reconhecessem que essa demora é mais em favor deles do que contra, pois seria bem mais suscetível de ser discutido um julgamento feito de afogadilho, apressadamente, do que uma decisão maduramente pensada e tomada sem nenhuma precipitação. Portanto, esperem os concorrentes, com paciência, a manifestação dos juizes, a cujo critério se subteram ao se inscreverem no concurso e em cuja capacidade de julgamento depositamos a maior confiança.

OFICINA DE 1.ª ORDEM
AVIAM-SE RECEITAS MÉ-
DICAS COM EXATIDÃO

O PINCE-NEZ DE OURO

OCULOS, PINCE-NEZ, LORGNONS

R. CARIOCA N.º 28

Joalheria

LUIS R. RICART
TEL. 22-4690 — RIO

JOIAS, RELÓGIOS, BRILHANTES
E ARTIGOS PARA PRESENTES



Para a maioria dos brasileiros, a música é uma linguagem universal. Ela transcende as barreiras da língua e da cultura, unindo as pessoas em um mesmo ritmo. É por isso que a música sempre esteve presente na vida do povo brasileiro, seja nas festas populares ou nos salões de elite.

... "Vada se perde, tudo se transforma"

Capela e Vanda revelam — Tênis, futebol, vôlei, basquete — Um esporte de 100 anos que vive e vive bem melhor e mais — Quem quer comprar o nome de "Lacoste de Paris" — Intimidade de "Lacoste de Paris" — Comércio que prospera.

E a música é uma linguagem universal. Ela transcende as barreiras da língua e da cultura, unindo as pessoas em um mesmo ritmo. É por isso que a música sempre esteve presente na vida do povo brasileiro, seja nas festas populares ou nos salões de elite.

... e a música é uma linguagem universal. Ela transcende as barreiras da língua e da cultura, unindo as pessoas em um mesmo ritmo. É por isso que a música sempre esteve presente na vida do povo brasileiro, seja nas festas populares ou nos salões de elite.

... e a música é uma linguagem universal. Ela transcende as barreiras da língua e da cultura, unindo as pessoas em um mesmo ritmo. É por isso que a música sempre esteve presente na vida do povo brasileiro, seja nas festas populares ou nos salões de elite.

O manequim à direita não está fantasiado. São paramentos eclesiásticos autênticos, vendidos — queremos crer — por algum sacerdote em grande crise. Batinas em segunda mão, triste sinal da materialização dos tempos!...

fama. Entre os milhares de trajes de rigor que se encontram guardados ele vai buscar o de "linha justa". O sr. Elisio, assim se chama esse fenômeno, vangloria-se de não ter competidores na profissão que abraçou.

MISCELÂNEA DO BELCHIOR

O mestre "cortador", cicerone solícito, vai nos mostrando e contando a história de algumas das radidades da casa. Abre um velho armário e nos exhibe uma casaca que garante ter pertencido ao grande escritor Machado de Assis. Como fora para ali? Diz-nos ele:

— O senhor sabe. Dificuldades de família obrigam certas pessoas a vender as roupas mais caras. Já tivemos aqui um fraque de Indio do Brasil, que vendemos, depois, se estou certo, ao Museu Histórico, juntamente com outros vestuários. O senhor está vendo esses leques — e abre um outro armário — são todos do tempo do império.

Notamos várias peças de mobiliário de época e "mestre" Elisio esciara:

— Esses móveis não são para vender. Nós alugamos também mobiliário e guarda-roupa para teatros. Temos uma infinidade de estilos. Essas fantasias são também alugadas para teatros e aquelas ali, melhores e mais novas, têm grande saída durante o Carnaval. Muitas granfinas vão ao Municipal com fantasias da casa Rolas.

Perguntamos-lhe qual o número de trajes de rigor alugados durante os dias de fim de ano, em que geralmente há um número maior de festas de formatura. Depois de consultar um livro de registros, ele nos informa:

— Em média, 150 por dia, ou melhor, por noite, para ser exato. A maioria dos pergaminhados já passou por aqui.

BATINAS EM SEGUNDA MÃO

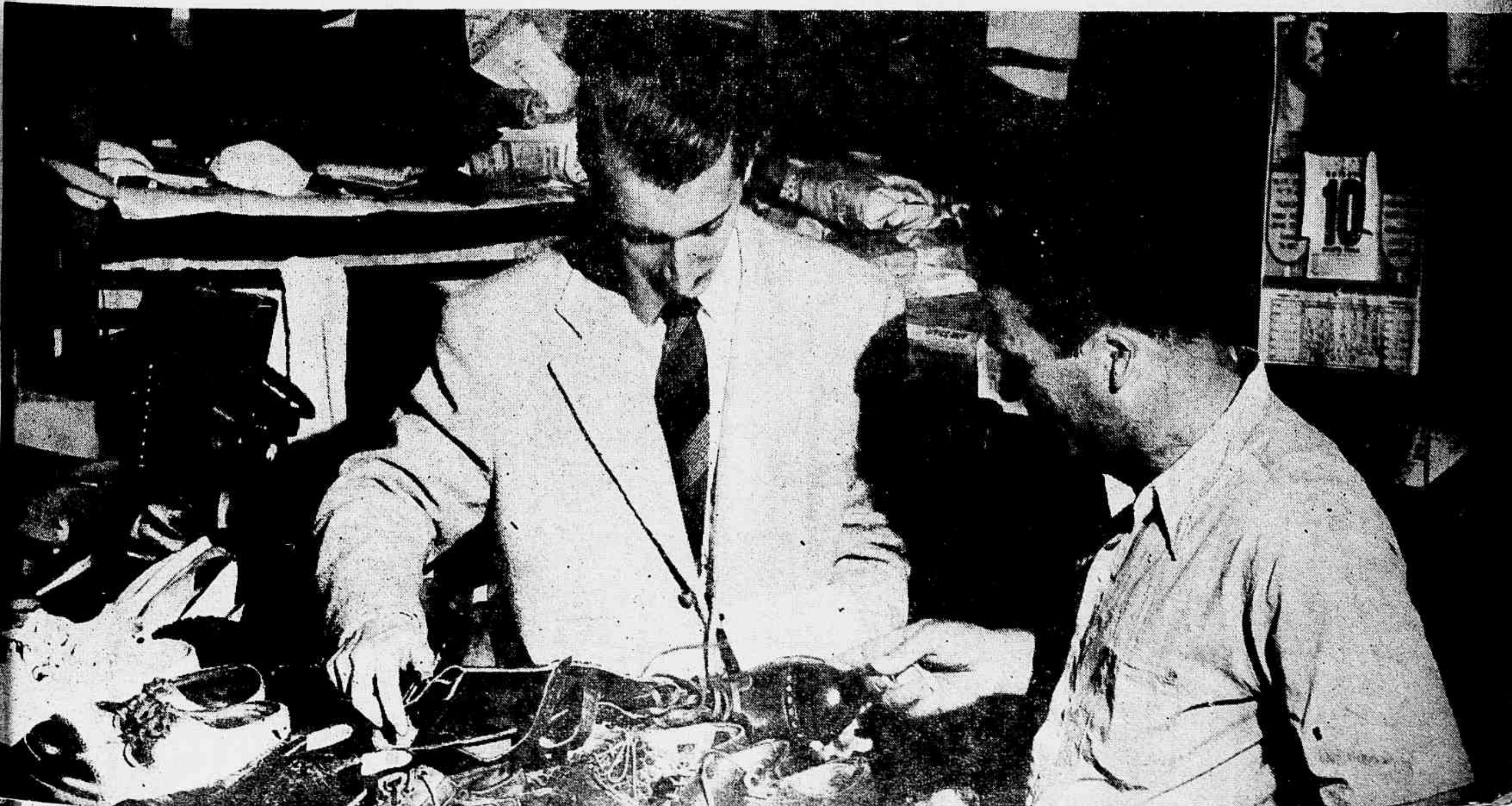
A um canto metido entre o colorido profano de uma colômbina, estava negro e quieto o manequim de um padre. Manequim completo: batina, alva, estola e demais paramentos sacros. Nunca pudemos imaginar que os representantes de Deus também vendessem nos belchiores os seus vestuários sagrados. A batina estava surrada, denotando que o servo de Deus a tinha aproveitado até quase o fim. Perto do manequim amontoavam-se alguns capêlos. O dono da casa não quis pormenorizar como tinham sido vendidos aqueles objetos religiosos. Havia também um crucifixo talhado em madeira, que o sr. Elisio nos garantiu ter vindo das festas do Bonfim, na Bahia. A imagem fora vendida ali por um devoto em grande crise financeira, que, talvez, tenha sentido que não só de pão do espírito pode o homem viver. As vezes o pão misto de milho com vestígios de trigo, é uma necessidade imperiosa...

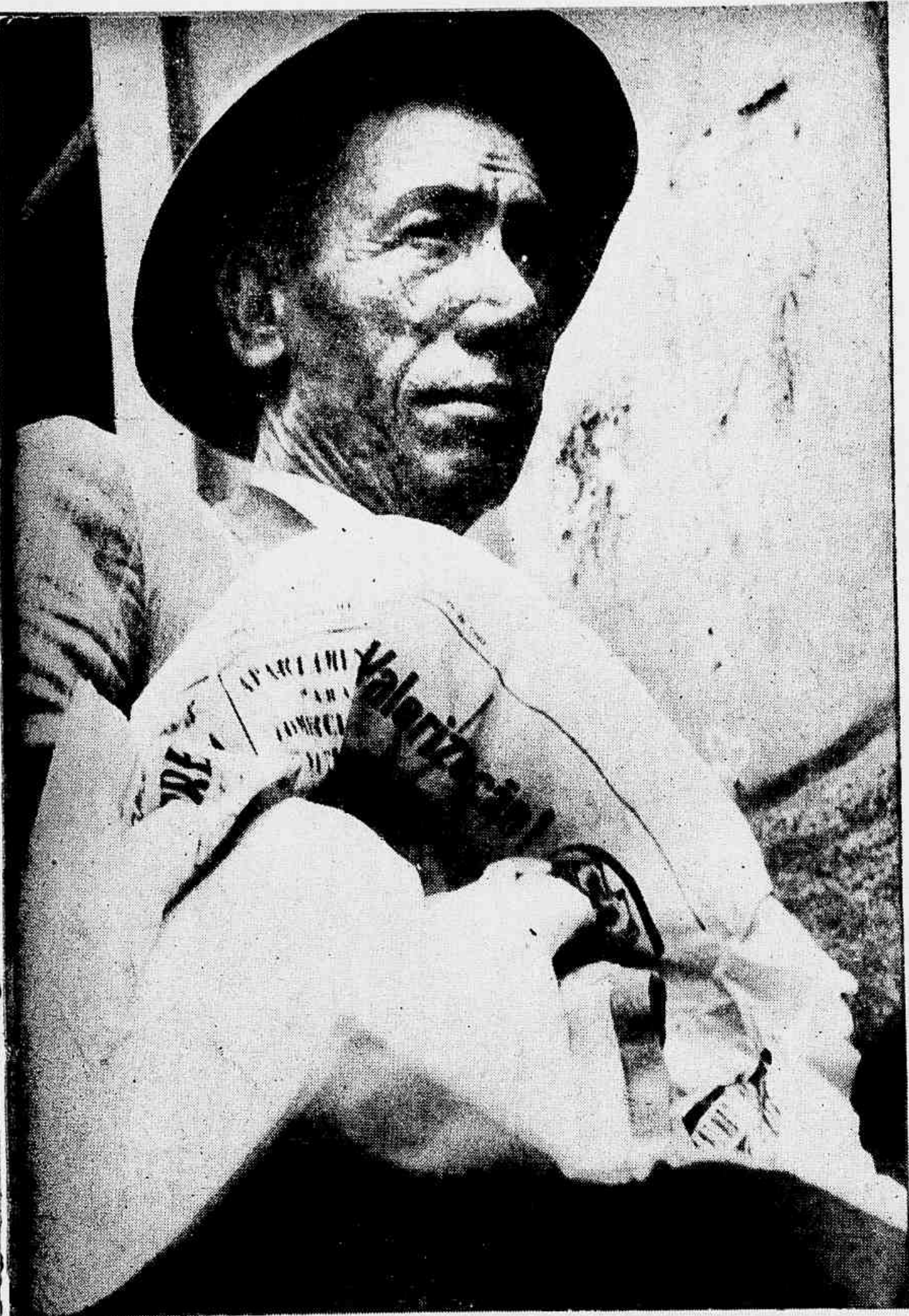
TERNOS A DOIS CRUZEIROS O QUILO

Um dos irmãos Rolas vai nos dando o preço das mercadorias. Aponta para um vestido rosa, de cetim e gase, verdadeira maravilha, nos diz:

— Na rua Gonçalves Dias um vestido de "soirée" igual a este custa perto de três mil cruzeiros. Este que você admira nós vendemos apenas por 250,00.

Esta casa da rua do Núncio especializou-se em roupas e sapatos usados. Calçados de todas as cores, idades e tamanhos a partir de dez cruzeiros. O sr. Harouch mostra ao reporter uma bota de montaria deixada em consignação.





Depois de andar vinte quilômetros a pé, percorrendo todas as ruas de Botafogo, Mohamed volta com o produto de sua peregrinação para vendê-lo na loja de seu patrício. Ganha, no máximo, vinte cruzeiros; viver honestamente, hoje em dia, é muito duro...

O reporter não tem a mais leve intenção de fazer propagando, mais a diferença é tão grande que demos de registrar os preços.

E o proprietário vai discorrendo:

— Casacas para vender desde trinta cruzeiros. Para alugar, cem cruzeiros por dia, as mais perfeitas.

O nosso acompanhante olha depois, contristado, para os milhares de ternos que se enfileiram pelas paredes, que ficaram, na sua quase totalidade estragados pelo incêndio e pela água que, há poucas semanas, varreu o andar superior do prédio, inutilizando noventa por cento das roupas ali acumuladas. Diz nos ele:

— Isso tudo vamos vender a quilo para as fábricas de São Paulo.

— E para que desejam elas isso?

— Algumas fábricas paulistas possuem destiadeiras que reverterem toda essa roupa em fios para tecer de novo. E dessa roupa velha fazem outra vez ótimas casimiras. Há uns anos atrás vendemos um estoque encalhado de 8 mil quilos de roupas a dois cruzeiros o quilo. Parece que agora vamos ser obrigados a fazer o mesmo.

Achamos barato de mais o preço da venda. O nosso informante continuou:

— Agora, apesar do aumento que tem tido o preço das casimiras, aquelas mesmas fábricas não nos pagarão mais de um cruzeiro por quilo. Não há outro remédio. Teremos que vender assim mesmo.

O reporter começou a fazer cálculos por conta própria. Um terno de roupa pesa, em média, três quilos; a dois cruzeiros o quilo, são 6 cruzeiros, preço muito barato por sete metros de fazenda, mesmo velha e remendada. Esse mesmo tecido depois de transformado pelos "tubarões" da indústria textil, volta às nossas mãos quinhentas vezes mais caro! E os alquimistas da Idade Média procuraram durante tanto tempo a pedra filosofal...

OS AMBULANTES, CLASSE PRIVILEGIADA

Embora o maior empório do gênero esteja situado no centro da cidade, o bairro dos belchiores acha-se localizado nas ruas do Núncio e Regente Feijó, nas vizinhanças da Praça Tiradentes. E' ao todo uma dúzia de casas que faz o comércio de toda a roupa velha do Rio.

As casas dessa zona têm um outro sistema de negociar. Não compram na porta; adquirem dos ambulantes que, depois de baterem toda a cidade, revendem a mercadoria do dia nas casas de sua preferência. Há ambulantes que pagam imposto porque se dedicam à compra, inclusive, de antiguidades, quadros e tudo mais que apareça. Mas os que negociam somente com roupas e sapatos não pagam nada ao fisco. Estes últimos são em número, aproximadamente, de cento e cinquenta. Os primeiros que se dedicaram a isso foram judeus e sírios. Depois vieram os espanhóis, que se estabeleceram na rua da Carioca, anos atrás. Hoje já há alguns nacionais no meio desses andarilhos.

E' justo que a Prefeitura não se lembre de taxar os que negociam apenas com artigos de vestuários usados pois a luta que têm, além de dura, rende uma ninharia. Falamos com um deles, um dos mais antigos da classe.

A HISTÓRIA DE MOHAMED

Mohamed Bakar, natural de Boneida, cidade da Síria, tem atualmente 56 anos de idade. Apesar disso anda diariamente 20 quilômetros a pé percorrendo todo o bairro de Botafogo, gritando de vez em quando, com as forças que os seus pulmões lhe concedem e com sua voz estropiada: —

— "Rocoupa veeelha, fregueeeis..."

Trabalha como ambulante de roupas usadas há 22 anos, sendo um perito em conhecer a profundidade de um rasgão, mesmo disfarçado, e em calcular o tempo de vida útil de um terno de segunda mão. Não se casou, porque, como ele mesmo diz, nunca conseguiu ganhar o suficiente para se dar a esse luxo. Hoje, na fase áurea da inflação, consegue ganhar com muito suor e muito cansaço, uns magros oitocentos cruzeiros mensais.

Quando o encontramos, com um embrulho enorme de baixo do braço, ia para a casa do seu amigo Harouch, vender o produto de um dia de trabalho. Pedimos para ver o que continha: 2 roupas de linho, velhíssimas e 1 calça de panamá. Perguntamos-lhe quanto pagara pelo lote:

— Cincoenta mil réis por tudo, sim, senhor.

Achamos uma pechincha e o nosso fotógrafo pôs em dúvida a sua história de miséria. "Vai ver quanto não ganha nisso" — disse-me Viana.

O mascate escutou e desfez a dúvida:

— Engano, "seu" moço. "Seu" Harouch, que é meu amigo, não pagará mais de 65 mil réis.

O ambulante Mohamed não aprendera trocar os réis pelo cruzeiro.

Percorremos várias lojas do ramo. Os preços eram idênticos; não admitiam concorrência do comércio de luxo: sapatos a 10 cruzeiros; casimiras a partir de 30 cruzeiros; camisas a 12 e tudo o mais pela mesma tabela. Será que esta especialidade de comércio gera ausência de ambição nos que a ela se dedicam? E' certo que o mercadejar com pessoas que vendem até a última camisa para pagar uma dívida de jogo e com outras, que se pavoneiam no Muni-

(Continua na pág. 38)



Na página ao lado, ao alto: Estão vinculados no rosto do adeleiro seus vinte e dois anos de sacrifícios. Preparativos para a sessão solene de logo à noite: o reporter conseguiu fixar o momento em que o "mestre" acabava de "cortar" uma casaca para o falso granfino. Em baixo: uma floresta de tecidos de lei: — com os paramentos sacros de um dos nossos belchiores poder-se-ia celebrar a missa. Não falta nem o crucifixo bento nas festas do Senhor do Bonfim.



BELAS ARTES

O salão do nono andar da Associação Brasileira de Imprensa está rivalizando, presentemente, com o Museu de Belas Artes. Na verdade, excelentes exposições de pintura estão sendo ali realizadas ultimamente. Depois de se encerrar a esplêndida mostra dos "Nove de Milão", realizou-se no 9º andar da A. B. I. uma interessante exposição dos pintores Carlos Frederico e Nagasawa, muito apreciada por todos os que a visitaram e na qual se pretendeu ter inaugurado uma exibição de quadros de Di Cavalcanti, uma das figuras mais significativas do movimento modernista brasileiro.

Nesta página aparecem, em cima, à esquerda, uma reprodução de um dos quadros de Di Cavalcanti; à direita, o quadro "Desnudos", de Carlos Frederico; em baixo, "Floresta", de Nagasawa.



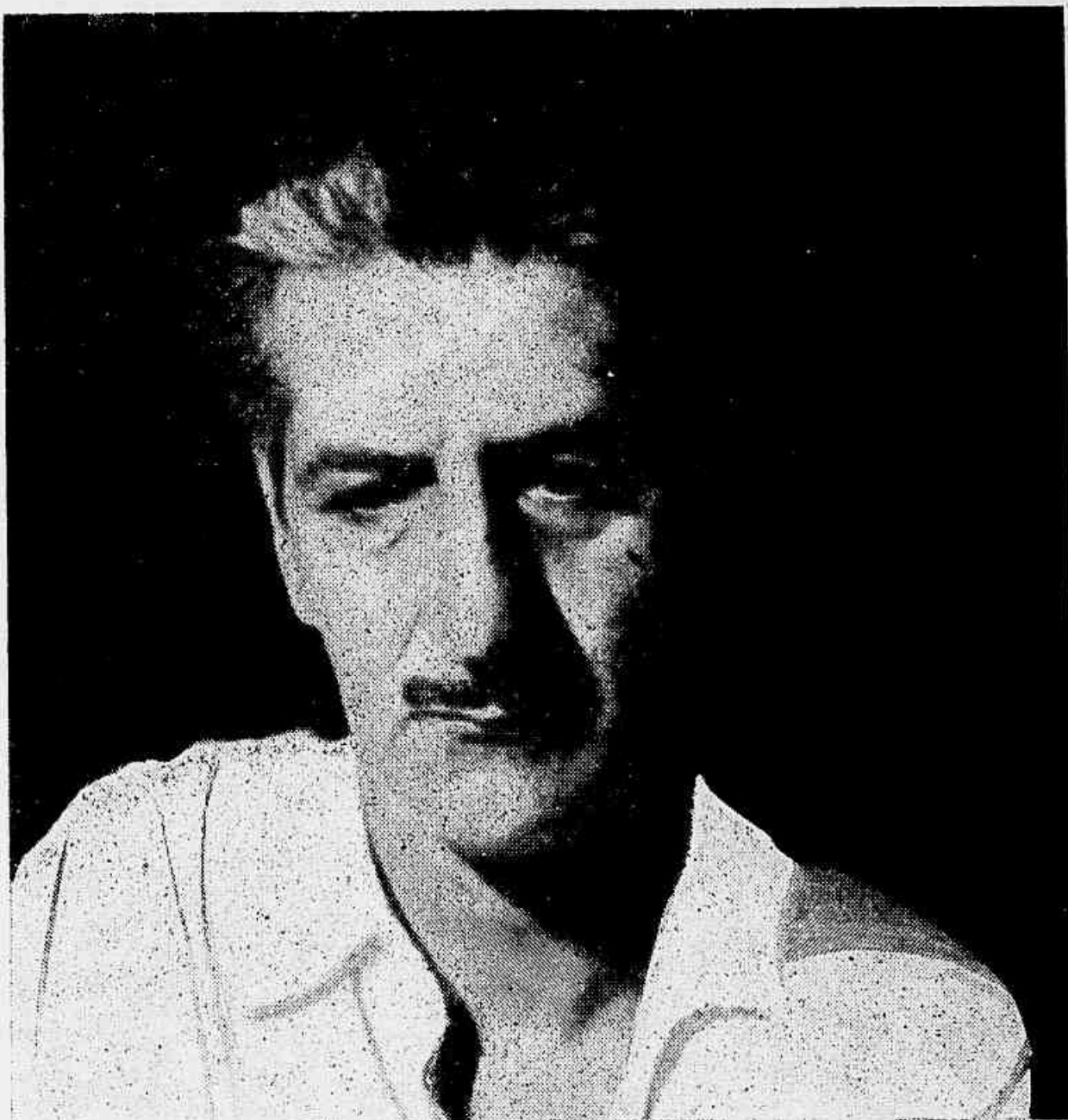
NUM prosaico chalé da Avenida Suburbana, ali na Piedade, no dia vinte e quatro de março de 1922, nasceu Miguel Gustavo, um dos mais ativos elementos do rádio carioca, ora integrando o quadro redatorial da Rádio Globo, na qual escreve vários programas, inclusive "Páginas Escolhidas". Pesando sessenta e poucos quilos e tendo um metro e setenta e cinco de altura, inicialmente trabalhou na Rádio Vera-Cruz, desempenhando as funções de locutor, redator, discotecário e qualquer coisa que aparecesse para fazer das nove da manhã às nove da noite. Dessa estação transferiu-se para a PRE-3, onde veio a desposar Sagamor de Scuvero. Como qualquer cidadão, Miguel Gustavo tem suas preferências no rádio. No setor feminino, sua artista predileta: Sagamor de Scuvero. Entre os homens, admira Ghironi, Almirante, Paulo Roberto, Berliet Junior, Paulo Gracindo, Urbano Lóes, Celso Guimarães, etc. No cinema, seus artistas preferidos são Vivian Leigh, Paul Muni, Ingrid Bergman e Clark Gable. Quanto ao teatro, acha muita graça no Afonso Stuart. Torce pelo Flamengo, gosta da cor azul e não tem pratos preferidos, uma vez que o menu de "Cozinhando pelo rádio" é muito grande e muito complicado. Amante dos bons livros, diz que seus escritores prediletos são: Alvaro Moreyra, Vargas Vila, Agripino Grieco, Humberto de Campos, Stefan Zweig, Van Loon, José Enrique Rodó e Unamuno. Pratica a natação e jogava "basket-ball" antes de usar lentes quatro e meio... Miguel Gustavo, que é um trabalhador infatigável, possui um livro de poesias pronto para o prelo, além de uma peça em verso.



MARIA HELENA, locutora que a Rádio Mayrink Veiga apresenta em seus programas de estúdio, nasceu em Conselheiro Lafayete, em Minas Gerais, a 28 de novembro de 1915, contando atualmente, trinta e um anos incompletos. Seus primeiros estudos realizou-os numa escola de religiosas. Ingressou no rádio através do "Teatro de Amadores", programa que Atila Nunes comandava ao microfone da Rádio Educadora e que serviu de acesso a diversos elementos que hoje brilham no sem fio. Fazendo uma prova, nesse programa, Maria Helena conseguiu impressionar a comissão julgadora, o que lhe valeu um contrato na veterana PRB-7. E conduziu-se com tamanho acerto nos espetáculos de rádio-teatro dessa estação, que a Nacional não tardou a chamá-la para integrar o seu elenco. A PRE-8 irradiava então a novela "Em busca da felicidade", em que Zezé Fonseca fazia um dos principais papéis. Vitor Costa resolveu experimentar Maria Helena nessa novela como narradora. Resultado: a locutora matou a radio-atriz tornando-se ela em pouco tempo um nome familiar e admirado por quantos acompanhavam as histórias seriadas. Na Rádio Nacional, permaneceu até 15 de abril de 1944, quando assinou contrato com a PRA-9, onde se encontra até hoje. Dedicando-se exclusivamente ao rádio, Maria Helena pouco tempo pôde dedicar a outros divertimentos. E quando tem uma folga aproveita-a para cuidar de suas duas filhinhas, a quem muito adora e que no momento estão internadas num colégio.



LÚ MORENO é, na realidade, Espéria Tartarine. Sob aquele pseudônimo, essa agradável intérprete de tangos e boleros que a Rádio Club do Brasil apresenta na sua programação de estúdio e nas audições de "Fim de Samba", está alcançando grande popularidade. Nascida a 17 de dezembro de 1917, já aos vinte anos estava trabalhando ao microfone da Rádio Mayrink Veiga, animando com sua voz delicada o programa "Hora do Almoço", em que pontificavam "astros" de primeira grandeza, como Cinara Rios, Ciro Monteiro e tantos outros. Dessa estação transferiu-se para a Transmissora, onde recebeu vantajoso convite de uma "boite", logo aceito pela cantora. Vieram então as excursões pelos Estados, sempre coroadas de êxito financeiro e artístico, até que a guerra surpreendeu a bordo do "Baependy". Nesse navio, quando pretendia alcançar Pernambuco, um submarino nazista a fez mudar de rumo. E' que torpedeado o barco brasileiro, Lu Moreno viu-se à mercê do destino, enfrentando perigo de morte, mas conseguindo salvar-se após ingentes esforços. Interrompeu por instantes sua carreira artística, procurando refazer-se do choque. Novamente no Rio, recebeu uma proposta da PRA-3 para animar o programa de melodias argentinas, irradiado às terças-feiras, sob o título "Inspiração". Lú Moreno é uma dessas morenas tropicalíssimas. Possui olhos sonhadores e invejável dentadura. Tem predileção por tangos e boleros, possuindo uma completa coleção desse gênero. Seu divertimento predileto é o cinema, preferindo os filmes de Errol Flynn, Clark Gable, Maria Montez e Rosalind Russell. Coleciona selos e autógrafos e... dinheiro, quando sobra. Não acredita em superstições, apesar de receber o número treze...



NUM dia sete de fevereiro de um ano não muito distante, nasceu no Distrito Federal. José Assad, que mais tarde se tornaria popularíssimo no meio radiofônico com o pseudônimo de Berliet Junior. Depois de aprender as primeiras letras, travou relações com o balcão de uma casa comercial, até que os garimpos o atraíram para a mineração. Viajou para a Ásia, sentou praça na "Legião Estrangeira" e nela permaneceu entre a Síria e Marrocos, pelo curto período de cinco anos. Regressando ao Brasil, Berliet Junior foi ser cobrador da Rádio Cruzeiro do Sul, único meio que encontrou para ingressar no rádio. Enquanto iniciava o estudo de advocacia, tratou de escrever peças para o microfone, embora o ambiente em que trabalhava fosse o mais desanimador possível. Contudo, em 1937 estreou com um "sketch" para o programa "Seu Manoel, Seu Joaquim e a Balbina". dele extraindo a soma de... quinze cruzeiros, afora uns aborrecimentos com a colônia portuguesa. Nessa emissora escreveu ainda "Salomé", rádio-peça premiada no concurso do jornal "Meio Dia", que morreu de nazismo recolhido... Passou-se depois para o programa Casé, lançando "D. História, com licença" e "Defensores da lei". Mais tarde transferiu-se para a Mayrink Veiga, onde criou "Teatro Flamour", "Lendas Maravilhosas". "Espumas da Vida", "De tudo, um pouco", "Teatro Sherlock" e "Os três mosqueteiros". Por essa época lançou na Rádio Mauá o "Teatro Cívico Brasileiro" e "Rosário de emoções". Agora, Berliet Junior vem de transferir-se para a Tupi, para apresentar a "Novela Esportiva" e "O mercado de Bagdad", além de um programa policial, cujo nome é ainda segredo. Ele é casado e tem três filhos, sendo que a filha Rosinha, que é sua secretária, possui grande inclinação para a carreira do pai.

GENTE DE RADIO

DE QUATRO
EM QUATRO

Instantâneos biográficos escritos especialmente para a REVISTA DA SEMANA
Por ARMANDO MIGUEIS

A JANELA DO HOSPITAL

No quarto de hospital o mundo lá fora era uma paisagem incompleta que ela enxergava através da janela estreita. O corpo se estendia na cama muito quieto porque se fizesse um único movimento viriam logo perguntar-lhe se desejava alguma coisa e ela não queria mais ser tratada como criança.

Estava cansada de tudo e principalmente de aquelas eternas visitas que sempre faziam as mesmas perguntas e teciam sempre os mesmos comentários.

— Sentiu alguma coisa?

— Apendicite? Ah... é uma operação à lá...

— Logo estará pronta para outra...

Gente sem imaginação. Gente sem alma. Gente que só sabia trazer-lhe bolacha temerosa de visitá-la sem alguma coisa na mão. Gente que ia para lá comer as bolachas que as outras visitas haviam levado e para desfilir uma infinidade de tenebrosos casos de hospital.

Mexeu-se de leve na cama.

— Vem se dorme menina, sendo a noite não baixa.

— Não tenho sono e quero olhar a chuva.

A resposta veio rápida. Sabia, porém que não a desculpariam pelo seu estado e isso era tão irritante quanto o ter que ficar ali estovizada a uma cama.

Olhou mais uma vez o pedaço de céu que a janela do quarto fazia enxergar.

Era um pedacinho só, um pedacinho de zento e feio. Uma angústia indefinida cresceu dentro dela e teve vontade de chorar. "Aquilo" não era janela! Por que construíam janelas sem paisagem? Não podia saber se o mundo lá fora era mesmo de sempre porque o pedaço de zento que enxergava não era céu. Não sabia dizer o que era, mas sabia — sim! — que o céu devia ser azul. Aquela janela não podia ser janela! Era um pedaço na parede.

As nuvens estavam grossas e escuras e a chuva caía monotonamente. Pouco pouco conseguiram a aparecer no pensamento imagens há longo tempo perdidas. Quando era criança... (Fazia mesmo muito ou pouco tempo?... Quando a criança costumava ficar horas e horas olhando, adivinhando todas as formas que as nuvens tomavam. Qual a criança que nunca brincou com o céu? Ela se detinha longas horas na contemplação e pensava coisas estranhas que só as crianças podem ou têm o direito de pensar. Aquela massas enormes, inconstantes pareciam pessoas que haviam morrido e não podiam entrar no céu. Uma vez até reconheceu o cachorrinho que havia sido amarelado e ficara uma porção de tempo pensando na injustiça de não "deixarem" o cachorro entrar no céu...

Agora... a mesma sensação infantil voltava. Envergonhava-se dos próprios pensamentos. A culpa era daquele buraco na parede que lhe mostrava as nuvens e a chuva caindo, caindo...

Mexeu-se novamente com um suspiro de aborrecimento.

— Shiu! Quietinha!

Diabo! Por quanto tempo tinha que ficar naquela posição olhando aquele pedaço cinza de céu, aquela água tombando monotonamente, aquela "gente" caindo, uma a uma, pingando por pingado...?

Naquele momento também os trovões começavam a manifestar-se. Não eram fortes. Nem eles nem nada. Em tudo aquela sensação de fraqueza com a que sentia no corpo e na alma. Os trovões por exemplo pareciam um coro de lamentos a muitas vozes. Dolorosos... Um grito alto! Depois outro... e mais outro...

rolando um por cima do outro, cada vez mais longe, cada vez mais fraco, cada vez mais doloroso... Nenhum grito de revolta. Apenas dor, resignada e implacável dor...

Não! Não receberia mais ninguém! Não queria mais bolachas nem histórias de hospital, nem comentários bobos. Era jovem. Ninguém percebia isso? Não era uma criança nem doente. Não queria ser mimada nem ficar na cama, torturada por aquele pedaço escuro de céu, sem saber se o mundo continuava a existir. Não queria ficar olhando a chuva, estirada como um peso morto, sem força, sem desejo e sem reação. Queria, sim, pular da cama, atravessar a janela, descalça, de cabeça descoberta e ir lá fora molhar os cabelos, o rosto, a boca, beber a chuva, beber a vida que entrava pingando a pinga pela terra a dentro!...

Fechou os olhos extenuada com os próprios pensamentos e ouviu alguém dizer: "Fale baixo que ela vai dormir". Jurou a si mesma resistir ao sono e ficou assim de olhos cerrados, sonhando coisas belas que não falavam de bolachas ou visitas de família. Grandes cestos de flores chegavam a toda hora... Presentes de admiradores desconhecidos... Poesias maravilhosas falando de sentimentos maravilhosos... Flores e poesias... Flores e poesias...

Adormeceu quase sem sentir, envolvida pelo torpor dos sonhos e da onda quente de uma coberta. Perdeu a noção das coisas e das emoções mas, quando acordou depois de muito tempo, continuava a chover no mundo "lá fora" e dentro do quarto o ambiente continuava o mesmo. Lembrou-se, nem soube explicar bem porque, das palavras bíblicas: Nada há de novo sobre a terra. Tudo igual. Tudo parado. Ela doente. A chuva caindo. Nada de novo no quarto do hospital.

— Viu como esse sono lhe fez bem? Você está mais corada.

A frase despertou mais uma vez o sentimento de revolta. Que importava estar

mais corada? Se chovia, se aquilo era um quarto de hospital e se era ela a doente?

— Daqui a pouco vai receber uma visita, sabe? Eu disse que você estava dormindo mas que ia acordar de uma hora para outra. Ele está esperando lá embaixo.

— Ele?...?

— Sim. O Wilson.

Ela ficou alguns instantes imóvel na cama, segurando a coberta, procurando entender bem as palavras.

— O Wilson?... Mas... quem que disse para ele?...?

— Ninguém. Ele soube porque foi pedir um livro emprestado e lhe disseram que você estava aqui. Quis logo saber o nome do hospital e o número do quarto.

Alguma coisa começou a despertar dentro dela e a murmurar baixinho, só para ela, que havia, sim, devia haver, algo de novo sobre a terra. Agora precisava saber se estava mesmo mais corada. Precisava também de um pente. Será que ninguém percebia que precisava de um pente? Onde estava, afinal, esse pente? E a fila de cetim verde? (Podia gritar a vontade que todos culpariam seu estado...) Depressa! Antes que ele subisse. Sim. Sim. Podiam mandá-lo subir, lógico! Iam deixá-lo lá embaixo, esperando à toa?...?

Arrumou-se na cama o melhor que pôde e preparou o mais infantil dos sorrisos para quando ele entrasse. Puxou um pouco as cobertas para aparecer muito protegida e minúscula no meio da cama branca.

Quando ele entrou (mas como era moreno!) estava um tanto embaraçado. Não sabia o que fazer nem o que dizer e

(Continua na pág. 49)



O BISPO DE AREOPOLIS

A 5 de Março de 1758, no mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro reinava silêncio maior que o costumeiro silêncio claustral.

Pesava luto sobre o mosteiro.

Em sala da abadia, sala fronteiriça à ilha das Cobras, jazia o corpo embalsamado de um beneditino ilustre, D. Frei João de Seixas da Fonseca Borges, bispo de Areópolis, de título episcopal honorífico sem onus de diocese e de cura de almas entre infieis e pois sem prazo de evangelização.

Dois dias duraram as exequias do bispo de Areópolis, com pompa e seleríssima assistência de gente eclesiástica e mundana.

Liturgicamente nada faltou à cerimônia fúnebre: vespers, noturnos, responsos, laudes, missa cantada, elogio mortuario proferido por frei Gaspar da Madre de Deus.

Na igreja do mosteiro, no seu corpo, lado da Epistola, o bispo teve sepultura. A ela desceu em presença do vigário geral da diocese carioca, de comunidades, de ordens terceiras, de irmandades.

O bispo diocesano, o beneditino D. Frei Antonio do Desterro, velho amigo do bispo extinto, por enfermo fôra forçado a ausencia, lamentando o impedimento.

Contada a morte do bispo de Areópolis, diga-se algo de sua vida.

D. João de Seixas da Fonseca Borges nasceu no Rio de Janeiro, a 6 de Maio de 1691. Era filho de Francisco de Seixas da Fonseca e D. Maria da Rocha Fiuza, esta carioca, aquele português de Lamego e homem de linhagem.

Houve o casal tres filhas e dois varões. Duas das filhas tornar-se-iam monjas em Portugal, no mosteiro de Chellas proximo de Lisboa. Uma filha do casal, Francisca de Seixas da Fonseca, das irmãs seria unica a casar, com Bernardo da Silva Ferrão, militar que chegaria a tenente-general.

Os dois filhos do casal Seixas da Fonseca seguiriam carreiras em tudo diversas, o mais velho, João de Seixas entenderia ser frade, o mais moço, Manoel de Seixas em vida militar sargento-mór.

Educados os filhos, e com primor, Francisco de Seixas e D. Maria Fiuza, decidiram fixar-se em Lisboa, após muitos anos de habitação no Rio de Janeiro onde lhes nascera toda a descendencia.

Francisco de Seixas da Fonseca fez o que fazem

até hoje muitos portugueses no desejo de túmulo onde tiveram berço.

Liquidados cabedais de vultro, Fonseca e sua mulher deixaram para sempre a terra brasileira na qual entretanto por descendencia haviam de ser lembrados, a descendencia provinda do enlace de sua filha Francisca e do tenente-general, que em Minas teria familia tida, a viver conforme a lei da nobresa.

Vinha agora mencionada de perto a existencia de João de Seixas da Fonseca Borges, o bispo de Areópolis.

Findos estudos preparatórios, João de Seixas foi à Bahia, a ser jesuita. Não vestiria roupeta. No Rio de Janeiro trocava-a por cògula beneditina, ordenado sacerdote por mãos do bispo do Rio de Janeiro D. Francisco de São Jeronimo. Isto em 1716, tendo João de Seixas professado em 1712 com o nome de frei João da Madre de Deus para que, de futuro, com o maior lustre e em premio de serviços, o bispado de Areópolis restituísse inteiro ao monge o nome de familia.

Transferido à Bahia, frei João da Madre de Deus no mosteiro da sua ordem na cidade do Salvador, ouvindo bons mestres, afinçou estudos de Metafisica e Teologia.

Da Bahia passou a Lisboa de onde, em 1727, alcançou licença do papa Bento XIII para ir a Roma, precedido de fama intemerata. Tanta que após um ano de chegada, o pontifice conferiu-lhe o bispado titular de Areópolis. Ficou Seixas á esperar preconização em consistorio, suspenso este pelo rompimento de relações entre Portugal e a Santa Sé.

Aguardando concordia entre o espirital e o temporal, no habito das suas desavenças mutuas, o bispo de Aeropolis dirigiu-se a Florença, capital do grão-ducado da Toscana, numa Italia então de Estados em retalho.

Bem acolhido na còrte de Florença, aí lhe acometaram o coração dois sucessivos golpes fundos quais os da perda de mãe em 1729 e de pai em 1730, ambos falecidos em Lisboa.

Em Florença ainda recebeu o bispo de Areópolis a noticia da morte do papa Bento XIII substituido por Clemente XII.

A eleição deste facilitou a restabelecimento das relações pontificias e portuguesas apresentando-se ramos de oliveira.

Poude o bispo tornar a Roma, poude o bispo sem maior delonga ser preconizado e sagrado, bispo brasileiro.

leiro de sagração na igreja de Santo Antonio dos Portugueses.

Tornou então o prelado a Florença, a despedidas de Genova viajando para Lisboa.

Entre sucessos dos seus dias na capital lusitana contou o bispo a celebração de missa pontifical no convento de Chellas, missa ouvida pelas irmãs brasileiras do celebrante, freiras em Chellas.

Com licença da rainha Mariana d'Austria, mulher de D. João V a governar o reino por enfermidade do marido o bispo de Areópolis partiu para a Bahia, tencionando aí ficar no convento de Brotas.

Mas se os bispos dispõem, com muito mais razão, no que lhes diz respeito Deus dispõe. Foi disposto que o bispo de Areópolis se recolhesse ao mosteiro carioca de São Bento.

Aplicando bens havidos de seus pais, o bispo comprou a fazenda da Bica, a pouca distancia do Rio de Janeiro, a fazenda se prestando á pecuaria e á vida pastoril.

Entre a sua propriedade rural e o mosteiro de São Bento o bispo repartiu tempo e como a fazenda fosse um sitio solitario, a tres leguas do Rio, no bispo pedia afigurar-se que o silencio do campo continuava seu tanto o silencio de sua cèla no mosteiro.

A este, sentindo avisos de morte, recolheu-se de vez o bispo e no gremio de sua comunidade, vitimado por um aneurisma, entregou alma ao Creador, justo em dia de paz do Senhor, domingo 5 de Março de 1758.

Nesse dia, com signos de divino, expirou D. João de Seixas da Fonseca e Borges, bispo de Areópolis, com 67 anos de idade e 25 de mitra e báculo.

Legou todos os seus bens, inclusive a fazenda da Bica, ao mosteiro carioca de São Bento, provendo familia monastica de bastantes cabedais.

Estará concluido o escoreço biografico do bispo de Areópolis? Sim, mas á margem de tal escoreço é curiosa assinalar um parentesco e tambem evocar uma cena todo de história patria.

Uma irmã do bispo de Areópolis, Francisca de Seixas da Fonseca, como já foi dito, casou-se com o tenente-general Bernardo da Silva Ferrão.

Matrimoniado no Rio de Janeiro, com filhos aí nascidos, foi o casal estabelecer-se na capitania de Minas, de ferreo coração em Vila Rica onde o ouro não faltava, até para dar nome á vila quando ascendida a cidade.

Na prolifica descendencia de Silva Ferrão e Francisca de Seixas, de grão em grão, se chega a uma joven á qual o destino parecia prometer muito quando todavia lhe fa negar ventura.

Tal joven era a noiva de Tomás Gonzaga, Marilia de Dirceu da qual, por linha materna, o bispo de Aeropolis foi tio bisavô de sobrinha que não chegou a conhecer.

Lembrado tal parentesco, seja evocada a prometida cena a entender com a história patria numa de suas paginas iniciantes do seculo XVIII.

A 19 de Setembro de 1710, travavam-se combates no Rio de Janeiro. Era a cidade invadida por expedição franceza capitaneada por João Francisco Duclerc e desembarcada em Guaratiba passando antes pela Ilha Grande.

O Rio de Janeiro resistiu aos invasores, que, do Engenho Velho, vieram para a cidade, passo a passo, de caminho a perder gente sua por não muita a fazer falta.

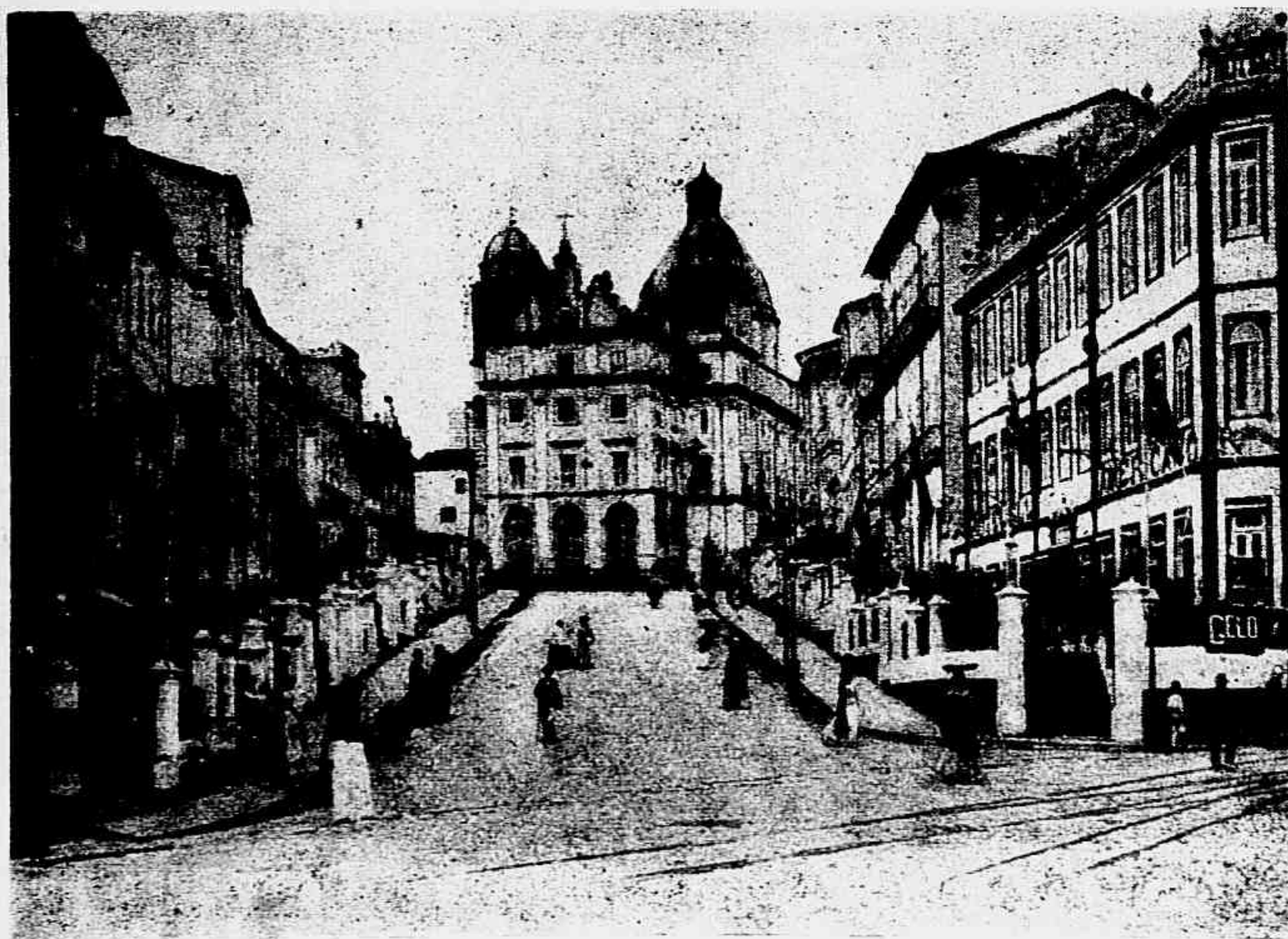
Principal fonte de informação para o conhecimento da vida do bispo de Areópolis, o dictario beneditino carioca refere que na repulsa a invasores "a Companhia dos Estudantes marchou para o campo", guiada a Companhia mais pelos estímulos da honra que pelos dictames da prudencia. Tratando-se de mocidade isto não admira nada.

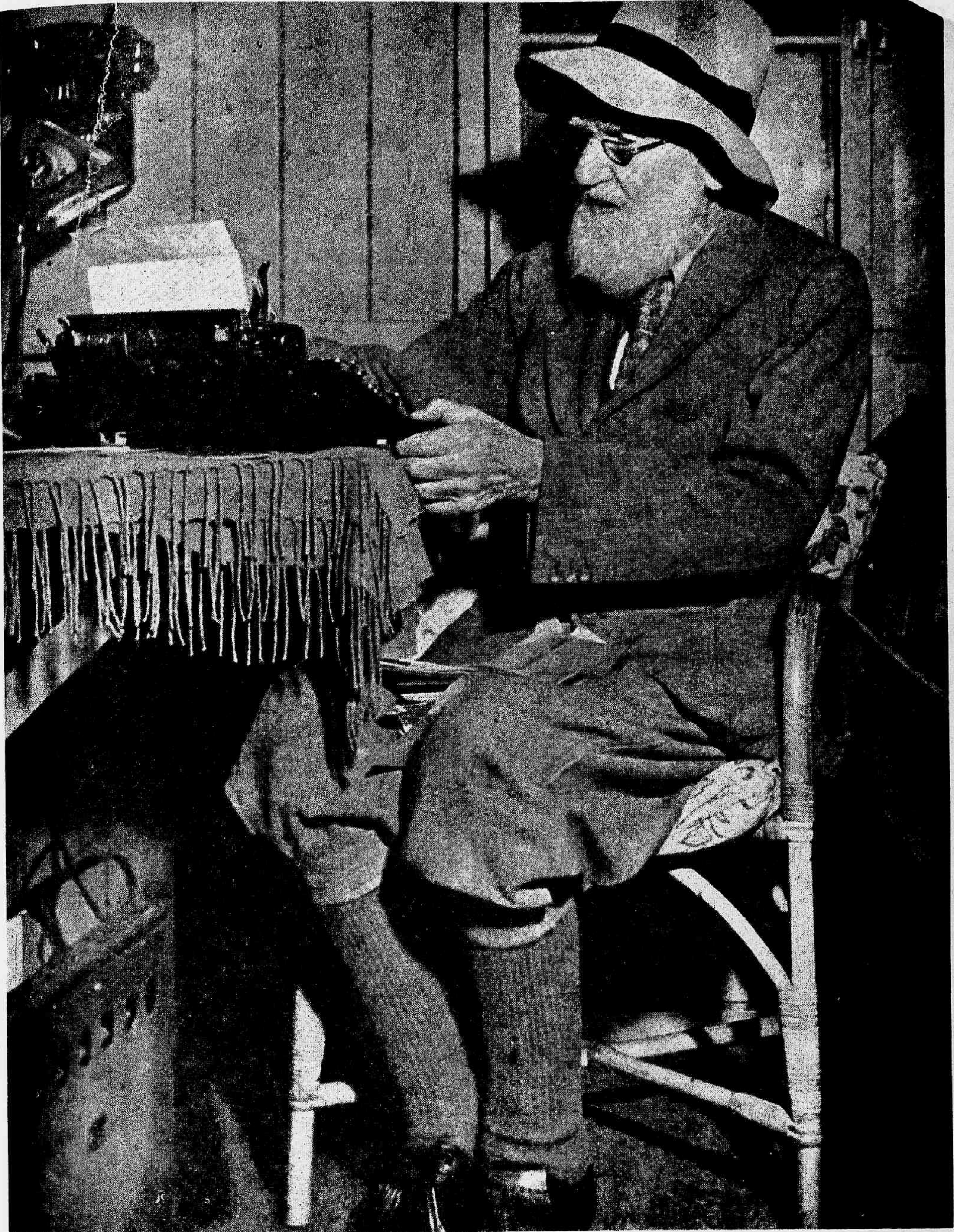
A Companhia dos Estudantes pelejou com denodo protegendo a cidade, contando nas suas fileiras um moço de 19 anos, guapo e dèstro, acudindo á refrega onde esta mais acèsa.

O moço estudante amigo da terra de seu berço, defendendo-a de armas em punho, era em 1710 João de Seixas da Fonseca Borges, no transcurso do tempo monge e bispo titular de Areópolis. Do mosqueito ao báculo, defendendo a patria e a fé.

ESCRAGNOLLE DORIA

Cidade do Salvador. Rua de São Bento. Oo fundo a Igreja de São Bento e o mosteiro onde residia D. João de Seixas, bispo de Areópolis.





G.B.S., aos noventa anos, ainda escreve à máquina e raciocina maravilhosamente bem.

BERNARD SHAW, O ADOLESCENTE DE NOVENTA ANOS...

G.B.S. fez noventa anos. Não é preciso dizer-se na Inglaterra a quem pertencem essas iniciais. São as de George Bernard Shaw, o grande dramaturgo, o homem mais terrível e mais mordaz do mundo. São as do único homem que tem a coragem de mover guerra contra o Império britânico, de colocar-se intransigentemente a favor da Índia, de ridicularizar a guerra que ia acabar com todas as guerras futuras e de hostilizar Winston

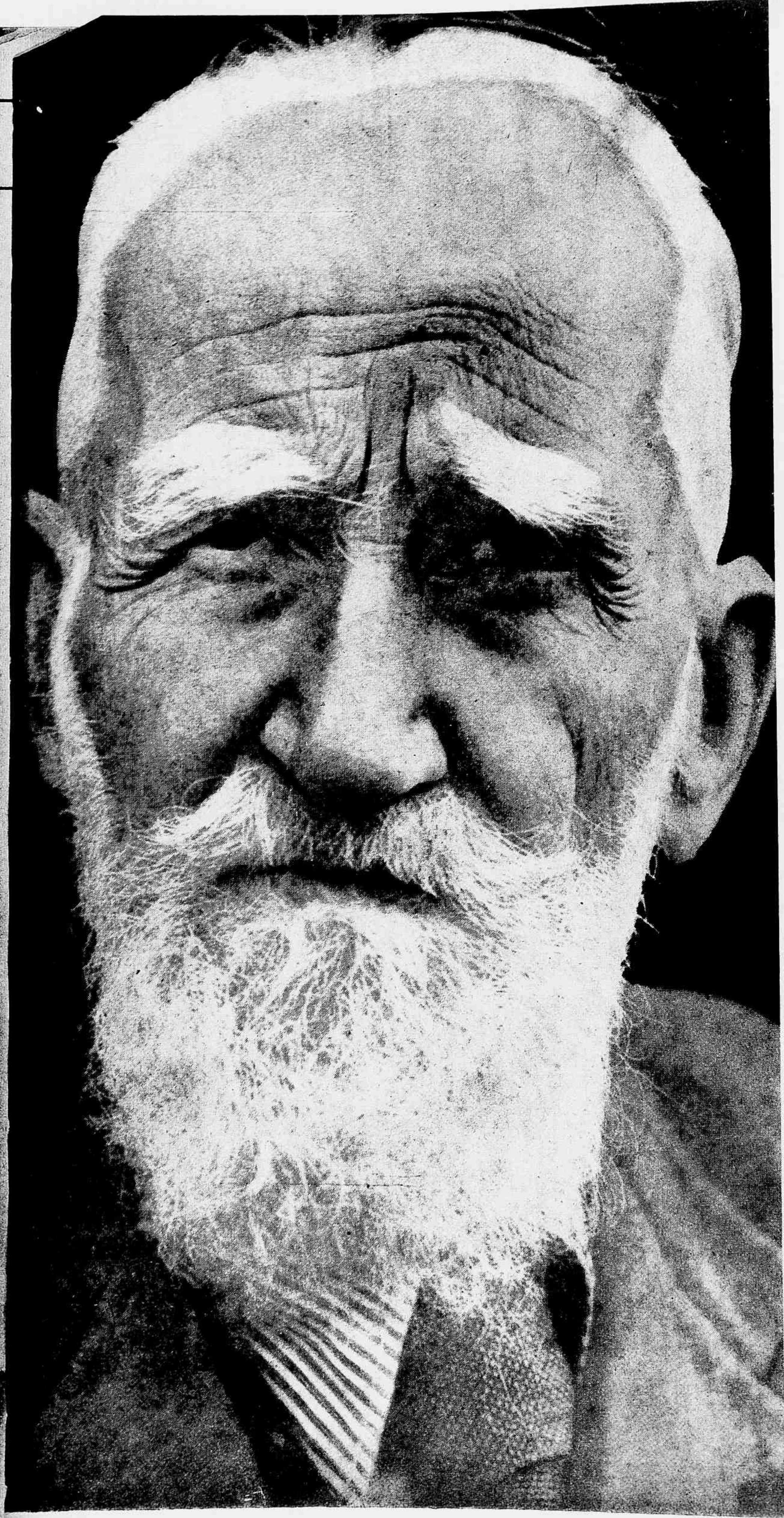
As últimas declarações do famoso dramaturgo que se recusa a envelhecer — Perdeu um dente durante um jantar na casa dos Astor — O autor de "Major Barbara" e a ortografia inglesa.

Churchill quando primeiro ministro, chamando-o de "mestre cantor da vitória". Bernard Shaw é o grande recurso dos jornalistas e das agências telegráficas com

Por ROSE NATWICK

falta de assunto. Querem uma matéria de primeira página, nos jornais do mundo inteiro? É só perguntar o que G.B.S. pensa disto ou daquilo. Todos querem

saber qual é a última piada desse piadista genial. No dia em que ele morrer, todos os jornais devem por uma tarja negra. Todas as agências telegráficas devem mandar corôas ao seu enterro e promover-lhe solenes exéquias. Porque Bernard Shaw não falha nunca. Ou, melhor, se ele falha, a gente inventa uma piada, atribui essa piada a ele e solta-a no mundo, o que vem a dar na mesma coisa. G. B. S. adotou como regra inflexível



G.B.S. na sua mais famosa caricatura, feita pelo "cartoonist" inglês David Low.

namor fosse desmentido. E ele mesmo nos desculpa, generosamente:

— Sei o que é isso... Eu também já fui jornalista...

A ORTOGRAFIA INGLESA

Uma das maiores impicâncias de George Bernard Shaw é com a ortografia inglesa. Partidário da reforma, ele não quer morrer sem ter ganho essa batalha. Mas não é só ele quem se irrita. A ortografia inglesa é um verdadeiro pesadelo para todos os estudantes. "Uma ortografia bárbara e fantasista é o sintoma de um espírito desregrado", escreveu Bernard Shaw, certa vez, ao diretor do "Times". E pediu que fosse nomeada uma comissão para estudar a simplificação da ortografia britânica, de modo que cada som seja representado por uma letra ou fonema e, se necessário, por um sinal, que será expressamente inventado, em lugar dessa ortografia "tão absurda e tão sagrada quanto o catecismo", acrescenta ele.

Nessa campanha, Bernard Shaw tem fornecido muitos exemplos pitorescos. Por exemplo: a palavra inglesa "bomb" (bomba) devia ser escrita "bom" (porque o "b" final não soa). E argumenta que, economizando uma letra, se num minuto pode escrever dezotto vezes de maneira legível a palavra "bomb", poderia escrever de maneira igualmente legível pelo menos vinte e quatro vezes a palavra "bom". Assim, faria uma economia de tempo de vinte e cinco por cento.

E de mais a mais, — declara Bernard Shaw, — sou forçado a confessar que ainda não cheguei a dominar a ortografia inglesa com perfeição (e note-se que sou um rapaz de noventa anos, altura em que a maioria dos ingleses já desistiu de viver). Detesto a idéia, horrível, de uma perspectiva de que, depois da minha morte, meus manuscritos vão ser examinados e todos os que os compulsarem, não de descobrir tão numerosos e frequentes erros de ortografia, que se as sombrarão de que um homem que assim escrevia tenha conquistado o Prêmio Nobel de Literatura. A honra nacional inglesa estará inevitavelmente maculada.

QUESTÃO DE IDADE

Os noventa anos de Bernard Shaw não fizeram decrescer a sua combatividade nem a vivacidade com que responde sempre aos que lhe pisam nos calcanhares. Ainda agora registrou mais uma das suas réplicas contundentes. Esse rasgo se passou quando ele discutia política com um jovem deputado trabalhista.

O senhor está fora da realidade, Mr. Shaw, — disse o deputado. — O senhor está raciocinando com uma mentalidade de noventa anos!

— E o senhor com uma infantil mentalidade de trinta anos, meu amigo! — retrucou Shaw, do alto do seu século e mais dez anos...

G.B.S., o homem que não quis ser pai da Inglaterra e membro da Casa dos Lords.

A porta de sua cabana, que está sempre voltada para o sol, aqui está o homem que não quer morrer sem ter feito a reforma ortográfica na Inglaterra: George Bernard Shaw.

A IRRADIAÇÃO DE "CÂNDIDA"

Embora costume ouvir rádio, G.B.S. às vezes capitula a uma doce e irresistível sonolência. Um dia, uma estação de rádio obteve dele autorização para irradiar sua famosa comédia "Cândida". G.B.S. ficou a postos, para ouvir. Não faltou quem logo quisesse interessadamente conhecer sua opinião sobre o "broadcasting". E ele confessou, com a maior honestidade do mundo:

— A verdade é que eu me sentei perto do rádio e dormi o tempo todo... Pretendia ouvir, mas o sono me pegou... Deixemos de parte o que eu possa pensar e agora me diga você: prestou a irradiação ou não prestou?

GOSTARIA DE TER NASCIDO EM CEILÃO...

G.B.S. diz que, frequentemente, lhe perguntam onde gostaria de ter nascido. A essa pergunta oferece ele a seguinte resposta:

— Vocês já estiveram na ilha de Ceilão? É um lugar pacífico, onde não há pressa, onde ainda não chegou a mecanização... É um lugar onde eu gostaria de ter nascido. Creio que poderia viver bem entre aquela gente...

O NOME DE BERNARD SHAW NÃO PRECISA DE ADORNOS...

Sendo hoje a mais eminente figura do mundo intelectual inglês, um dos maiores ensaístas e dramaturgos do mundo, entretanto G. B. S. não é "Sir", nem "Lord". É verdade que chegou algumas vezes a ser sondado pelo governo inglês, que queria convertê-lo em "Par do Reino", com assento permanente na Casa dos Lords. Mas a resposta foi um não.

— O nome de Bernard Shaw não precisa de adornos... Ele se prestigia e im-

põe respeito por si mesmo, — disse o autor de "O Discípulo do Diabo".

A JUVENTUDE, A VIDA E A MORTE...

Sua opinião sobre a vida é curiosa:

— A vida, feliz ou infeliz, com sucesso ou sem ela, é sempre uma coisa muito interessante...

Entretanto quando lhe falaram na descoberta de uma nova vitamina, que poderia ter o condão de restaurar a juventude humana, ele declarou:

— A juventude não me interessa mais, a não ser nos outros...

— Mas não lhe interessava ser jovem outra vez?

— Não. Em absoluto, — disse o terrível ironista de "O dilema do médico". — Imagine isto: hoje em dia sou G.B.S., célebre e rico. Se eu voltasse à juventude, rico e célebre, iria fazer loucuras, que não pude, nos tempos difíceis em que eu era moço... E quando chegasse à velhice de novo seria um idiota sem remédio. Ao passo que hoje existe sempre um remédio para mim.

— Que remédio?

— A morte...

O QUE HÁ DE DESAGRADÁVEL NA VELHICE

Numa cerimônia recentíssima, durante a qual devia ser-lhe entregue a chave de uma municipalidade, G.B.S. tropeçou, caiu e se feriu ligeiramente numa das pernas, tendo o médico lhe ordenado que ficasse em repouso, durante alguns dias. Nessa ocasião G.B.S. fez o seguinte comentário:

"O que há de desagradável quando se está velho como eu é que as pernas têm sempre primazia sobre a cabeça. Consequentemente, fica-se a tropeçar por toda

(Continua na pág. 55)



A esquerda: Claude Rains e Vivien Leigh, numa cena da mais recente obra de Bernard Shaw adaptada ao cinema: "Cesar e Cleópatra", — já representada no Municipal, do Rio, por Dulcina e Odilon. A direita: Os vários chapéus e bonés do pai de "Cândida", de "Major Barbara" e de outras peças famosas no teatro e no cinema mundial. Nos últimos anos, a fortuna de G.B.S. aumentou consideravelmente, com a venda de obras suas aos estúdios cinematográficos. Uma das últimas foi "Cesar e Cleópatra".



A VIDA DE SIR FRANCIS BACON

(Direitos adquiridos com exclusividade pela REVISTA DA SEMANA com a Livraria do Globo, de Porto Alegre)

[illegible]

For the purpose of this study, the following hypotheses were formulated:

★

★

1. O Estado de São Paulo, no exercício de suas atribuições, resolveu, tendo em vista a necessidade de assegurar a execução das atividades de fiscalização e controle da administração pública, a criação de uma Comissão de Fiscalização e Controle da Administração Pública, com a seguinte composição:

mento da Rainha e Isabel mandou prendê-lo. Embora o soltasse pouco depois, nunca mais gozou ele dos favores dela. Evidentemente o nobre já não era o arquiteto de seu próprio êxito. Inimigos poderosos conspiravam contra ele. Essex principiava a perder a razão e ficou em perigo iminente de perder também a cabeça.

Onde estava o seu amigo Bacon? Que conselhos lhe dera? Que consolações? Indispuera-se o coração da rainha, inexoravelmente, contra Essex, e murmurava-se, nos círculos da corte, que "se julga ser o Sr. Bacon o homem que assim move o coração de Sua Majestade..."

Pois cuidara Francis, de boa política, ficar do lado da rainha agora que Essex já não lhe podia ser de utilidade alguma. Bacon havia sugado de Essex tudo que podia, e já era tempo de buscar novas rendas em outro lugar. Poucas pessoas acreditaram, a princípio, nesses boatos. O próprio "Lord" Robert Cecil, filho do antigo primeiro Ministro e o maior inimigo político de Essex escandalizou-se com a história. Escreveu uma carta a Bacon, "Primo, ouvi dizer mas não acredito, que possais prestar algum mau serviço a "Lord" Essex!" Mas era verdade. Era tudo tão cientificamente certo!

Quando o Estado se aparelhou para julgar Essex acusado de deslealdade para com a rainha, solicitou Bacon que lhe concedessem um papel na acusação. Porque isso grandemente lhe favorecia a carreira jurídica. A decência comum, todavia, impediu Isabel de consentir nesse pedido cruel.

Parecia evidente que o único crime de que Essex era culpado fosse o seu temperamento arrebatado. Ele reunira à roda de si os parentes afim de "dar uma lição" aos que o tinham banido da "luz do sol do sorriso de sua Majestade". Veio o governo a saber das reuniões em sua casa. Obsteu-se-lhe o plano. Preso e encerrado na Torre, definiu-se-lhe incontinenti, o caso, pelo seguinte modo: Seria Essex culpado de impulso violento contra os seus opositores políticos ou de tentativa muito mais séria contra a vida de sua soberania? Poucas dúvidas havia no espírito de todos de que fosse exata a primeira hipótese. Essex perdera a cabeça. Nenhuma acusação de traição deliberada tinha probabilidades de ser lançada contra ele.

Foi Essex trazido diante do Tribunal. E Francis Bacon ergueu-se, com grande expectativa da corte. Bacon não era membro oficial da acusação. Que iria dizer, e em que capacidade? Logo descobriu, o tribunal, que ele desejava falar como testemunha voluntária do Estado, e mais especialmente como alguém que fora amigo íntimo do acusado e que, por conseguinte, possuía um conhecimento completo de suas ambições e motivos. Lá estava, sem dúvida, um testemunho de peso. A corte silenciou. Um brilhante orador, um amável advogado aquele... Que encantadoras maneiras possuía!

Pondo de parte a hipótese de que fosse Essex apenas responsável por um impulso violento, Francis Bacon acusou o conde de conspiração deliberada para usurpar o trono — crime punível com a morte. Com grande e estudada oratória, com todos os recursos de seu espírito à disposição, expôs o caso. Falava, disse ele, não diante de um júri provincial de homens ignorantes que poderiam ser tocados pela emoção, mas diante de um tribunal de juizes doutos e imparciais, e pedia-lhes que encarassem os fatos com a máxima objetividade. Poderia Essex negar haver tentado uma traição contra a pessoa da rainha? "Meus senhores, o próprio Cain, nosso primeiro assassino, simulou impudência afim de encobrir os fatos de seu crime". E entrou a apresentar imponente coleção de casos paralelos extraídos de sua grande riqueza de erudição histórica. Não se acutilara a si mesmo o traidor Pisistrato e irrompera pela cidade, com as feridas a sangrar, incitando o povo à piedade, no mesmo instante em que os seus parentes tomavam, a seu mando, o poder? "Não falo como conselheiro douto da acusação, mas como 'amigo do acusado'", exclamou, numa voz que se daria rouca de emoção. E era como amigo, insistia, que se via obrigado a confessar — embora contra a sua vontade: Essex planejava assassinar a Rainha e apoderar-se do trono. Não podia, conseqüentemente, estar sujeito a circunstâncias atenuantes. Bacon escarneceu da idéia de que tivesse o conde temporariamente perdido a sanidade mental e que pudesse ignorar o que fazia. Essex era um traidor, concluiu, e precisava pagar com a vida pela traição.

Esse testemunho prestado contra Essex por um homem a quem o conde dera uma propriedade, convenceu os juizes. E estes condenaram o infortunado nobre ao cepo.

Quais tinham sido os motivos de Bacon para enviar à morte o seu melhor amigo? Em pagamento dos "serviços prestados" recebeu do Estado mil e duzentas libras. "Ah, bem!", observou tristemente ao enfiar o dinheiro no bolso. "A rainha fez alguma coisa por mim, mas não tanto quanto eu esperava".

E sentou-se para escrever um tratado médico sobre os métodos de prolongar a vida humana.

★

Bacon tinha uma inteligência fértil e multiforme. Tanto podia empregá-la para o bem como para o mal. Se entendia conveniente socorrer-se da traição para abrir caminho no mundo, fazia-o sem preocupações nem remorsos. Quando se sentia num estado de espírito apropriado para isso, achava fascinante mergulhar na filosofia mais profunda. "Possuo uma paixão pela investigação não igualada por nenhum outro homem... Conheço mais jurisprudência do que qualquer inglês. Poderá alguém competir comigo em meu co-

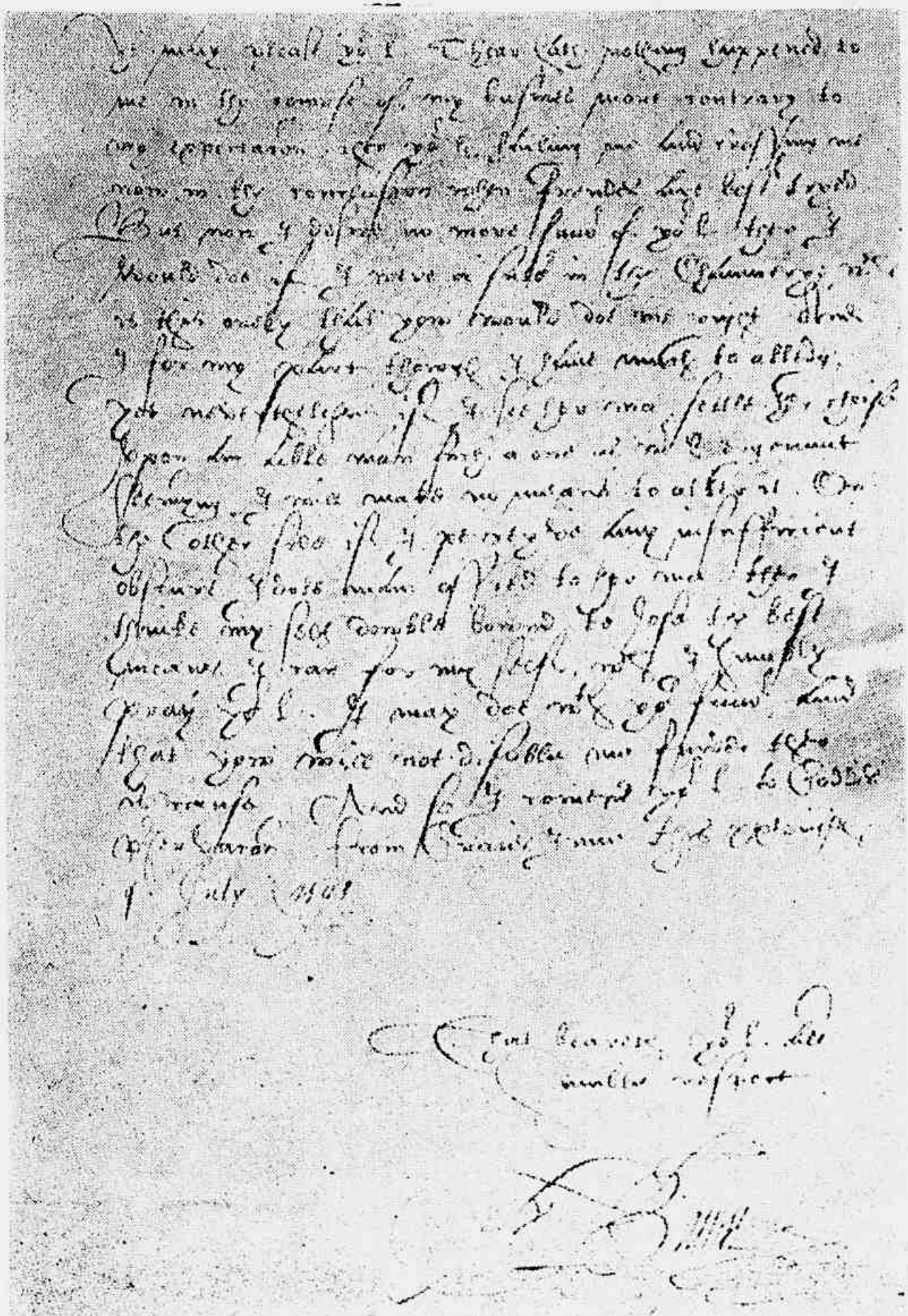
nhecimento de latim e grego?... Sou uma enciclopédia de saber... Compreendi o que está errado em toda a ciência do homem desde Aristóteles". O que atrapalhava nos gregos era o fato de confundirem eles fins e propósitos morais com funções puramente mecânicas. Assim, descreviam uma tempestade não somente em função das condições atmosféricas mas também em função da teologia. Evapora-se a água no ar e cai sobre a terra, diziam, porque Deus quer alimentar as colheitas e fertilizar o mundo para o homem. Essa espécie de raciocínio ingênuo e não científico, declarava Bacon, tinha que cessar. E' mister separar as nossas idéias sobre Deus, das nossas idéias sobre o Universo físico. E devemos julgar as coisas em função de suas funções naturais. Devemos ser modestos em nossos designios e especializados em nossas investigações. Devemos começar não com certezas, mas com dúvidas. Devemos organizar grandes exércitos de homens de todas as principais universidades do mundo, afim de que investigue, cada qual, cabalmente, o seu próprio campo de saber. E assim, através da cooperação comum de trabalhadores sem conta e sem nome, atingir-se-á a soma total da verdade. "Já tracei os planos para essa grande Restauração do Conhecimento. Classificarei os diferentes ramos da ciência natural, distribuindo aos meus trabalhadores a investigação dos problemas não resolvidos em cada campo. Poremos a Natureza a tormento e obrigá-la-emos a prestar o seu testemunho. Essa simples idéia dá-me vertigens. Mas quando encontrarei tempo para organizar tudo isso?"

Mais uma vez foi atraído à prisão por dívida e, mais uma vez, foi solto através da intercessão da corte real. Não eram, contudo, volvidos dois anos sobre a morte do Conde Essex quando, morta a rainha Isabel, o rei Jaime, da Escócia subiu ao trono inglês. Jaime fora muito amigo de Essex. Que embaraço para aqueles que haviam condenado à morte o infortunado conde! Bacon, todavia, não se perturbou. Era chegado o tempo de mudar de rosto! Magistrat analista do coração humano! Tendo constatado que o novo rei se jactava de ser estudioso dos clássicos, enviou-lhe Bacon u'a mensagem de saudação começando com uma linha da vulgata e terminando com uma linha de Ovídio. E declarava no corpo da mensagem, "Não há súdito algum, em todo o reino, que mais desejaria sacrificar-se em holocausto ao serviço de Vossa Majestade". Francis Bacon andava de olho no cargo de Procurador da Corôa.

Verificando que o rei não levava em conta a petição volúvel de Bacon, para Robert Cecil, seu abastado primo. Informou-o de que contraíra novas dívidas e pediu-lhe algum dinheiro. Assegurou-lhe que dissera definitivamente adeus à política, que a sua sede de cargos fora inteiramente sa-

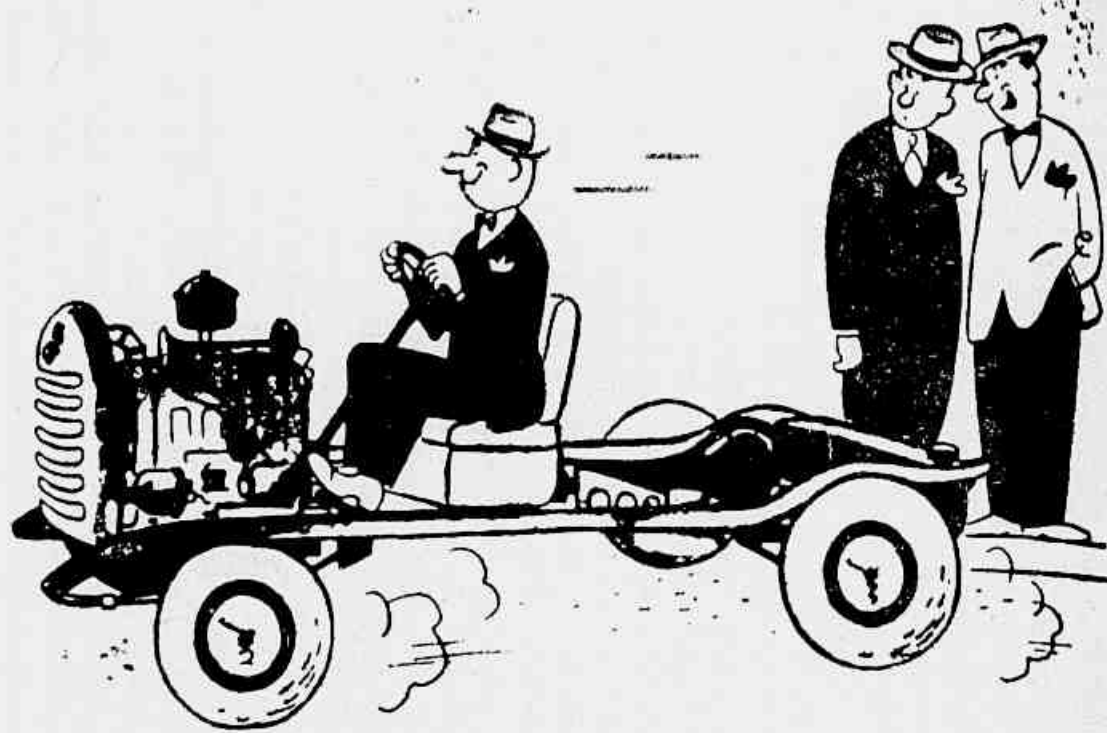
(Continua na pág. 50)

A esquerda: Autógrafo de Francis Bacon numa carta a Lord Puckering. A direita: Francis Bacon, Lord Chanceler da Inglaterra e favorito do rei James, segundo o quadro de Paul Van Somer.





— Se o senhor tirasse os sapatos creio que o trabalho sairia melhor...



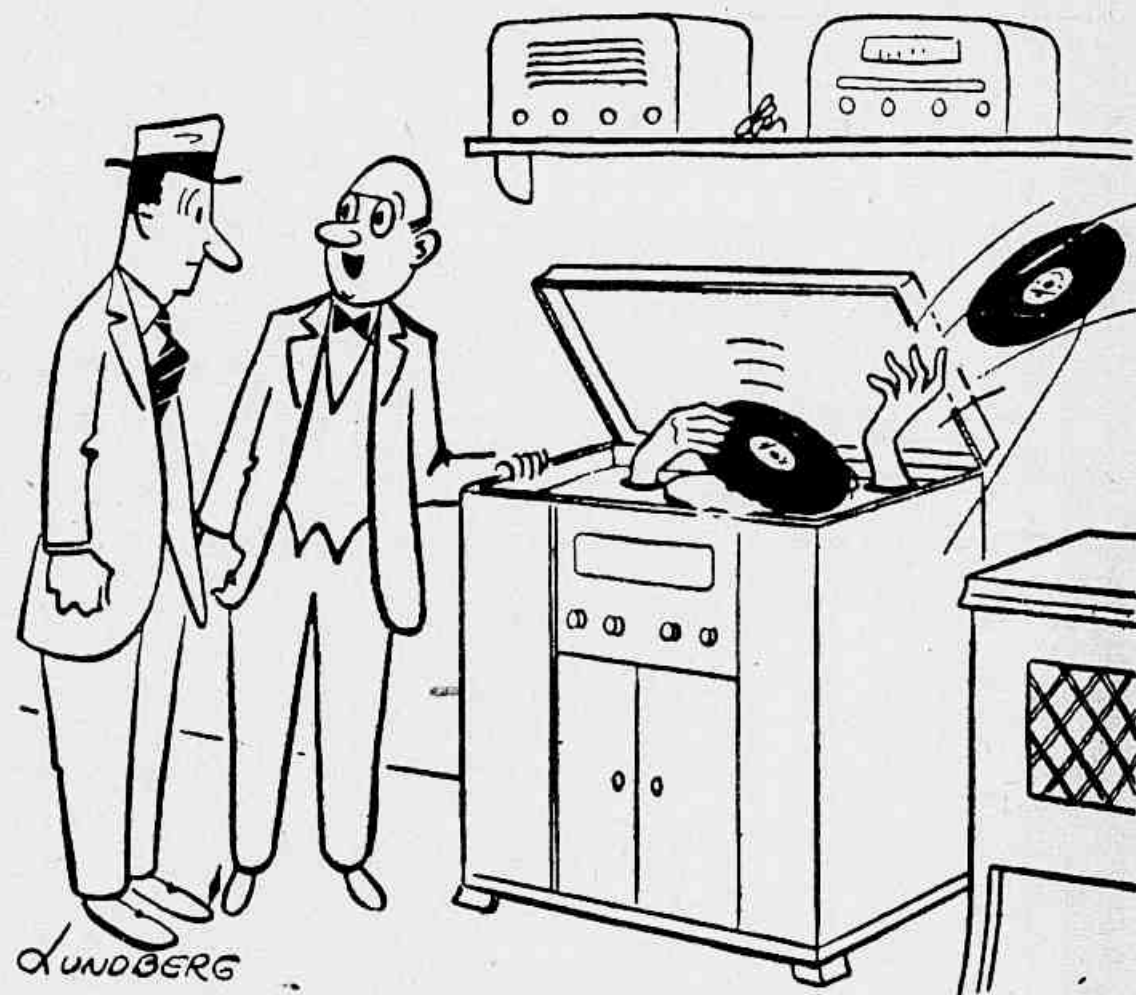
GEORGE WOLFE

— Ele recebeu o automóvel no prazo certo, apenas com falta de algumas peças...



— Assim saberá exatamente como arranjei o meu!

DE BOM HUMOR



LUNDBERG

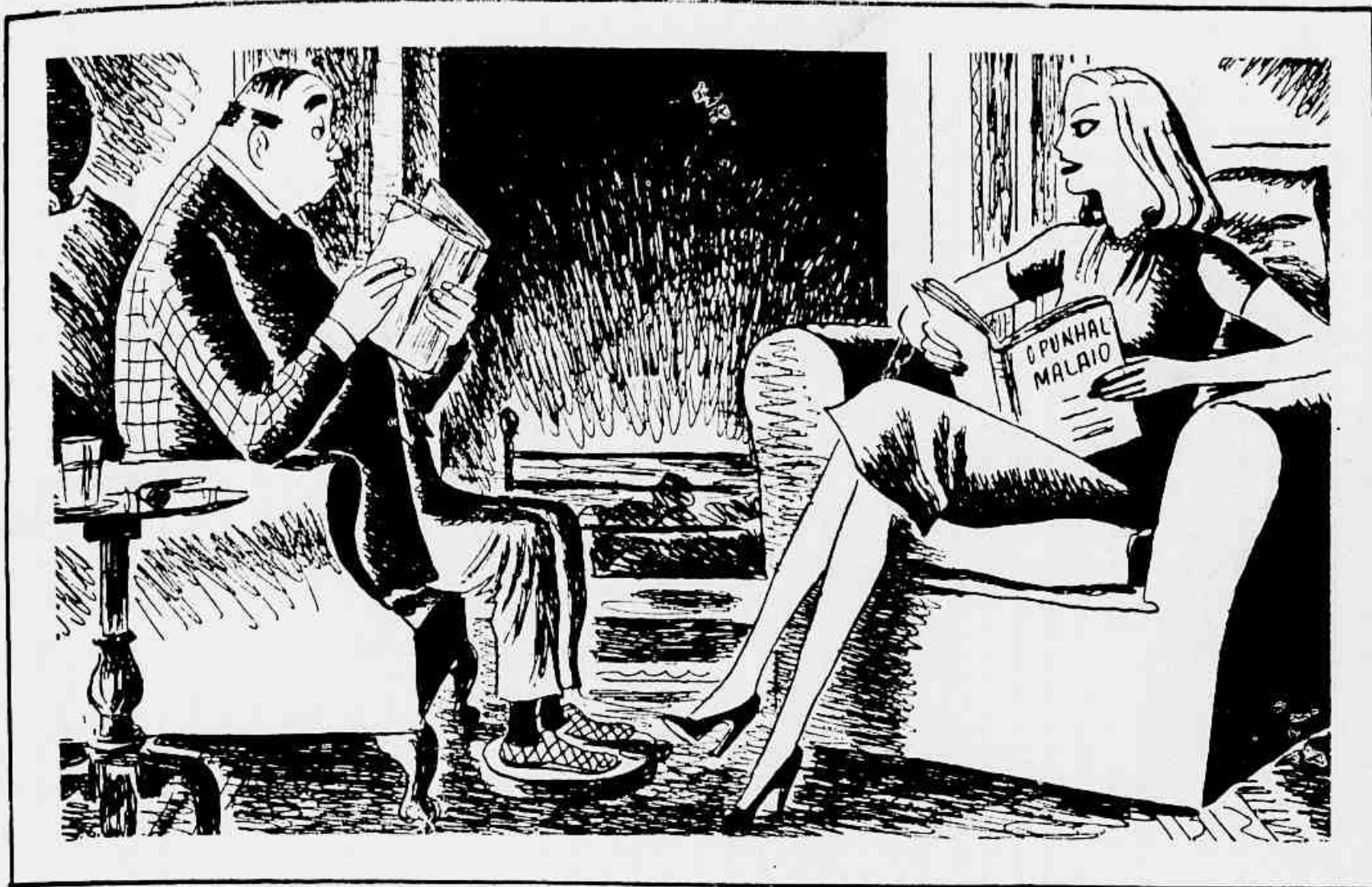
— É uma grande novidade esse novo aparelho automático de mudar discos...



— Desde que eu lhe disse que os pratos são feitos de átomos ela nunca mais quebrou um...



— Veja, mamãe! o sabão REALMENTE flutua!



— Neste romance há um nome exatamente como você... e aposto que ele vai ser assassinado!

— O senhor desculpe, mas só vendo a banheira a quem comprar os três volumes da "História Universal"...



— Aposto que pescou esse peixe! Vê lá se eu sou boba para acreditar que você o comprou!



UMA NOITE MEMORÁVEL NA VIDA DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

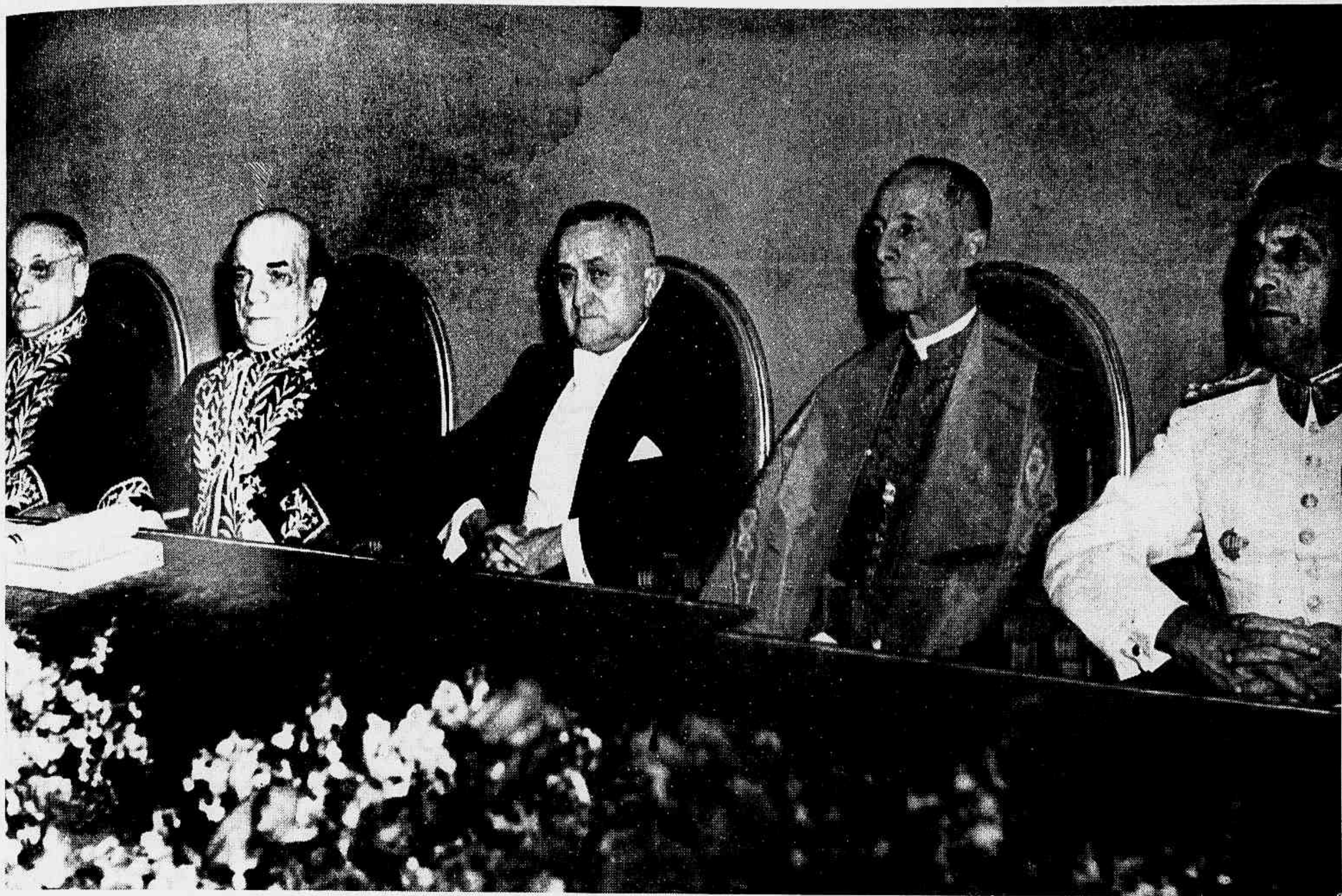
Revestiu-se de grande brilho a posse do novo "imortal", Sr. Roberto Simonsen

A ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS viveu uma das suas grandes noites, na segunda-feira, 8 de outubro, quando se empossou na cadeira número 3 o senhor Roberto Simonsen, expressão de relevo do nosso mundo cultural e autor de várias obras de grande merecimento, entre as quais avulta a já famosa "História Econômica do Brasil". A posse do novo imortal revestiu-se de grande brilho, tendo a presença do senhor Eurico Gaspar Dutra, que, pela primeira vez, depois de presidente da República, compareceu à ilustre Casa de Machado de Assis.

O senhor Roberto Simonsen, eleito por significativa maioria, sucedeu ao posto Filinto de Oliveira, na cadeira número 3, de que é patrono Arthur de Oliveira. Ao tomar posse, o novo acadêmico proferiu notável discurso, analisando a obra do seu antecessor e a personalidade do patrono, para finalmente fazer o elogio da Academia Brasileira de Letras, cujo papel, salientou, cresce e avulta num mundo trabalhado por tantos agentes de dissolução dos valores humanos, visto como salvaguarda o que o espírito possui de mais digno e de mais útil ao enriquecimento do patrimônio intelectual do Brasil e realiza a preservação da própria alma da nacionalidade. Disse, ainda, que nos seus cinquenta anos de vida, a Academia Brasileira de Letras, sem alarde nem vanglórias inúteis, fora para todos os brasileiros um foco luminoso de espirituali-

Ao alto : O acadêmico Roberto Simonsen, quando proferia sua oração. Em baixo : Aspecto da assistência, vendo-se a mesa que presidiu os trabalhos.





Da esquerda para a direita: o acadêmico José Carlos de Macedo Soares, que saudou o novo "imortal"; acadêmico Claudio de Souza, presidente da Academia Brasileira de Letras; general Eurico Gaspar Dutra, presidente da República; Dom Carlos Carmelo de Vasconcellos Motta, cardinal arcebispo de São Paulo, e general Canrobert Pereira da Costa, ministro Interino da Guerra.

dade e uma dignificante expressão do pensamento nacional, sentindo e amando o Brasil em termos de inquebrantável união e de inflexível fraternidade entre os seus filhos. Sob a sagrada invocação desse passado de glórias, era que ele, orador, transpunha os umbrais daquela casa, num solene juramento de fidelidade a essas tradições. A excelente oração foi calorosamente aplaudida.

O embaixador José Carlos de Macedo Soares, recebendo o novo acadêmico, pronunciou um interessante discurso, focalizando com brilho e precisão a vida do senhor Roberto Simonsen, e exaltando o seu amor pelas letras. O discurso do senhor Macedo Soares foi, como era de esperar, muito aplaudido pelos presentes.

Além do chefe da Nação, estiveram presentes ao ato todos os ministros de Estado; o Cardinal Dom Jaime Câmara, príncipe da Igreja brasileira; Dom Carlos Carmelo de Vasconcellos Motta, Cardinal Arcebispo de São Paulo; todos os membros do Corpo Diplomático; altas autoridades civis e militares, e um grande número de figura de destaque da sociedade paulista e carioca.

Elementos destacados da sociedade brasileira, entre os quais vêm-se as senhoras Roberto Simonsen e Gastão Vidigal, senhor e senhora Batista Pereira, e o Dr. Gabriel Monteiro da Silva, secretário da Presidência da República.



A ILHA DO ÆPYORNIS





O HOMEM da cicatriz no rosto inclinou-se para cima da mesa e examinou o meu trabalho:

— Orchis? perguntou ele.

— Alguns.

— Cypridiums?

— Sim, principalmente.

— E alguma coisa de novo? Seria de admirar. Tenho perlustrado estas ilhas há vinte e cinco, não, vinte e sete anos. Se o senhor aí encontrou alguma espécie ignorada, não podia ser senão uma planta recente. Eu não deixei grande coisa...

— Não sou colecionador, respondi eu.

— Era eu então jovem, continuou ele. Meu Deus! como eu revolteava! (E olhava para mim com desdém). Passei dois anos nas Índias Orientais e sete no Brasil. Depois fui para Madagascar.

— Conheço poucos exploradores pelo seu nome, disse eu, prevendo uma história. Por conta de quem fazia o senhor pesquisas?

Para os Dawson. Muito me admiraria que o senhor tivesse jamais ouvido falar no nome de Butcher.

Butcher? Butcher? Este nome estava vagamente presente no espírito; acabei afinal por me lembrar da questão Butcher contra Dawson.

— Que! exclamei, o senhor é o homem que, por quatro anos de tratamento, os perseguiu, e foi o senhor quem foi atirado para uma ilha deserta?...

— Foi este seu criado, disse o homem da cicatriz.

— Como foi que isso aconteceu? perguntei. Não me lembro bem do caso.

— Seja... Já ouviu falar dos aepyornis?

— Alguma coisa. Precisamente antes de eu embarcar, Andrews falava-me em uma nova espécie, a respeito da qual ele estava fazendo um trabalho, há um ano, mais ou menos. Parece que se achou um fêmur de um metro de comprimento. Aquele animal devia ser um monstro.

— Acredito, disse o homem da cicatriz. Era na realidade um monstro. Mas, quando foi que acharam os seus ossos?

— Há uns três ou quatro anos, creio que em 1891. Porque faz essa pergunta?

— Porque, meu Deus? Simplesmente porque os descobri, eu que lhe estou falando, há perto de vinte anos. Se os Dawsons não tivessem sido uns desgraçados nessa questão de despesas, podia-se fazer com aqueles ossos um barulho extraordinário... Contudo, não me era possível impedir que aquele barco fosse à garra...

Interrompeu-se, depois:

— Suponho que foi no mesmo lugar: uma espécie de pântano, a cerca de noventa milhas ao norte da ponta de Antananarivo. Conhece-a por acaso? Vá-se para lá em barco, seguindo-se ao longo da costa. Não se lembra talvez?

— Não, parece-me, entretanto que Andrews me falou em um pântano.

— Deve ser o mesmo; está situado a este da costa. Seja como for, há na água qualquer coisa que conserva: sente-se ali cheiro de creosoto. Eles descobririam também os ovos? Alguns dos que encontrei tinham pé e meio de comprimento... O pântano era circular, assim, cortado deste lado. E' quase uma marinha de sal. Sim... Que tempo passei ali! Fiz a minha descoberta completamente por acaso. Tínhamos vindo em busca dos ovos, eu e dois indígenas, embarcados em uma piroga exquisita e pusemos a mão ao mesmo tempo sobre os esqueletos. Tínhamos uma tenda e provisões para

quatro dias; acampamos em um dos pontos mais seguros. Só em pensar nisso parece-me ainda sentir um cheiro estranho de alcatrão.

E' um trabalho divertido. Vai-se sondando o lodo com uma vareta de ferro. De ordinário o ovo está quebrado.

Ainda estou para saber quanto tempo decorreu desde a época em que viviam esses aepyornis. Dizem os missionários que os indígenas têm lendas referentes a essa época; nunca, porém, consegui nenhuma dessas histórias. Em todo caso, aqueles ovos que nós achamos estavam tão frescos como se tivessem sido postos recentemente.

Ao transportá-los para o barco, um dos meus negros deixou cair um em cima da pedra do rochedo e ele quebrou-se. (Ah! como maltratei o pobre diabo!) Como lhe digo, ele estava fresco, dir-se-ia posto naquela hora mesmo; nem o menor cheiro, e todavia a fêmea está morta há talvez quatrocentos anos. O negro desculpou-se, dizendo que um miríapode o havia mordido.

Mas esiei-me afastando do assunto. Levamos um dia inteiro a remexer o lodo para extrair os ovos ainda inteiros; ficamos cobertos de lama negra; e, como é natural, eu estava de muito mau humor. Que eu soubesse, eram aqueles os únicos ovos que jamais se tinham encontrado inteiros. Mais tarde, fui ver os que se achavam no museu de história natural de Londres: todos eles estavam rachados, esmigalhados, colados como masaicos; até mesmo lhes faltavam pedaços. Os meus estavam em perfeito estado, e eu tinha tenção de os esvasiar logo que chegasse. Como é de crer, eu estava contrariadíssimo por aquele idiota de carregador ter quebrado o resultado de três horas de trabalho, e, de mais a mais, por causa de um miríapode! Razão pela qual ainda mais o mortifiquei.

O homem da cicatriz tirou da boca o cachimbo de barro; colocou-o diante dele a minha boceta de fumo, de que ele o encheu maquinalmente, pensando em outra coisa.

— E que foi que fez dos outros ovos? Levou-os para a sua casa? Não me recordo bem...

— Esta é a parte mais curiosa da história. Eu tinha mais três ovos perfeitamente frescos. Puzemo-los no barco, e voltei à nossa tenda para fazer café, deixando os dois pagãos deitados na praia, um deles fazendo comentários ociosos sobre a sua ferida, e o outro a fazer-lhe companhia. Não me passou pelo espírito que os tratantes se aproveitassem da situação particular em que eu me achava para me oporem embarços. Mas creio que o veneno do Miríapode e o pontapé que lhe dei tinham transtornado um deles (ele continuava a resmungar) e esse incitou o outro.

Lembra-me que estava sentado, fumando, ocupado em pôr água para ferver em uma lâmpada de espírito de vinho, cuidado de que eu mesmo me encarregava sempre durante essas expedições. Por acaso, eu estava contemplando o pântano aos raios do sol poente. Ele estava negro, atravessado de faixas cor de sangue; um belo espetáculo, na verdade. E, mais ao longe, a região, cinzenta e enevoadada, elevava-se até às alturas; por detrás da colina, o céu rubro como uma fornalha.

E, quarenta metros atrás de mim, aqueles malditos pagãos, totalmente indiferentes à serenidade das cousas, tamar-

vam entre si fugirem com o barco e abandonarem-me com provisões para três dias e sem cousa alguma para beber, senão um pequeno barril com água. Ouvi uma espécie de marulho atrás de mim; eles lá estavam na piroga — propriamente falando, aquilo nem era um barco — talvez a vinte metros da praia. A minha espingarda estava na tenda, e, demais, eu não possuía balas, apenas chumbo miúdo; eles sabiam disso. Mas, como eu tinha sempre no bolso o revolver, puxei por ele, enquanto me precipitava para a praia.

— Retrocedam! exclamei, brandindo o arma.

Eles gaguejaram qualquer coisa, e o que havia quebrado o ovo principiou a zombar de mim. Eu alvejei o outro, porque não se achava ferido e manobrava o remo, mas o tiro falhou. Eles desataram a rir. Todavia não me considerei vencido. Compreendi que me era impossível conservar todo o sangue frio: tornei a alvejar o mesmo homem e ele teve um sobressalto. Não se riu mais, desta vez. Ao terceiro tiro, alcancei-lhe a cabeça; ele caiu por cima da borda, arrastando o remo consigo. Para um revolver, aquele foi um tiro excelente: avalio a distância em uns cincoenta metros. Ele desapareceu imediatamente; ignoro se morreu do tiro ou afogado.

Então gritei ao outro que retrocedesse; ele agachou-se e recusou-se a responder. Fiz fogo com o meu revolver, mas sem lograr alcançá-lo.

Tive a sensação de ser um rematado imbecil, assevero-lho. Estava eu ali, naquela praia lóbrega e envenenada, tendo atrás de mim um pântano que se estendia a perder de vista, e diante, o mar, frio após o pôr do sol, e aquela piroga sombria continuando a afastar-se para o largo. Asseguro-lhe que naquele momento amaldiçoei os Dawsons e Jamaracks, e o museu, e tudo mais. Berrei ao negro que voltasse, mas a minha voz se extinguiu depois de um derradeiro grito de terror.

Nada mais havia a fazer senão nadar em direção a ele e arriscar-se a ser devorado pelos tubarões. Abri a minha faca, meti-a entre os dentes, tirei a roupa e avencei. Assim que entrei na água, perdi de vista a piroga, mas fiz todos os possíveis esforços para conservá-la sempre na minha frente. Eu esperava que o homem que aí nela estivesse, por doente, incapaz de governar e que ela continuaria a seguir sempre a mesma direção. Por um momento, vi-a acima do horizonte, para o lado de oeste. Caíram os últimos reflexos do sol poente e as sombras da noite vinham descendo lentamente. As estrelas principiavam a apontar no céu. Eu nadava como um campeão, conquanto sentisse já muito doloridos os braços e as pernas.

No entanto, agarrei o meu negro no momento em que as estrelas principiavam a ostentar todo o seu resplendor. Como a escuridão era muita, distingui sobre a água toda a sorte de reflexos brilhantes, a fosforescência, como sabe. Havia momentos em que aquilo me atordoava; não discernia mais o que era estrela e o que era fosforescência.

A canoa aparecia-me negra como o pecado e, por baixo da sua quilha, as rugas da água pareciam fogo líquido. Como é natural, tomei todas as precauções antes

de saltar dentro dela; todo o meu empenho era conhecer de antemão quais eram as intenções do outro. Ele parecia estar deitado, como uma massa, à prôa, pois que a ré achava-se toda fora d'água. Como a embarcação ia ao sabor das ondas, tomou, girando lentamente, uma espécie de movimento de valsa. Cheguei junto da pôa e abaixei-a, esperando que o sujeito despertasse. Depois trepei na barca, apertando na mão a faca, pronto para qualquer ataque; ele, porém não se mexeu. Então sentei-me na ré, afastando-me sem destino sobre aquele mar sereno e fosforescente, tendo sobre a cabeça todo o cortejo das estrelas, na expectativa do que estaria para suceder.

Passando bastante tempo, chamei o vizinho pelo nome; ele não me respondeu. Achava-me por demais fatigado para me expor a qualquer perigo, indo ao encontro dele, e assim ficamos. Creio que adormeci uma ou duas vezes. Ao raiar a alvorada, percebi que ele não se mexia mais do que um cepo, e que, morto e bem morto estava inchado e denegrido. Os meus meus três ovos e as ossadas estavam no meio da canoa; aos pés do sujeito achava-se um barril de água potável, um pouco de café e um embrulho de bolachas; debaixo dele, um recipiente de ferro cheio de espírito de madeira. De resto, nem zagaia, nem, aliás, cousa alguma que pudesse servir. Resignei-me a vogar à aventura até ser por acaso recolhido. Certo de que o negro não apresentava ferimento algum, concluí que fora mordido por um escorpião ou por um miríapode qualquer, e atirei-o ao mar.

Depois do que, bebi um pouco d'água, comi algumas bolachas e deitei um olhar em volta de mim. Como é natural, um homem situado em uma região tão baixa não pode ver até muito longe; pelo menos Madagascar estava totalmente fora do alcance da minha vista; não se divisava terra em direção alguma. Avistei uma vela que ia em rumo de sudoeste; era, ao que me pareceu, uma goleta, mas o casco não chegou acima do horizonte. Nesse momento, o sol elevava-se no céu e os seus raios principiavam a tocar-me. Meu Deus! aquilo escapou de me pôr os miolos a arder. Tentei molhar a cabeça no mar; depois, dando com os olhos sobre o jornal, que embrulhava as bolachas, estendi-me dentro da minha canoa e abri por cima de mim o "Argos do Cabo". Essas folhas públicas são uma coisa maravilhosa! Nunca até então eu tinha lido uma delas de princípio a fim; é exquisto que essa idéia me ocorresse quando eu me achava assim completamente só. Li talvez umas vinte vezes aquele número do "Argos". Dentro da canoa, o alcatrão fumegava à ação do calor e erguia-se grande empolva.

Voguei durante dez dias, continuou o homem da cicatriz. E' pouca coisa quando se conta, não é verdade? Contudo, cada dia parecia que ia ser o último para mim. A não ser de manhã e ao cair da noite, era-me impossível olhar ao redor de mim, tão desapiadada era a reverberação.

Após os três primeiros dias, não vi mais nem uma única vela; e, durante aquele período, ninguém se inquietou por minha causa. Durante a sexta noite um

(Continua na pág. 51)

Tão vasta se tornou a família de Aracné que, além das milhares espécies de aranhas, encerra muitos outros artrópodes, que são estudados em diversos ordens importantes, assim denominados: **Arlogastros** ou **escorpiões**, **Aracnóides**, **Acarídeos**, **Linguatélidos** e **Tardígrados**. Todos esses artrópodes formam a grande família dos aracnóides.

Desde o remoto passado geológico, os artrópodes tiveram um curioso ramo de animais de grande porte. No decorrer de milhões de anos, todos, ou quase todos, desapareceram, enquanto milhões se transformaram.

A **Limula**, por exemplo, não sofreu transformação alguma, continuando ainda hoje o mesmo animal marinho que o seu antepassado da era primitiva. E o escorpião, com suas enormes pinças e seu abdômen, terminado por um aguilhão venenoso, é o artrópode que conserva as maiores recordações do passado.

Dentre todos os artrópodes que atualmente habitam várias regiões do globo, é o escorpião, que mais profundamente infunde a todos os povos da terra. Grande ou pequeno, essa horrenda aranha caudada causa sempre medo e repugnância.

Na Europa existem poucas espécies de escorpiões, todos de pequeno tamanho. Nos países de climas quentes, porém, é onde se encontra o maior número desses terríveis lacraus.

Na África Central, há escorpiões que atingem 25 cm. de comprimento! No Brasil existem 50 espécies, repartidas em 10 gêneros; o maior de todos alcança 10 cm.

O ENVENENAMENTO PELO ESCORPIÃO

Muito se fala e mais ainda se exagera sobre o envenenamento do escorpião. E, a esse respeito, correm, de norte a sul do país, inúmeras lendas e superstições. Vejamos o que nos diz a ciência sobre o assunto, pela boca do dr. Airânio do Amaral, antigo diretor do Instituto Butantã:

"Ao penetrar nos tecidos, por intermédio da picada feita com o ferrão situado na parte posterior do abdômen, o veneno do escorpião comum determina, às vezes, uma pequena mancha arroxeada no ponto atingido, logo seguida de dor aguda e lancinante, irradiando-se à maneira de uma queimadura profunda; mais tarde, deglutição difícil, náuseas, vômitos ou diarreia (distúrbios gastrointestinais), calafrios mais ou menos intensos e transpiração fria, por vezes profunda em crianças; lacrimejamento, corrimento nasal e salivagem abundantes; sensação de sede; dor de cabeça e excitação nervosa. Esses sintomas, nos casos graves, observados sobretudo em crianças, complicam-se com falta de ar, respiração ofegante e entrecortada, pulso rápido e pouco nítido, baixa temperatura do corpo e, às vezes, colapso, algidez, anúria e coma, terminando pela morte".

QUE PETISCO !...

E, no entanto, — leiam e pasmem! — há homens que comem escorpiões! No Sião, por exemplo, são devorados crus e vivos, depois de arrancada a glândula da peçonha!!!

Miss Finch, citada por C. de Melo Leitão, autor de "A vida maravilhosa dos animais", assim revela este incrível fato: "Quando as casas das aldeias ficam fechadas algum tempo, são invadidas por bandos de escorpiões, de modo que, antes de novamente habitadas, é chamado um comedor de escorpiões. Ele chega, agacha-se no meio da casa e põe-se a assobiar baixinho. A esse apelo saem os lacraus dos esconderijos, encaminhando-se para ele. Cada vez que qualquer um deles chega ao alcance de sua mão, é agarrado e posto numa sacola. Reunida boa quantidade, declara a casa livre desses animais e retira-se para seu lar, onde proporciona à sua família esplêndido guisado".

Isto, na África. Foi no Sião que certo naturalista viu alguns homens devorar escorpiões crus e vivos!

O ESCORPIÃO SE SUICIDA ?

Dentre as inúmeras lendas e superstições sobre o escorpião, espalhadas no mundo inteiro, destaca-se a que lhe atribui a faculdade de... suicidar-se, quando se encontra em grande perigo.

Em todo o Brasil é muito comum ouvir contar que enfiando um escorpião num círculo de carvão em brasa, o lacrau, depois de várias tentativas para sair do cerco, e não o conseguindo, prefere a morte ao suplício do fogo. Então, corre ao centro do círculo, pára, e, levantando a cauda, pica-se na nuca com o seu aguilhão empoçoado, escapando, assim, por meio da morte, ao martírio de uma longa agonia.

Muito se tem escrito sobre este interessante assunto e, para esclarecê-lo devidamente, à medida do possível, vamos resumir aqui várias descrições sobre experiências realizadas em diversos lugares.

Em 1935, o autor desta reportagem travou conhecimento com um desses tipos exóticos do nosso interior, um tal Geraldo, que mora em Atibaia, Estado de São Paulo.

O Geraldo vive quase sempre nas matas ou nas serras que circundam aquela cidade seiscentista, onde "caga" escorpiões, cobras, aranhas e outros bichos. E quando volta à cidade, traz sempre alguma "novidade".

Um dia trouxe um grande escorpião arroxeado, pro-



CARANGUEJEIRA, a maior aranha do mundo, que dá caça às serpentes novas, de preferência venenosas.

Origem lendária das aranhas — Os escorpiões e o envenenamento por eles provocado — Onde os repelentes lacraus são comidos crus e vivos! — O escorpião se suicida? — As aranhas e sua maravilhosa teia de seda — As aranhas venenosas do Brasil — A maior aranha do mundo, que devora cobras venenosas — Como tratar os acidentes causados pelos escorpiões e pelas aranhas.

Reportagem de NELSON VAINER

Fotos de JANUARIO TALARICO

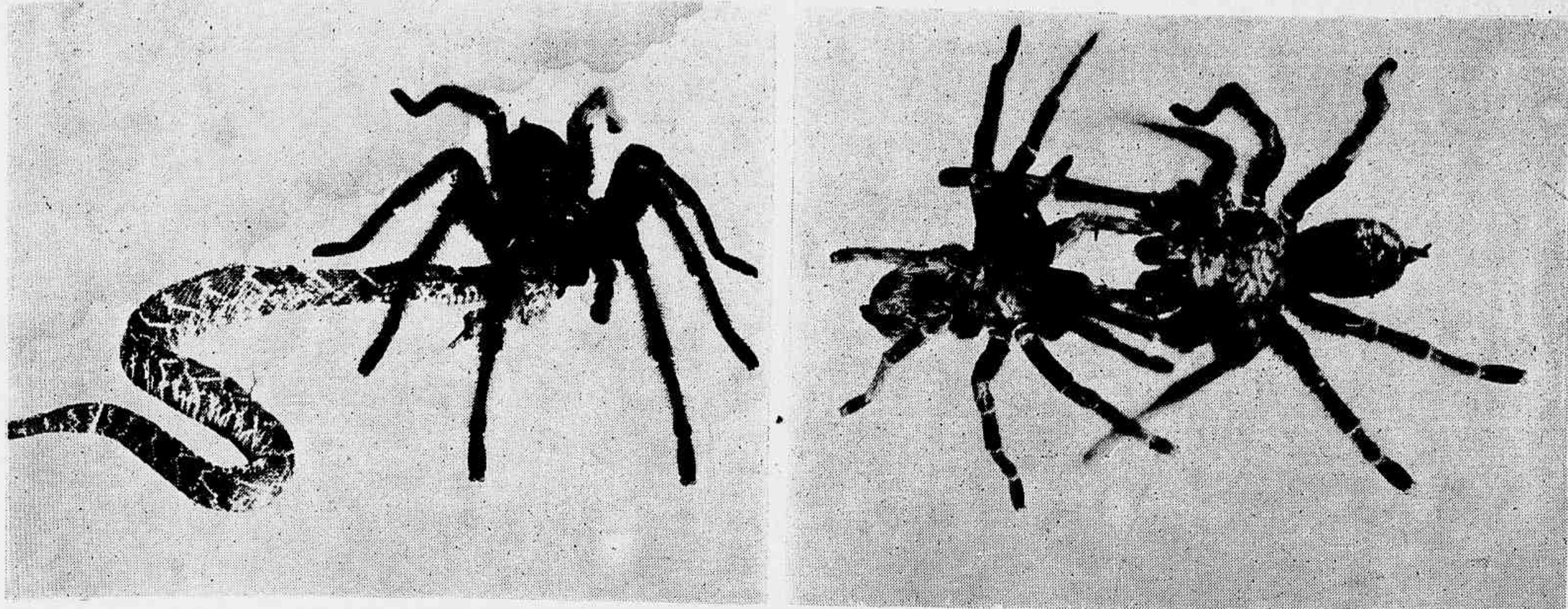
NOS TEMPOS FELIZES em que os deuses habitavam o Olimpo e andavam pela terra da velha Grécia, morava em Colcfon o tintureiro Idmon, cuja filha se tornou famosa pela sua beleza e virtudes. Chamava-se **ARACNE**. Era linda como as ninfas dos contos de fada, alegrava-se com a vida como as andorinhas com o raiar da madrugada, cantava como o rouxinol nas noites de lua cheia e tinha inclinação para todas as artes. Não houve em todo o país uma pessoa sequer que não sentisse admiração por aquela extraordinária criatura.

A fama da jovem lídia chegou aos ouvidos de Minerva — deusa da inteligência e das artes — que a convidou para sua Corte. Aracné aceitou o convite e, em pouco tempo, se tornou a discípula favorita da deusa na arte

da tapeçaria. Algum tempo depois, a aluna excedeu a mestra na arte de rendilheira, o que motivou a sua própria ruína. Vencida e encolerizada, Minerva lançou-se com fúria selvagem sobre o maravilhoso trabalho da virtuosa rival que representava os amores dos deuses, e o fez em pedaços. Em seguida, feriu com sua lançadeira a pobre moça.

Com seu amor próprio ferido e extremamente desesperada, Aracné pôs termo à vida, enforcando-se. Minerva, arrependida, procurou reparar o mal e transformou o cadáver da jovem infeliz em uma gigantesca aranha viva. Desde então, a aranha continua o paciente trabalho de Aracné, de quem herdou o nome e a delicadíssima arte de rendilheira.

UM PASSEIO PELO MUNDO DOS ARACNÍDEOS



A esquerda: Luta de vida e morte entre uma caranguejeira e uma serpente venenosa. O instantâneo foi tirado justamente no momento em que o monstruoso aracnídeo triturava a cabeça do reptil. À direita: Luta furiosa entre duas aranhas caranguejeiras.

meio de oferecer aos hóspedes do Hotel Municipal um espetáculo emocionante. E o fez, cercado o escorpião com um anel de carvão em brasa. O aflito artrópode corria tanto de um lado para outro, tentando sair do inferno de fogo, que acabou queimando as pinças e caindo, finalmente, estrebuchando, até perder os sentidos. Retirado de lá e posto novamente dentro da caixa onde o tiraram antes, voltou a si, esforçando-se para sair da prisão... Não, o escorpião não se suicidou...

O famoso professor Bourne, estudando os efeitos do veneno escorpiônico sobre animais da mesma espécie, verificou desde logo que esse veneno nenhuma ação nociva teve sobre o seu possessor, nem sobre os seus congêneres. Eis, portanto, um poderoso argumento negativo sobre o tão falado "suicídio" do escorpião!

O célebre professor de Oxford, sr. Ray Lantzeater, mostrou que esse aracnídeo, colocado na clássica situação do suicídio, isto é, num ambiente de temperatura elevada, agita a cauda sobre a cabeça, na posição normal de ataque ou defesa, para desembaraçar-se de um inimigo desconhecido.

Se se concentram, por meio de uma lente, os raios solares sobre uma parte do corpo do animal, aí se produz uma queimadura e ele, o escorpião, dirige para aí — para o ponto queimado — o seu apêndice venenoso, sempre com o fim de afastar a causa invisível e desconhecida de seu sofrimento.

Tudo isso ele faz com tal e qual violência e muito velocidade. Então, concluem Lantzeater e Bourne, em toda aparência de razão, que a morte do escorpião, produzida pelo insólito calor a que submetem, sobrevindo em meio de essas contorções e movimentos que ele faz com o apêndice venenoso leva os observadores imperfeitos a pensar que o instinto de animal é picar-se para se matar.

Repetindo a experiência de Lantzeater o professor Pocock verificou a exatidão das conclusões por aqueles formuladas, isto é, de que o escorpião, incomodado pelo

calor, bate o espaço com a cauda, agitadamente, e cai depois em estado de insensibilidade; si o põe, porém, em lugar fresco, volta à vida rapidamente. Só morre se o mantém exposto ao calor.

Pocock acrescenta mesmo que, brandindo o aguilhão da cauda contra o agente que lhe provoca o sofrimento, o escorpião manifesta ao mesmo tempo precaução — para evitar de ferir a si próprio.

Também o famoso observador francês, J. H. Fabre, se preocupou com o "suicídio" do escorpião. Rodeou o aracnídeo de carvões ardentes e observou todos os seus movimentos. O lacrau, sob a ação causticante das brasas, avançava, recuava, executando movimentos desordenados; desesperado, furioso, veio brandir a sua arma — a convoluta em cajado. "Distende-a, desce-a, levanta-a... com tal precipitação e desordem que é impossível seguir todos os movimentos dessa esgrima *sui generis*; depois, imobiliza-se súbitamente, numa absoluta aparência de morto. (So pouco real, no entanto, que ele volta à vida logo que o levam ao fresco".

São estas algumas das experiências que destróem definitivamente a velha lenda que conseguiu fazer crer, até mesmo certos naturalistas de renome, que o escorpião se "suicida"...

AS ARANHAS

Os naturalistas não hesitam em afirmar que as aranhas constituem um dos grupos mais notáveis do vasto reino animal.

No ar, debaixo d'água, nas entranhas da terra, nos picos das mais altas montanhas, nos pântanos, nos campos, nas florestas, nos jardins, em todas as casas de todos os países do mundo, tanto nas regiões frias como nas zonas torridas, vive esse feio e aborrecido artrópode e, onde quer que seja, causa admiração pelas suas extraordinárias qualida-

des: força, coragem, ligeireza, arte industrial, paciência e persistência. São em tão grande número as suas espécies que — segundo Rodolpho von Ihering — "existem em nossa fauna, certamente, ainda maior número de espécies do que as 3.000 que até hoje foram assinaladas nas 35 famílias".

A MARAVILHOSA TEIA DE ARANHA

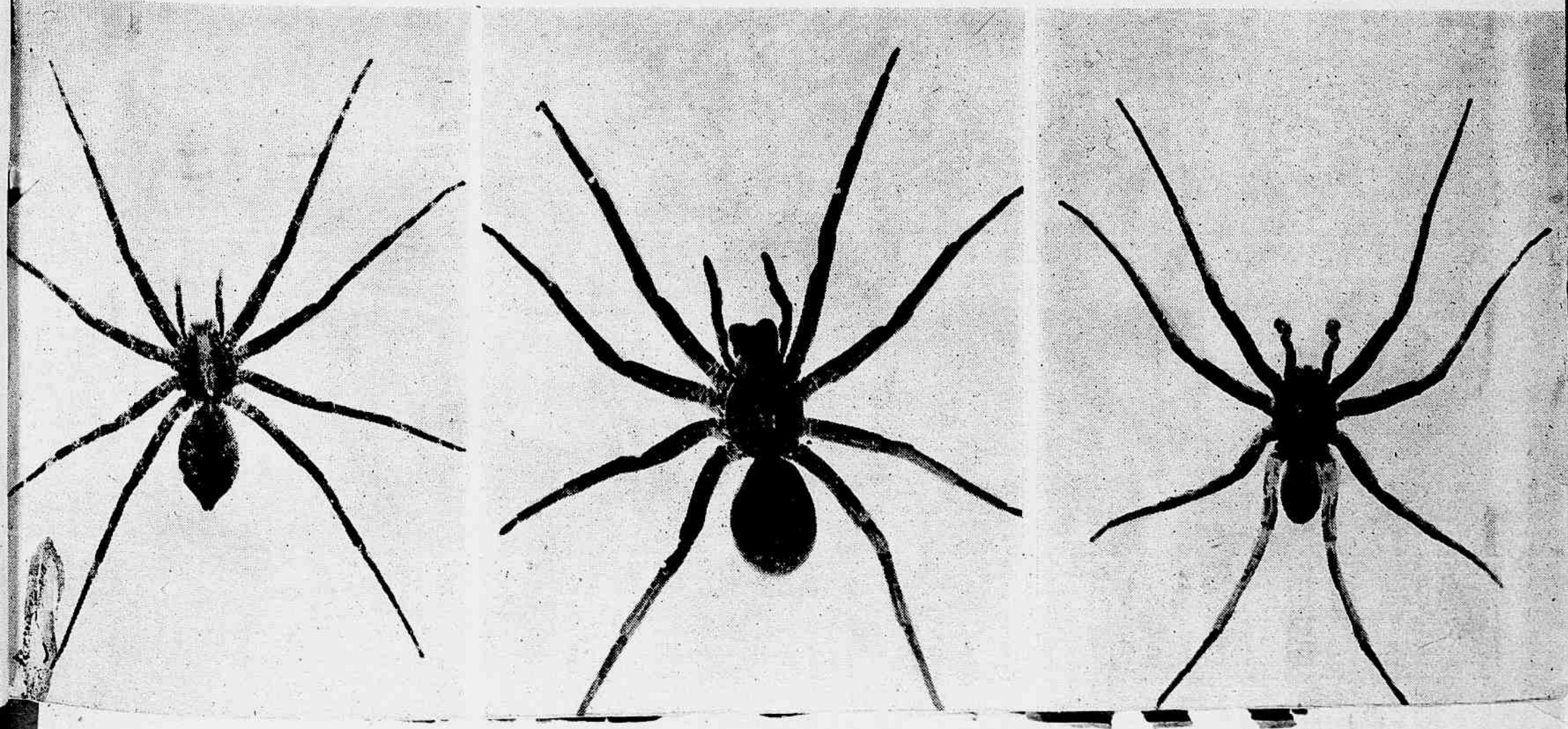
Excluindo as *vagabundas* e algumas outras espécies, as inúmeras descendentes de Arachné, desde as quase microscópicas até as *caranguejeiras*, que atingem 10 cm. de corpo e mais de 20 incluindo as patas, tecem teias de seda que constituem uma das mais delicadas maravilhas de arte do reino animal. E, para edificar essa morada que lhe serve também de armadilha, leito nupcial, mortalha e outras coisas mais, a aranha escolhe qualquer lugar: por entre as folhas e galhos de árvores e arbustos, no meio das plantas, nos recantos dos muros, nos ângulos das paredes, nos telhados, enfim — em qualquer parte onde o instinto lhe diz que haverá abundância de moscas e mosquitos.

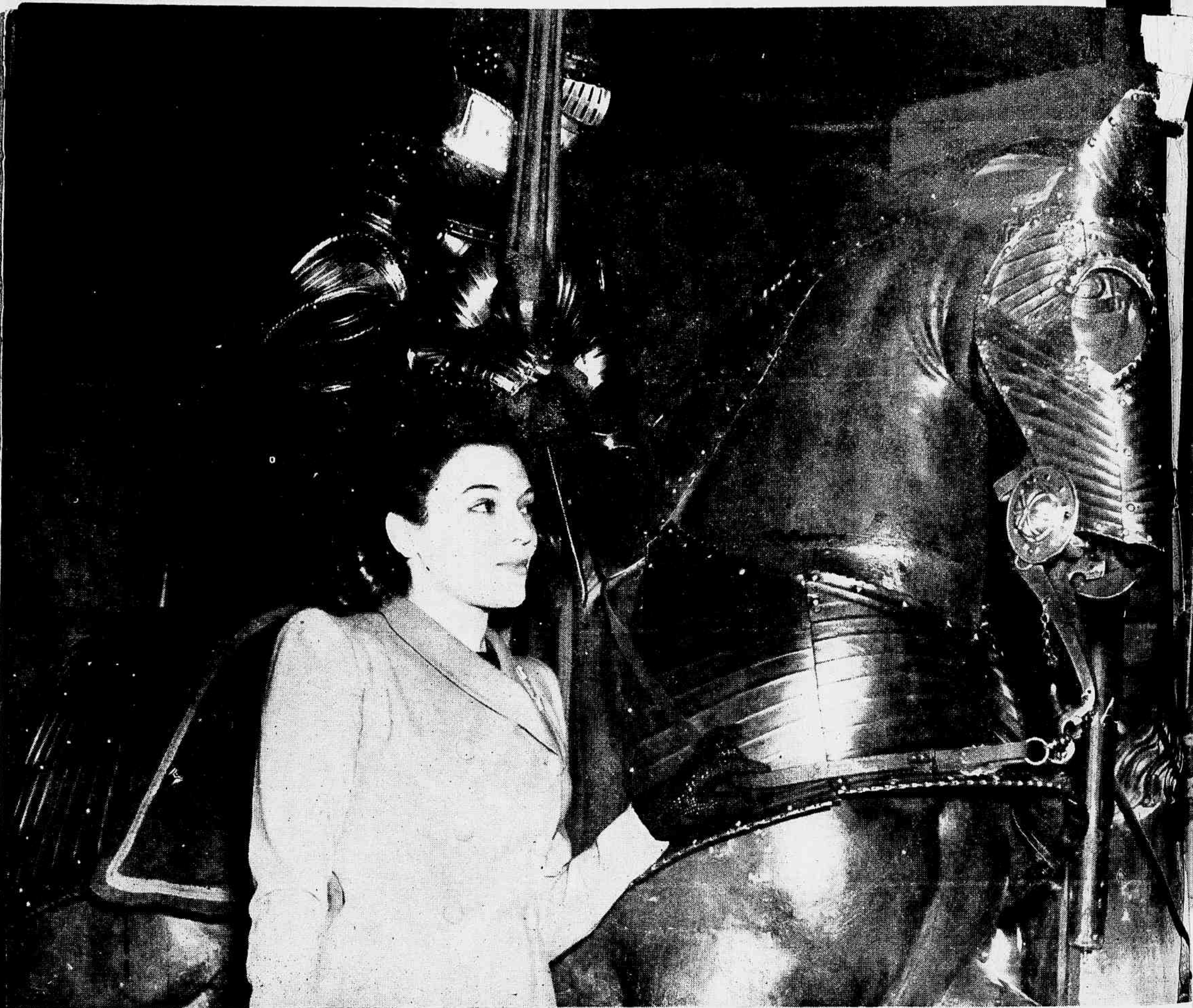
Os fios da teia, apesar de uniformes, desempenham várias funções diferentes: alguns servem de armadilha para a captura das vítimas; outros de leito nupcial, via de escape quando perseguidas e mesmo para comunicações telegráficas... outras, ainda, para acorrentar os insetos que têm a desgraça de cair na teia.

Ultimamente — afirma um naturalista — até o homem se está utilizando das teias de aranha. Um tecido especial está sendo feito com fios extraídos de uma aranha da ilha de Madagascar. O fio em apreço é tirado da aranha viva, enrolado em carretéis e depois transformado no citado tecido de seda. Nos Estados Unidos, os fios da teia de aranha estão sendo usados nas linhas cruzadas das lentes de certos telescópios, tais como nos periscópios de submarinos.

(Continua na pág. 54)

Várias espécies de aranhas venenosas do Brasil, as que maior número de acidentes causam.





Ao alto : Uma lembrança da visita de Bibi Ferreira a Londres : a jovem atriz brasileira aparece ao lado de uma armadura húngara do século XVI, pertencente a um Museu da capital inglesa. A direita : Sabú, o galã de Bibi Ferreira em "Dias verdes e dias azuis", o filme da Archer's, que está sendo preparado na região amazônica.

SABÚ E BIBI FERREIRA VIVEM UM ROMANCE DE AMOR NAS SELVAS AMAZONICAS

O diretor de "Dias verdes e dias azuis", Derek Twist, toma um drinque com Bibi Ferreira e Sabú, fazendo votos pelo sucesso da película em que estão trabalhando no Amazonas.



"GREEN DAYS AND BLUE DAYS" (Dias verdes e dias azuis) está em plena filmagem — Cenas de conjunto serão tomadas durante a festa de Nazaré — Até dezembro o filme estará terminado.

Por **VIVIENNE KNIGHT**
Especial para REVISTA DA SEMANA

SOB a direção de Derek Twist, uma equipe de filmagem da "The Archers Film Productions Ltda." dirigiu-se para Belém do Pará, Brasil, a fim de, durante três meses e meio, tomar as cenas exteriores de "Green Days and Blue Days" (Dias verdes e dias azuis), filme extraído do romance "O fim do rio", de Desmond Holdridge.

O diretor Derek Twist, nos princípios do ano, realizou uma viagem de cerca de 15.000 milhas para explorar o interior do Brasil à cata de cenários apropriados, procurando ao mesmo tempo, entre os naturais do país, elementos capazes de participar do filme. Esteve no Rio de Janeiro, onde graças ao auxílio da imprensa, conseguiu os elementos de que necessitava.

Estrelarão a película a jovem artista teatral brasileira Bibi Ferreira, que Derek Twist conheceu no Rio, e Sabú, o famoso ator indú, será esse o primeiro desempenho cinematográfico de Bibi Ferreira, em língua inglesa. Ela voou há pouco para a Inglaterra, a fim de realizar um teste com Sabú, que acabou de completar sua parte na produção de Powell-Pressburger — "Black Narcissus", extraído de um dos livros de Joseph Conrad.

"Green Days and Blue Days" narra a história de um simples casal criado entre o agreste e rude ambiente da vida primitiva em lugares remotos não atingidos ainda pela civilização e que súbitamente se vê projetado na complexa organização da civilização moderna. No fim esse ambiente de brilho e requinte mostra ser bastante hostil para o par, que resolve abandonar os dúbios prazeres da cidade, com seu borborinho e suas luzes, regressando ao palácio que aceitam e compreendem, o palácio "of green days in forests and blue days at sea".

A tomada de cenas para essa película começou em Manaus, nas bordas do rio Amazonas. Depois de passar dez dias ali, Bibi Ferreira, Sabú e a unidade de filmagem ocuparam um navio fluvial especialmente alugado para esse fim e navegam rio abaixo, filmando pelo caminho. E continuarão a filmar até Belém. Espera-se que chegarão a Belém pelos meados de outubro a fim de filmar grandes cenas de conjunto durante a Festa de Nazaré.



Bibi Ferreira, de passagem pela capital inglesa, onde firmou contrato com a Archer's Films, visita a Torre de Londres e recebe explicações de um cicerone. Na página ao lado Bibi Ferreira, em Londres, fotografada com o famoso Big-Ben como "background".

Os lugares de filmagem escolhidos que apresentam maior dificuldade de acesso serão visitados no fim. Localizam-se em terrenos montanhosos, no extremo norte das fronteiras da Venezuela e da Guiana Inglesa, perto do Monte Roraima e das nascentes do Rio Branco. Aí será construído um campo de pouso especial para o avião do grupo, que passará nesse sítio cerca de três semanas. Sua única comunicação com o mundo exterior será por intermédio de uma estação de rádio de ondas curtas, que manterá contacto com a cidade de Georgetown, na Guiana Inglesa.

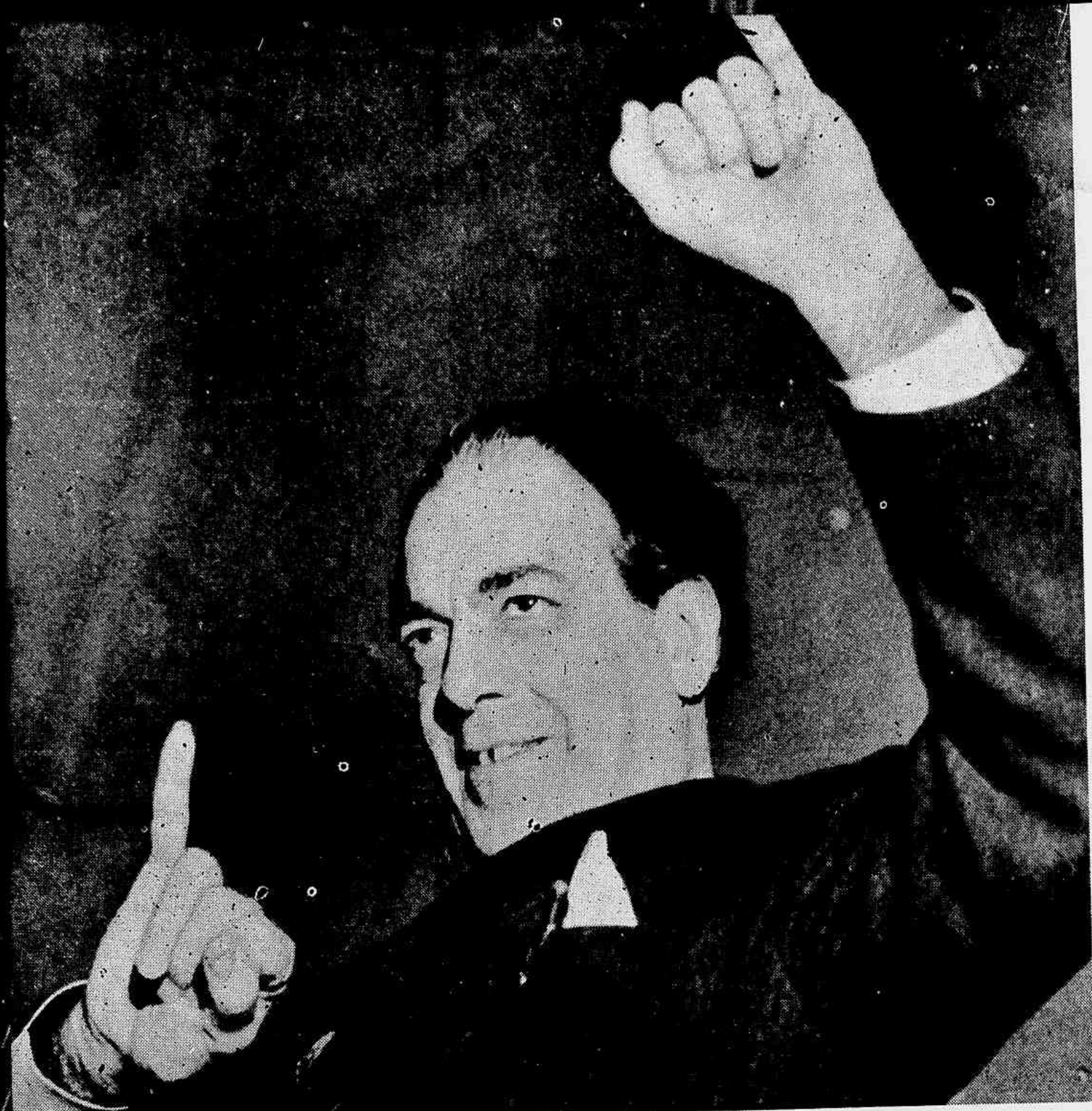
O filme será então enviado à Inglaterra para ser revelado, embora se possam fazer testes com cerca de 61 metros num pequeno laboratório situado em Belém.

Espera-se que a equipe esteja de volta à Inglaterra no mês de dezembro, quando então será realizado o trabalho final em Pinewood Studios, durante nove semanas.

Bibi Ferreira, que esteve em Londres, para fazer o seu "test" definitivo e para firmar contrato com a Archer's Films, deixou na capital inglesa uma boa impressão da sua vivacidade e da sua inteligência. O seu galã, Sabú, esse é um veterano do cinema inglês e norte-americano, tendo começado ainda menino, nos filmes de Alexander Korda baseados nos contos e romances de Rydyard Kipling. Toda gente espera que "Dias verdes e dias azuis" (Green days and blue days", título definitivo de "O fim do rio", de Desmond Holdridge, constitua mais um êxito significativo da cinematografia britânica. (Copyright do B. N. S.).

A esquerda: Flagrante do primeiro encontro entre Sabú e Bibi Ferreira, que serão marido e mulher na película que ora está sendo produzida. Ao lado estão Mr. Mauri, da Agência Reuters, e o diretor Derek Twist. A direita, Sabú, Bibi Ferreira e Dorothy Thompson (não confundir com a famosa jornalista Dorothy Thompson), auxiliar do diretor Derek Twist, numa amistosa palestra.





Villa-Lobos, regendo um grupo orfeônico, põe em prática suas teorias a respeito da educação musical.

VILLA-LOBOS DESCOBRIU A GALINHA DOS OVOS DE OURO

Seduzido pelos empresários da Broadway, Villa-Lobos preparará a partitura de uma opereta a ser estreitada nos Estados Unidos — A música transformada em adega... — Vários milhares de dólares por quinze dias de trabalho — "Madalena"... e não se arrependerá!

De ROBERTO LYRA FILHO

QUEM quis esboçar um roteiro de viagem através da obra de Villa-Lobos, com todos os rigores do método científico e a compenetrada penetração do crítico metódico, quem quis arrumar as diversas fases do desenvolvimento de seu gênio e as diferentes tendências que se observam na sua produção artística, a lista completa das influências mais importantes assim como a filiação a escolas e grupos, quem teve a pretenção de realizar essa

tarefa — não sei quem foi... — incorreu em erro igual ao daquele turista que, satisfeito com os serviços do Guia Rex, pediu um exemplar que lhe indicasse as ruas e as praças, os menores acidentes geográficos e a especificação das condições climáticas... do Amazonas...

A importação de critérios de julgamento condições diferentes, européias, é completamente inútil na apreciação do gigante caboclo. Gide, quando deparou com a obra

de Whitman, pasmado com a riqueza de selva do americano, atirou fora o complicado instrumento da cultura, os requintes da sensibilidade habituada a atmosferas rarefeitas e exclamou: "Meu Deus! É um gigante!".

A obra de Villa-Lobos é um mundo. Penetro nela e nela me perco, mas quando volto à minha rotina ainda trago nos meus nervos as consequências do verdadeiro abalo sísmico a que fui submetido. Há a disciplina do oitavo quarteto perto das melodias saborosas do folclore, o arremesso grandioso da sinfonia ao lado dos menelos graciosos e pacholas. Que é tudo isso?

Tudo isso é Brasil, informe, cheio de possibilidades, rebelde, diamante bruto, mas — que diabo! — diamante autêntico. A lapidação, agora, tirar-lhe-ia o brilho. Os peritos, certamente, hão de protestar contra essa afirmação, mas eu a repito: Deixem-no brilhar, misturado à terra de onde brotou.

NA ADEGA DE VILLA-LOBOS

— A ópera, — diz-me Villa-Lobos, — é o "cock-tail" da música.

— Nesse caso, a música de câmara será o champagne.

O mestre me olha, satisfeito, e arremata, com espírito.

— Justamente. E a música folclórica é a cachaca.

Penetramos, resolutamente, numa adega artística. E tratamos, logo a seguir, de uma opereta um cocktailzinho bem temperado.

— E' verdade, Villa-Lobos, que dois escritores americanos lhe encomendaram uma opereta?

Mas a conversa tem que ser interrompida. A visita foi inoportuna e só conseguirei a resposta às minhas perguntas quando terminar o capítulo da novela que, com a esposa, Villa-Lobos ouve atento. Terminadas as complicações rocambolescas ao microfone, ele reata a palestra onde a deixou:

— Sim. Eles veem aqui.

— Veem ao Rio?

— Claro. Queriam que eu fosse lá. Mas eu disse que não. Então eles decidiram vir aqui.

VÁRIOS MILHARES DE DÓLARES POR QUINZE DIAS DE TRABALHO!

E' inútil tentar reproduzir a linguagem pitoresca de Villa-Lobos. Um taquígrafo conseguiria, talvez, captá-la mas ficaria faltando a exuberância da gesticulação e as inflexões arrebatadas. Sendo exato, seria infiel ao original.

As imagens saltam como chispas. Villa-Lobos explica como dois americanos, com a qualidade de teimosia de

Especial para REVISTA DA SEMANA

seus patricios, se juntaram para extrair dele a permissão para adaptar obras suas a um libreto já pronto.

— Não. Se isso vai levar o meu nome. Tem que ser meu. Eu faço tudo.

A proposta era generosa e prometia vários milhares de dólares de recompensa pelo trabalho. Villa-Lobos res-

(Continua na pág. 54)

A esquerda: Villa-Lobos ao lado do compositor americano Raymond Scott. Ao fundo, o "barman" prepara "cocktails" que lembram óperas ao autor das Bacchianas. A direita: Villa-Lobos, o homem que descobriu a galinha dos ovos de ouro, bastante satisfeito com o achado, comunica-o aos amigos. "Vou compor a partitura de uma opereta".





Ginger Rogers é dona de um dos mais bonitos pares de pernas de Hollywood.

DECIDIDAMENTE, as mulheres desistiram de usar meias. Antes faziam nos somente na praia, depois passeavam pela manhã com trajes esportivos, e hoje, a qualquer hora e com qualquer "toilette". De fato é mais agradável e muito mais econômico.

O que não é agradável, porém, é o aspecto de algumas pernas que vemos na rua. Cabeludas, manchadas, mal tratadas, elas só conseguem prejudicar a "linha" da sua dona!

E' preciso compreender, finalmente, que, uma vez que se anda sem meias, é necessário das às pernas o mesmo cuidado que se dá ao rosto.

O primeiro passo, é trazê-las perfeitamente depiladas; a pedra "pome" deve ser usada depois da "gilette". Em seguida, procure um creme suavizante, o mesmo que usa para as mãos, e com ele faça massagens nas pernas. Aliás, quando bem feita, a massagem serve também para afinar o tornozelo. O óleo de amêndoas doces é também indicado para a massagem nas pernas, contribuindo para

tornar a pele macia. Existem diversos tipos de "maquillage", que visam substituir as meias, mas estes só devem ser aplicados quando de muito boa qualidade, devendo ser aplicados com movimentos rápidos, afim de que não se acumulem num só lugar. A operação é feita de baixo para cima, até uns dez centímetros acima dos joelhos. Não tente nunca imitar a costura da meia.

No entanto, esse "maquillage" só deverá ser usado quando houver manchas na perna, ou quando você não conseguir obter com os banhos de sol um bronzeado igual e atraente.

Como acontece com o rosto, não se deve nunca aplicar um "maquillage" sobre o outro, devendo-se ainda ter o cuidado de limpar cuidadosamente as pernas antes de dormir. Com sabão e água quente obtém-se uma limpeza perfeita.

Ha ainda um outro ponto que merece atenção. Em geral, as pessoas que usam a "maquillage" nas pernas, param no tornozelo, deixando os pés com a cor natural; esse cuidado deve se estender aos pés, pois o contraste vulgarisa e é chocante.

Tenha, portanto em mente, que as suas pernas merecem o maior cuidado e a elas deve você dedicar, pelo menos, dez minutos por dia, afim de obter resultados satisfatórios!

KITTY.

**NOS BASTIDORES
FEMININOS**



A ELEGANCIA NA INTIMIDADE

CAMISOLAS, "negligées", etc., merecem um capítulo na história da elegância feminina. Essas peças admiráveis que as mulheres verdadeiramente elegantes não dispensam, são escolhidas e confeccionadas com o mesmo capricho com que se confecciona um vestido de noite.

Realmente, é com essas "toilettes" que a mulher adquire mais feminilidade e encanto.

Vejam estes exemplos:

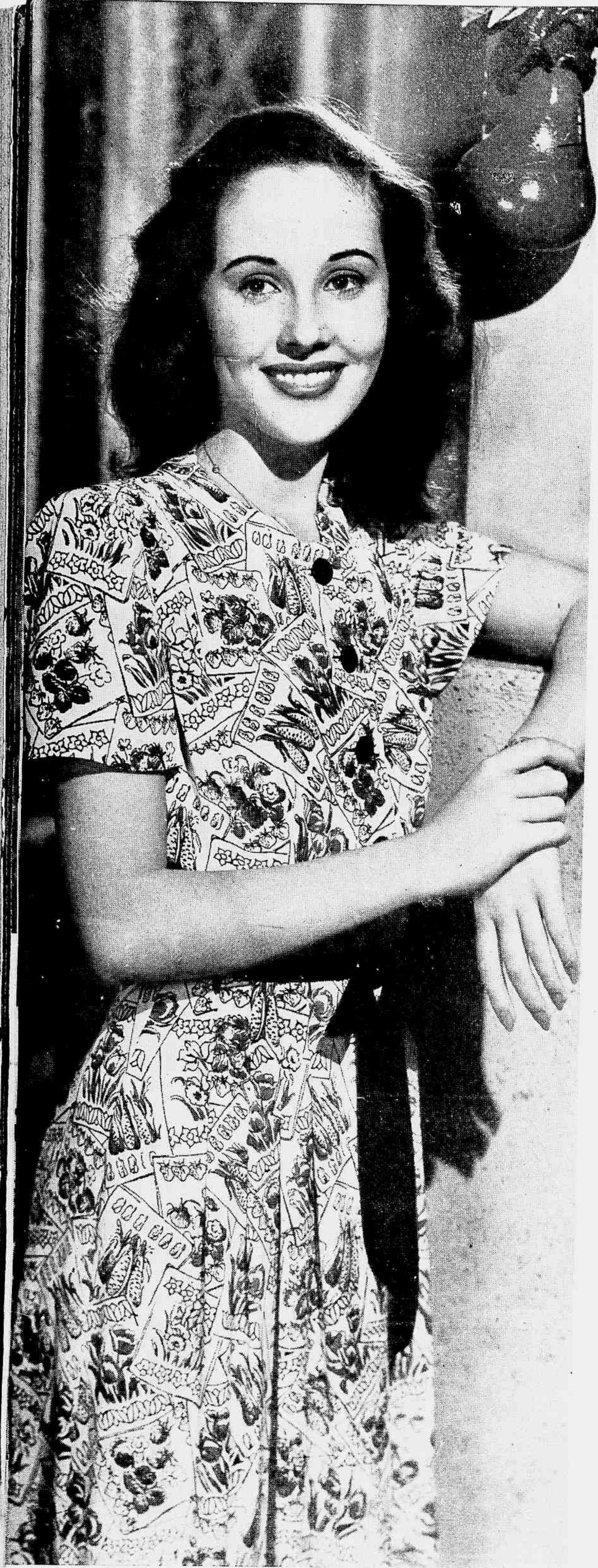
Na página ao lado, modelo apresentado por Janis Carter, da Columbia, uma admirável camisola de crepe romano salmon, com a parte superior franzida, sem ombros e presa por uma longa "écharpe". Cinto feito com argolas cobertas com o mesmo tecido, e enfeitada com fitas de veludo. Mary Jane Harker usa este casaco "três-quartos", reto de cetim branco, enfeitado com penas de avestruz, sobre uma camisola também de cetim branco. Novamente Janis Carter, apresentando encantador "negligée" de "chiffon" cor de tijolo com drapeados presos nos ombros. Gola alta, com dois "clips". Cinturão bordado com "soutache". Saia "godet" formando ligeira cauda.



Em baixo, lindos modelos para a sua elegância na intimidade. Camisola de noite em "lingerie" rosa com "vivos" em seda azul, e um lindo "negligée" de "rayon" branco. Saia franzida. Cinturão largo.



MODELOS PROPRIOS



Nessas leitoras encontrarão nestas páginas alguns modelos ligeiros para o verão que se aproxima. — Janis Wilson, "estrelinha" da Columbia, apresenta gracioso modelo em seda branca, com estampa muito original, representando uma verdadeira "horta". Talhe alto, com pequeno recorte no decote. Botões e faixa de gorgurão em cor contrastante. A saia é "godet" na frente, com pregas não batidas. Para uma reunião à tarde, Janis Carter, da Columbia, sugere este modelo bastante atraente. O vestido é de seda preta, blusa justa.

PARA O VERÃO



com grande decote e mangas japonesas. A saia é também justa e sobre a mesma vem outra saia, esta de "laise" branca, com franzido à cintura. Muito simples e muito simpático é este vestido que Adele Roberts apresenta. E' de "rayon" verde claro, estilo "chemisier". Saia franzida. Modelo de linho "tootal" sugerido por Dolores Moran, da Warner Bros. Blusa simples, com mangas japonesas. Na saia, interessantes bolsos com dobras de um lado. Cinto de couro. Grande chapéu de palha como complemento.





"GARDEN-PARTY"

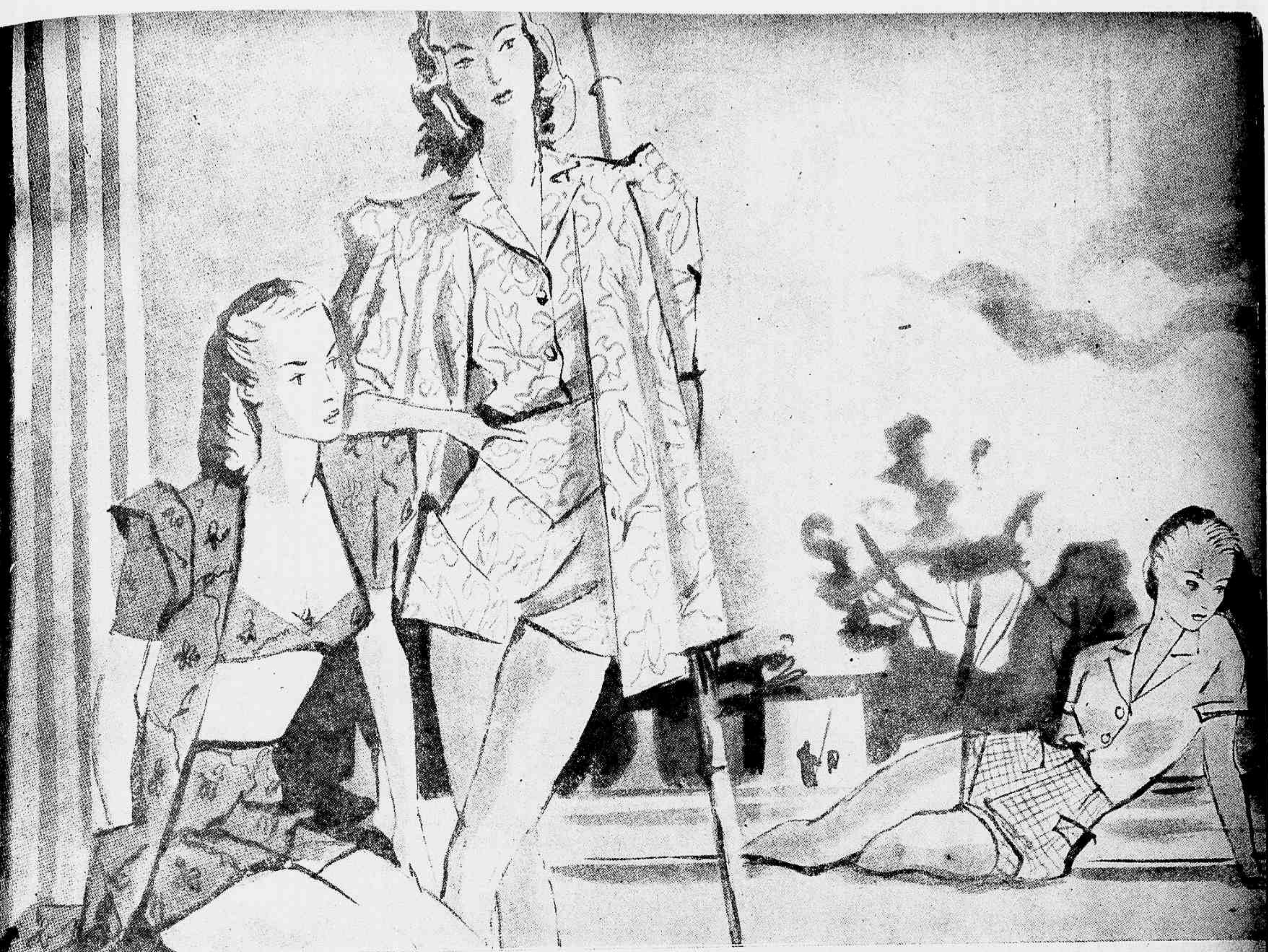
Para os "garden-parties" que se realizam nas bonitas tardes de verão carioca, os mestres da costura francesa sugerem estes admiráveis modelos. O primeiro, é uma criação de Belenciaga, em tafetá de listras largas e estreitas em cores vivas. Corpo longo, decote em "V", manga "três-quartos" saia bastante ampla. De Maggy Rouff este outro modelo. E' em organza estampada, blusa ajustada, grandes mangas, gola de renda arrematada por laço de veludo cujas pontas têm quase que o comprimento do vestido. A saia é franzida, e muito armada. "Capeline" de palha enfeitada com flores, véu e fita de veludo, completam o "classicismo" da "fillette".





DUAS-PEÇAS

O modelo da esquerda, é de linho verde escuro, blusa de seda estampada com lapela larga sobre o casaco. Punhos também de tecido estampado. O da direita, é uma criação em shantung amarelo. Sala toda pregueada, "Echarpe" e luvas de suêde marron com pastilhas brancas.



TRAJES ESPORTIVOS

O "maillot", o "short", o casaco ligeiro, os vestidinhos para o "footing", são aqui apresentados às nossas leitoras, na criação dos mais famosos nomes da costura francesa.

*

1 — Conjunto em algodão estampado, de Jean Désses. Pequena aba sobre as mangas.

*

2 — E' de Jacques Costet este conjunto praiano. Casaco ligeiramente "godet", mangas "bouffant".

*

3 — Gracioso "short" em tecido xadrez, com blusa em "piqué" branco. Creação de Véra Boréa.

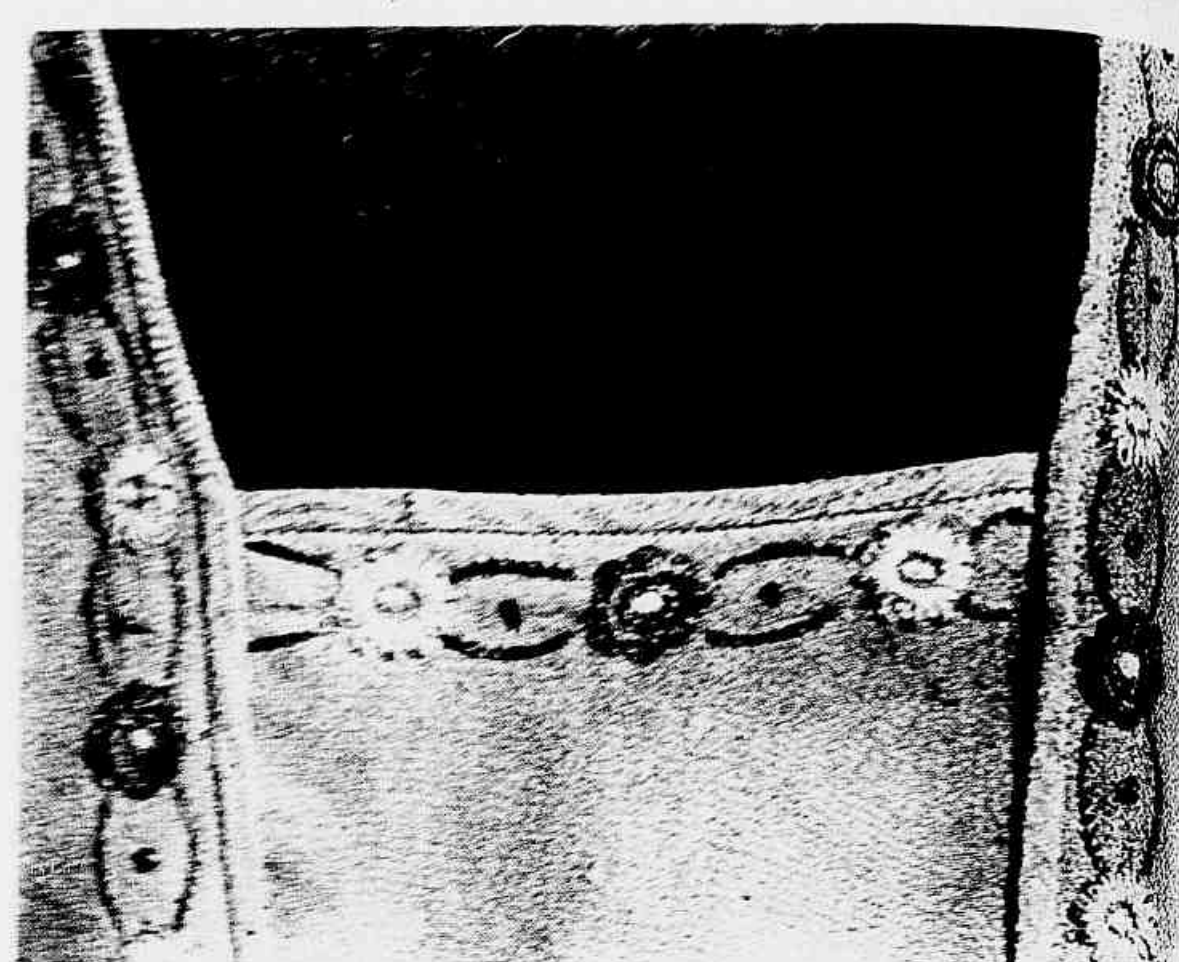
*

4 — Vestidinho de "surah" estampado. Blusa formando bolero, presa na frente com fita de gorgurão e franjas. De Madeleine de Rauch.

*

5 — E novamente Jacques Costet, agora num modelo de listras horizontais. Saia franzida com bolsos embutidos.





Trabalhos Manuais

2089 — BARRA PARA VESTIDO DE CRIANÇA

Material necessário: Linha Molina (Stranded Cotton) marca "Ancora".
 F44 (Laranja), F450 (Amarelo), F501 (Azul), F502 (Verde), F503 (Carmesim), F504 (Creme), F603 (Creme), uma mecha de cada.
 Fioz três fios de linha.
 Um vestido de criança.
 1 agulha Milward "Gower" nº 8.

Esta barra pode ser usada com muito bom efeito em qualquer tipo de vestido, como ornato em volta da cintura ou em gola e punhos, bem como muito interessante para outras partes do vestuário infantil.

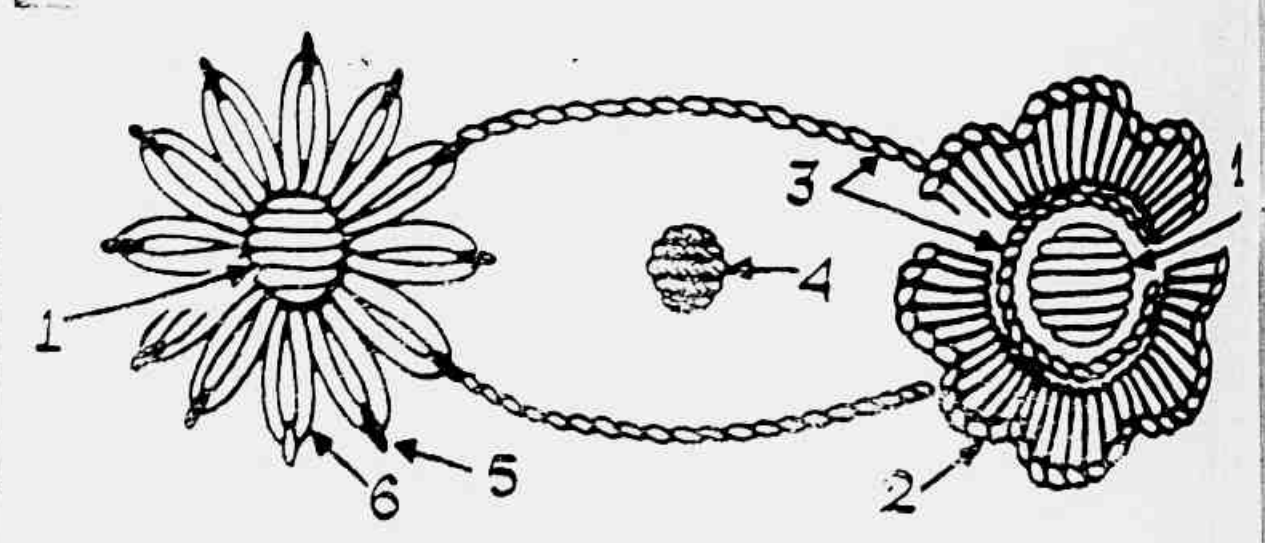
Trapar o desenho no vestido e seguir diagrama e chave para colocação de cores e pontos.

As letras no chave representam os pontos usados e são como segue:

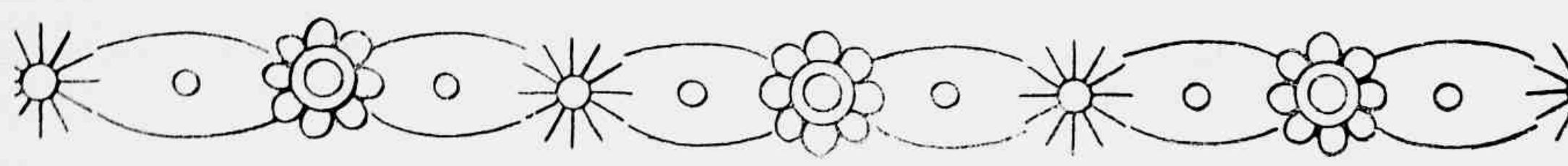
S — ponto cheio; E — ponto de cruz; U — ponto de haste; A — ponto simples (trabalhado sobre a pequena laçada do ponto de margarida); D — ponto margarida.

Uma vez o bordado terminado passar bem pelo lado do verso.

Este trabalho também pode ser feito com Linha Brilhante Pérola marca "Ancora" nº 1 (Nov. de 10 grms.), usando um novelo de cada uma das cores acima mencionadas.



- 1 = 444 - S
- 2 = 460 - B
- 3 = 523 - U
- 4 = 523 - S
- 5 = 596 - A
- 6 = 603 - D



■ = 417	⊙ = 489	— ■ = 699
⊠ = 418	△ = 492	⊞ = 763
⊡ = 460	⊞ = 495	— ▽ = 776
⊢ = 469	— ⊙ = 606	— ⊞ = 816

2090 — ROUPÃO INFANTIL (Bolsos com motivos em ponto de cruz)

Material necessário: Linha Mouliné (Stranded Cotton) marca "Ancora".

1 meada de F417 (Cinza claro), F418 (Cinza), F460 (Azul natier forte), F469 (Vermelho fogo), F489 (Amarelo canário), F492 (Rosa claro), F495 (Sulferino escuro), F606 (Azul petunculo), F699 (Preto), F763 (Azul natier claro), F776 (Verde), F816 (Terra médio).

(Usar três fios de linha).

Um pedaço de um tecido que tenha os fios todos iguais, de cor bege claro.

1 agulha Milward nº 23, para tapeçaria.



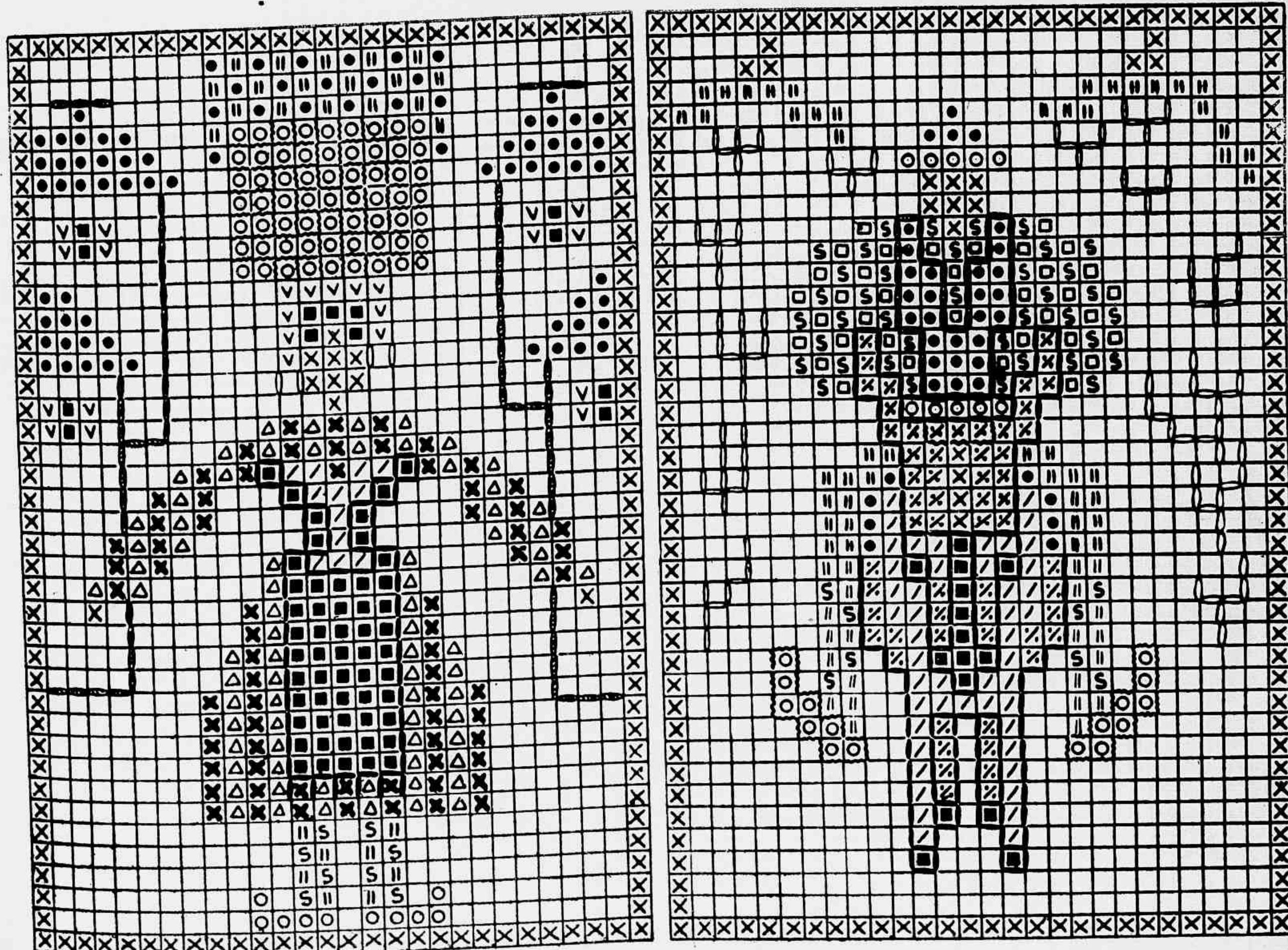
O desenho é feito em ponto de cruz com partes contornadas em ponto atrás. Fazer os pontos de cruz sobre 4 fios de cada lado da trama.

Seguir o diagrama e chave para o desenho e colocação de cores; os sinais usados para o ponto atrás são mostrados na chave ao lado do sinal para ponto de cruz da mesma cor.

Depois dos motivos terminados, passar bem pelo lado do avesso e então virar uma barrinha para o lado do avesso e prender no bolso do roupão com ponto de cascar largo.

Este trabalho também pode ser feito com:

Linha brilhante pérola marca "Ancora" Nº 8 (novelo de 10 gramas), usando um novelo de cada uma das cores acima mencionadas.





"Bond Street" — O PERFUME IRRESISTÍVEL

Complemento perfeito de joias e champanha, da atração do seu vestido tão sãbiamente escolhido, "Bond Street" rodeia-a com uma fragrância tão sutil que você se sente empolgada pela confiança em seu próprio encanto. E, tal como sua personalidade, deixa uma recordação que perdura na memória muito tempo após ter dito Boa Noite! •

Yardley
de Londres



A-1(a)

YARDLEY • 33 OLD BOND STREET • LONDON

AGENTE EXCLUSIVO PARA O BRASIL
LEO L. PROCHOWNIK
Rua Sorocaba, 35 • Rio de Janeiro



Dois modelos de Hollywood



O primeiro destes modelos é-nos apresentado por Michele Morgan, a bonita "estrela" francesa que Hollywood conquistou. É um modelo de Germaine Lecomte, que mais ainda realça a sua maravilhosa plástica. O vestido é de tafetá listrado preto e branco, blusa bastante justa em drapes sobre o busto. Mangas caídas, muito originais. Saia com drapé nos quadris, ajustando para baixo e terminando com um grande babado franzido, com as listras em sentido horizontal. Dois grandes laços de veludo negro completam a elegância da "toilette"; um em baixo, na saia e outro em cima, sob a manga. O outro, é um elegantíssimo capote, notável modelo de Milo Anderson, o criador de modas para as estrelas.

PRÍNCIPE DE GALLES

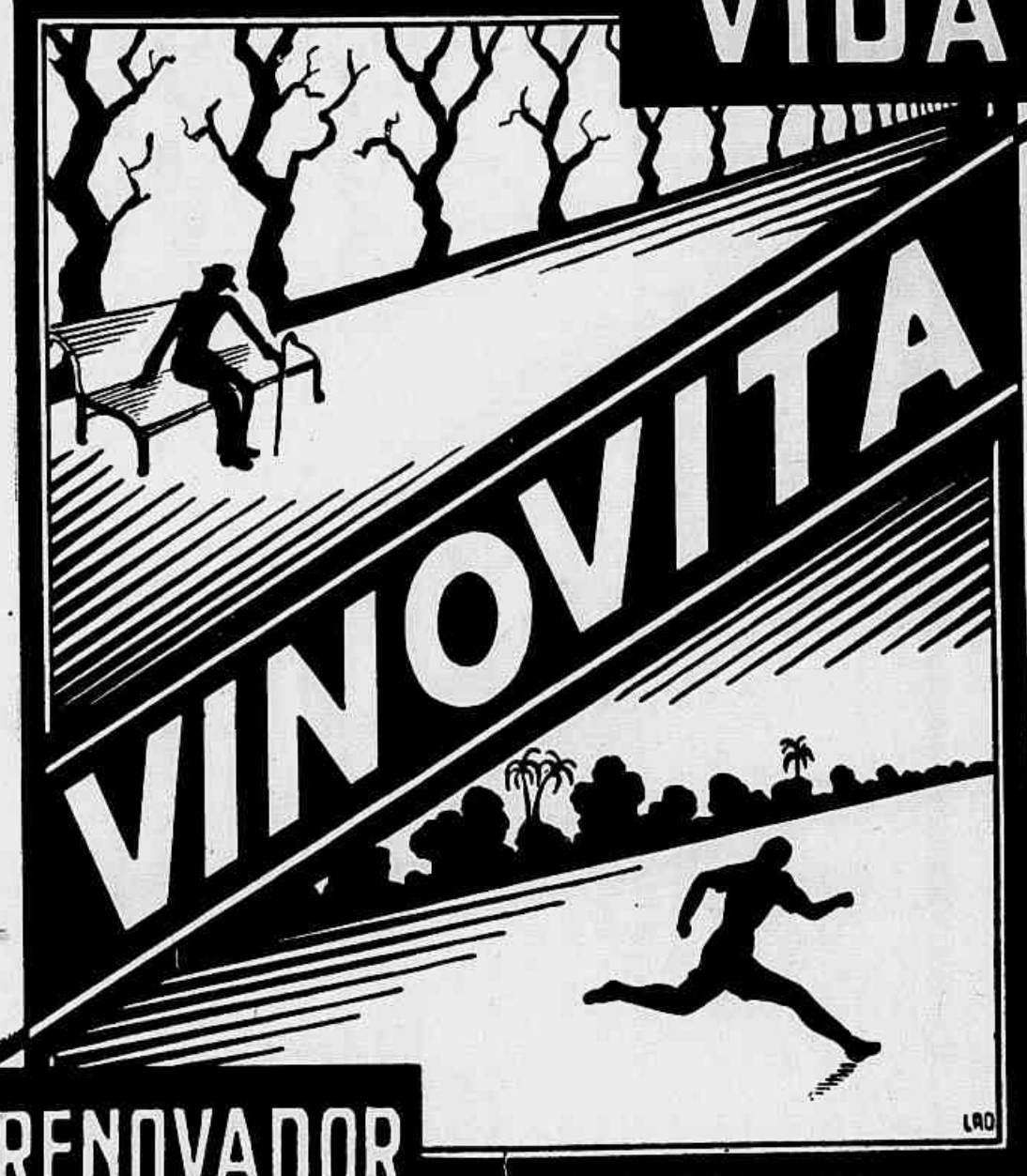
QUE CHARUTO DE GOSTO BOM!

MAS... PARA PESSOAS DE BOM GOSTO!

Produto COSTA PENNA BAHIA-BRASIL

Contra o esgotamento físico e mental!

VINHO DA VIDA



RENOVADOR DAS FORÇAS

Tônico poderoso



TINTURA FLEURY

DÁ JUVENTUDE AO SEU CABELO

Em poucos minutos a cor natural voltará aos seus cabelos. Escolha entre as 18 tonalidades diferentes da Tintura Fleury aquela que mais lhe agrada.

APLICAÇÃO FACILÍMA:

Peça ao nosso serviço técnico todas as informações e solicite o interessante folheto "A Arte de Pintar Cabelos", que distribuímos gratis.

CONSULTAS, APLICAÇÕES E VENDAS: Rua 7 de Setembro, 40 Sob. 2º

Nome.....
Rua.....
Cidade..... Estado.....

RS



FONTES DO TEATRO NA INGLATERRA

Muito deve a dramaturgia à religião, pois foi através das dramatizações das Escrituras que tomou vulto a literatura do palco como hoje a concebemos.

Por W. BRIDGES-ADAMS, antigo diretor do "Shakespeare Memorial Theatre" de Stratford-Avon, especial para a REVISTA DA SEMANA.

O TEATRO DOS ANTIGOS E O DA IDADE MÉDIA são ligados pelos fios mais sutis. No VI século da nossa era uma ex-atriz de teatro ligeiro reinou em Bizâncio, com o título de Imperatriz Teodora. O drama secular, todavia, em face da desaprovação dos Padres Cristãos, já estava declinando, e por várias centenas de anos a flébil chama da tradição teatral iria ser mantida pelos bufões, de cuja contínua atividade há evidência através de toda a Europa, inclusive a Grã-Bretanha. O termo bufão abrange os jograis e menestrelis, mas para nosso propósito os verdadeiros bufões foram folgazões que "transformavam suas pessoas e imitavam a natureza humana". A comédia romana era conhecida dos letrados, mas há razões para supor-se que suas representações eram concebidas, não na forma de uma peça teatral como a entendemos, e sim na forma de leitura, acompanhada de mímica ilustrativa.

Seja no que for que os bufões tenham contribuído para o primitivo teatro inglês — e é de se presumir que através de sua habilidade contribuíram bastante — a origem de drama inglês, como do de outros países europeus, foi antes religiosa que secular. Um serviço religioso possui seu aspecto dramático, e não há dúvida de que o drama se originou da necessidade que a Igreja tinha de por a história do Novo Testamento diante de uma população iletrada de forma tão compreensível quanto fosse possível. As mais primitivas peças da Páscoa, de algumas linhas apenas, apresentavam a Visita ao Santo Sepulcro. Outro assunto apropriado para as dramatizações era a Natividade; e desses começos surgiu integral o drama das Escrituras, desde a história do Velho ao Novo Testamento. À medida que o campo se ampliava, as representações eram feitas, não para uma congregação dentro de uma igreja, e sim à porta da igreja para uma assistência maior. O latim eclesiástico cedeu lugar ao vernáculo e o elemento secular assim veio a desempenhar naturalmente uma parte crescente: e, gradualmente, o drama, sem entretanto perder seu caráter essencialmente religioso, destacou-se da Igreja e passou aos cuidados das corporações das cidades. Estas corporações eram, por assim dizer, sindicatos que abrangiam tanto os diretores como seus homens, constituindo a espinha dorsal da comunidade da classe média medieval. E as peças das corporações foram talvez os primeiros passos dados por

Ao alto: Figurino para um dos tipos da famosa comédia de William Congreve, um dos clássicos do teatro inglês, intitulada "The Way of The World". Esse figurino foi executado para uma representação no Lyric Theatre, em Londres, no ano de 1924. Em baixo: Figurino de Roger Furse, para a representação de "Rei Lear", pelo famoso ator John Gielgud, criador do protagonista dessa tragédia shakespeariana em 1928.

A Exposição de Projetos e Modelos Teatrais Britânicos, que se realizou no Rio de Janeiro, sob o patrocínio do ministro da Educação e do embaixador inglês, constituiu um brilhante acontecimento. As ilustrações deste artigo são fotografias das obras que constaram dessa interessante iniciativa cultural, que o Conselho Britânico organizou e trouxe primeiro a esta capital, onde a vimos no Ministério da Educação, e depois a São Paulo, onde está sendo exibida na sede do Instituto dos Arquitetos.

Impigem?
Dartros?
Manchas?

REMOVAN
Nas Drag. e farm.
CONTÉM SULFA — DISPENSA ATADURA

A janela do hospital

(Continuação da pág. 15)

começou perguntando se a operação havia doído e se ela estava pronta para outra.

Depois colocou em cima da mesinha o embrulho de bolachas que lhe havia trazido e ficou olhando para ela, muito calado e muito atropalhado, como se sentisse o desejo de ficar assim em silêncio e, ao mesmo tempo, a obrigação de procurar um assunto.

Ela falou por falar:

— Que tempo, hein?...

A resposta veio acompanhada de um largo e conhecido sorriso:

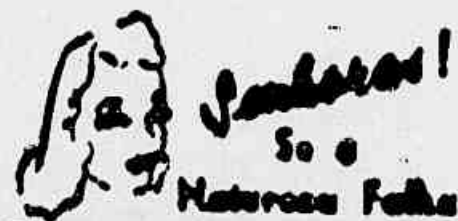
— Pois eu acho formidável, sabe? Sou louco por cruva!...

Ela olhou para fora, para o pedaço de céu que podia alcançar e teve, naquele momento, a certeza absoluta de que o mundo continuava o mesmo, que tudo estava igualzinho, à espera dela.

E disse, com um olhar muito expressivo:

— Para falar a verdade... eu também... Sabe agora, com esta doença enjoada que não me deixa sair daqui, minha maior distração é olhar as nuvens e a chuva por aquela janela?

Sorriu tímidamente, suavemente mas sem remorsos, porque não estava mentindo... Naturalmente agora, naquele momento, no instante daquele sorriso, aquilo era céu e aquilo, era, certamente, janela.



MENAGOL
REGULAR

CARELOS BRANCOS
LOCÃO
Brilhante

- e minhas roupas ficam
tão alvas...



Fabricado com matérias
primas selecionadas cuja
fórmula garante a sua
neutralidade absoluta.

Sabão **FLÔR**
lava tudo especial-
mente roupas finas... e
não estraga as mãos.

Defenda as suas mãos! EXIJA

Sabão **FLÔR**

CONSELHOS

Por modesta que seja a sua casa, ela poderá sempre ter um aspecto encantador. Cortinas de "voil" barato, um divã forrado de fustão, e muitos outros detalhes que seria longo enumerar, podem dar à mesma um "ar" distinto e elegante!

★

Vista-se dentro de casa como uma princesa... Receba sempre o seu maridinho

com o seu melhor sorriso, mesmo que ele tenha chegado atrasado... Estará assim colaborando para manter a sua própria felicidade...

★

Procure ter sempre em seu lar um "cantinho" agradável, onde seu marido possa ler o seu jornal. Uma poltrona confortável, um "abat-jour", e pronto... Nada melhor poderia ele desejar...

RUGOL
O ÚNICO
EMBELEZADOR DA PELE

este país no sentido de um teatro municipal. A representação era um serviço público voluntariamente empreendido. Como os atores fossem negociantes, através deles o drama se tornou uma forma natural de expressão para o povo comum; não era imposto de cima, mas espelhava seus gostos e desgostos, suas qualidades e defeitos. Eis aqui um solo em que um dia poderia nascer um Shakespeare, mas dificilmente um Racine.

Se, por exemplo, as lermos — ou assistirmos, pois ainda de quando em quando essas peças costumam ser representadas, ficaremos impressionados menos pela sua construção, embora às vezes a mesma não seja despidida de valor, que pela sua humanidade e atualidade. Na peça do Segundo Pastor, deste ciclo, os pastores conversam como Master Shallow de Shakespeare os ouviu conversar um sé-

culo mais tarde, e como nós os podemos ouvir hoje em dia em Cotswolds. O papaguear que irrompe entre eles é dos mais ricos do teatro inglês, e o aparecimento do Anjo com as anunciações e o desvio do dramático para as questões divinas a ninguém embaraça. Em outras peças, o Demônio, com uma dúzia de disfarces e nomes meio terríveis, meio ternos, realiza incursões entre os espectadores, lançando chamadas por todos os lados. Em que foram as feitiçarias shakespeareanas mais terríveis? Madame Noé é um tipo que persiste em nossa comédia. A Dama da Pantomima inglesa lhe deve alguma coisa. Herodes, com seus lamentos e rugidos não está muito distante de "Tamburlaine", de Marlowe. Nem "Tamburlaine" de "Otelo". Encontramos, em suma, uma mistura do sagrado e do profano, do grave e do alegre, do racional e do absurdo, com muita

beleza, muita ternura e pouca brutalidade, misturados numa forma frouxa, resguardada do excesso por um avassalante bom humor e natural senso de proporção.

O método de apresentação tornou-se também fortuito. A grande montagem do Mistério dos Valencianos, com seu Céu, a Boca do Inferno, de perneio com Nazaré e Jerusalém, teve também sua contrapartida neste país. Quando as Corporações tomaram conta do teatro, o palco era substituído por uma carroça, onde se montava uma única cena, e que podia ser puxada através da cidade e estacionada em qualquer ponto. Na medida que a carroça ia passando, os espectadores podiam ver cada episódio exibido. Pode-se dizer que da noção de "décor simultané" dos Valencianos, fundida a um conhecimento bebido mais tarde nos palcos da Grécia e de Roma, brotou a cena clássica francesa.



A esquerda: Figurino de Cecil Beaton, para o "ballet" intitulado "Aparições", de Sadlers Wells Ballet. À direita: Figurino de Cecil Beaton, para a ópera "Manon", de Massenet.

Do mesmo modo, se imaginamos a carroça-palco inglesa estacionada e embelezamos a cena com certas feições derivadas menos precisamente (uma vez que tinham um continente e um mar na sua frente) do teatro da antiguidade, visualizaremos algo que se assemelhe ao Teatro Globe, de Shakespeare. Entre os franceses, mais ordenados, a cena fixa e a ação localizada vieram a prevalecer; entre os ingleses, mais desordenados, mesmo quando o drama alcançou o ancoradouro de uma casa de representação perma-

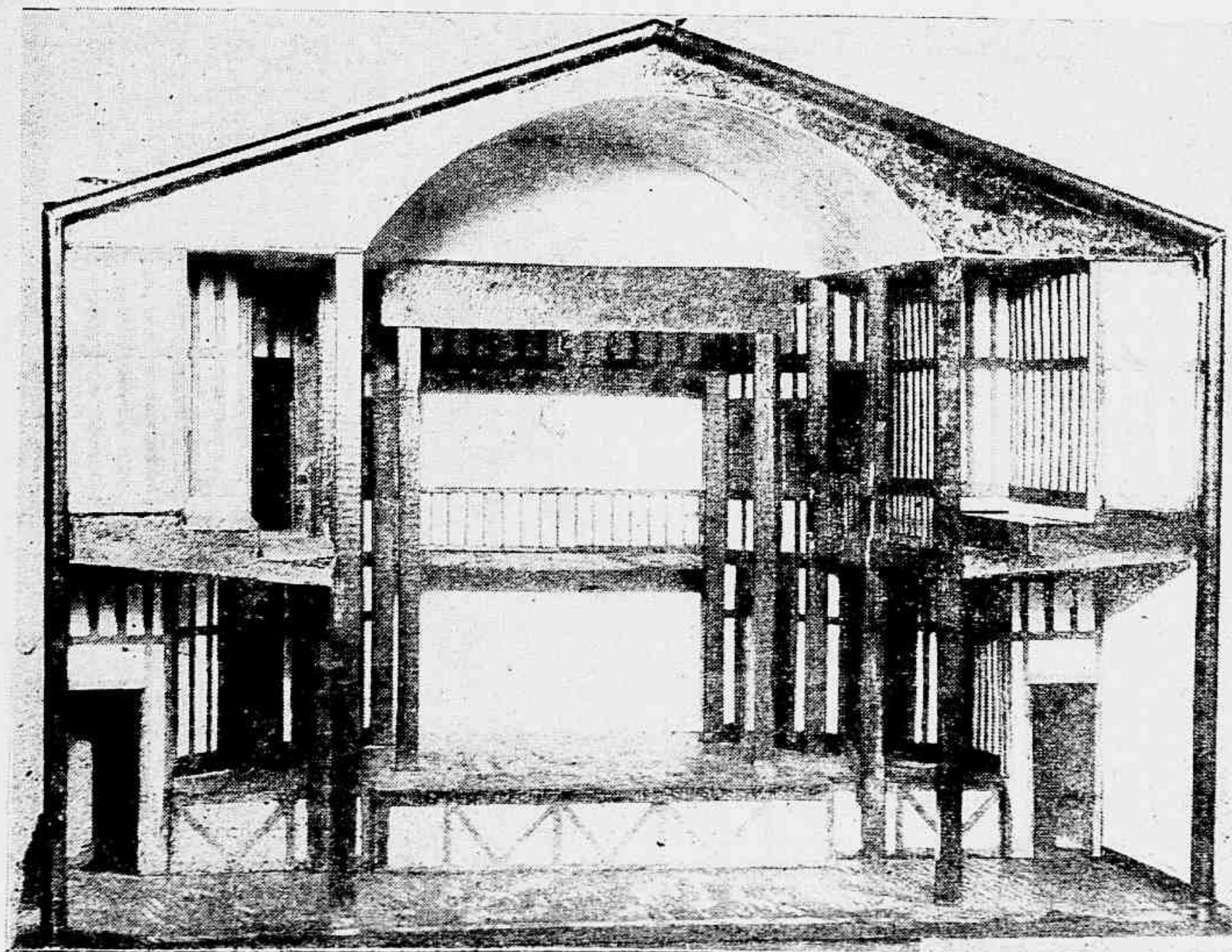
nente, sua ação continuava a se desenrolar displicentemente.

Um ramo posterior, menos popular porque de inspiração mais rígida, era constituído pela Peça Moral, que na realidade era um sermão dramatizado. O tema, que era o Homem em suas relações com as verdades eternas, impunham certa unidade em que os personagens, sendo abstrações, obedientemente ocupavam as posições atribuídas. Estas abstrações, tais como a Riqueza, a Amizade, a Ambição

ou a Perseverança, podiam de acordo com as necessidades ser retratadas, e muitas vezes sem dúvida o eram, com reconhecíveis tipos humanos, mas eram estáticas; era a figura central, o Homem, que sozinho atuava, sofria e se transformava. Não se deve supor que por esse motivo as Peças Morais eram necessariamente enfadonhas e simplesmente edificantes; o que há de melhor entre elas sobrevive como trabalho de arte e são dramaticamente comoventes. Das nossas peças desse tipo, as mais famosas são "The Interlude of Youth" e "Everyman", esta dos primórdios do século XVI e reconhecida como obra-prima de adaptação da peça holandesa de autor desconhecido "Eclkerlijck" — ou, como sustentam alguns, o próprio original do qual se derivou a versão holandesa. Foi celebrada no exterior sob o título de "Jedermann", numa adaptação devida a Von Hofmannsthal para uma produção de Max Reinhardt. "Jedermann", montada em Salzburg, fornece estupendo exemplo do instinto de Reinhardt para o trato de um tema austero com profuso efeito teatral, mas comparada a peça com a antiga é o mesmo que comparar Wagner com Palestrina. "Everyman", sob o tratamento aséptico realizado por William Poel neste país, evoca no espectador um estado mais severo; a queda entristecida na escuridão exterior aparece muito próxima e não é a queda existente num cartão de Natal.

As peças morais constituem uma ponte de religião entre o drama lírico da Idade Média e o drama humanista da Renascença. E embora, como se sugeriu, seu desenvolvimento da existência certos traços peculiarmente ingleses, de modo geral podemos dizer que através de toda a Europa o drama medieval obedecia aos mesmos padrões. E' na era então, então que uma dissimilitude fortemente caracterizada primeira se torna aparente. — (Copyright de B. W. S.).

Modelo de um velho teatro inglês, o de Maddermarket, em Norwich. — Verdadeira relíquia das tradições cênicas britânicas.



FLEURS D'AMOUR



ROGER & GALLET

EXTRACTO - LOÇÃO
PÓ DE ARROZ
BRILHANTINA

PARIS-RIO

A ILHA DO...

(Continuação da pág. 26)

navio aproximou-se apenas meia milha, tendo acesos todos os seus fogos, abertas todas as suas portinholas de peças, assemelhando-se a um enorme pirilampo. Ouvi-se música a bordo. Levantei-me, chamei, dei gritos na sua direção: inutilmente!

No segundo dia, abri um dos ovos de aepionis; raspei a casca de dentro para fora, e verifiquei com prazer que ele estava bom para se comer: tinha, entretanto, um certo cheiro, mas o gosto era parecido com o do ovo de pata. Em um dos lados da gema, havia uma mancha redonda de umas seis polegadas de largura, com veios de sangue e um sinal branco, semelhante a uma escada. Achei aquilo muito singular, mas não compreendi então o que significava, e não estava em situação que me permitisse muitos escrúpulos. Aquele ovo alimentou-me três dias, com algumas bolachas e alguns goles d'água. Mastiquei também grãos de café para conservar o vigor.

Pelo oitavo dia encetei o segundo ovo, e ele espantou-me.

O homem da cicatriz fez uma pausa.

— Sim, estava em plena incubação, continuou ele.

Creio que isto o admira. Aquele ovo tinha sido posto naquele lodo negro e frio, talvez uns cem anos antes. Mas não havia engano possível: eu tinha ali, debaixo dos meus olhos, — como direi? — O embrião, com a sua enorme cabeça, com os ossos recurvados, com o coração batendo sob o sternum, com a gema como que resequecida, e grandes membranas es-

tendidas no interior, em volta de toda a casca. Eu tinha pois feito sair da casca os ovos das maiores de todas as aves desaparecidas, ali, dentro de uma pequena piroga, em pleno oceano Índico. Ah! se o tio Dowson soubesse disso! Aquele fato equivalia bem a quatro anos de vencimentos, hein?

Todavia, cumpria-me comer até o fim daquele acepipe delicioso, antes de avistar a terra, e alguns dos bocados foram deveras repugnantes. Restava o terceiro ovo. Eu havia-o examinado bem, à luz do meio-dia, porém a casca era demasiado espessa para que eu pudesse ver o que se passava do lado de dentro; é verdade que me havia parecido ouvir uma pulsação, mas podia ter sido um zumbido aos meus próprios ouvidos, como acontece quando aproximamos do ouvido uma concha.

Então apareceu-me à vista uma ilha; apenas a vi sair da irradiação do sol, logo ela se apresentou bem perto de mim. Voguei em linha reta para o seu lado, e achava-me a cerca de meia milha da praia, nem mais nem menos, quando a corrente desviou; ora, eu não tinha para remar, com a maior dificuldade do mundo, senão somente as minhas mãos e os pedaços da minha casca de ovo de aepionis. Apesar de tudo, abiquei em terra.

Era um banco de coral qualquer, de cerca de quatro milhas de circuito, com algumas árvores vivas, uma nascente, e a praia coberta de pequenos crustáceos. Desembarquei o meu ovo, coloquei-o em bom lugar, bem acima da alcance da maré, em pleno sol, para dar-lhe todas as probabilidades de chocar; depois procurei um lugar seguro para a minha piroga e principiiei a passear. É' exquísito como um banco de coral é tristonho!... Quando eu era pequeno, nada me parecia mais sedutor do que as aventuras do Robinson Crusoe; mas decididamente o lugar onde me achava era tão monótono como um livro de sermões... Andei em volta dele, em busca de alguma coisa que comer, principalmente refletindo; e

assevero-lhes que antes do fim do dia, achava-me a morrer de tédio.

Vai ver a minha boa fortuna: no mesmo dia em que pisei em terra, o tempo mudou. Uma tempestade acompanhada de revoada dirigiu-se para o norte e agitou a minha ilha; durante a noite um dilúvio, uma procela atrozadora. É' fácil compreender que não era preciso tanto para virar a minha canôa de pernas para o ar.

Dormi embaixo dela. Felizmente o ovo repousava na areia, na parte mais alta da praia. A primeira coisa que me lembra, é um ruído semelhante a uma centena de pedrinhas batendo ao mesmo tempo no barco; depois uma vaga impetuosa me passou sobre o corpo. Precisamente nesse momento eu pensava em Antanarivi; levantei-me e chamei por Intoshi para lhe perguntar que demônio era aquele; ao mesmo tempo, estendi a mão na direção da cadeira onde, em minha casa, costumavam estar os fósforos. Só então me lembrei onde me achava.

Chegavam até junto de mim algumas vagas fosforescentes, como se quisessem tragar-me; a noite, aliás, conservava-se negra como tinta. O vento zunia, as nuvens muito baixas parecia estarem prestes a tocar-me na cabeça e a chuva caía como se o céu se estivesse entre-aberto. Uma enorme vaga adiantou-se, contorcendo-se, como uma serpente de fogo, e eu fugi. Pensando na canôa, desci a toda pressa, para o lado em que ela se achava, quando já a água rugia de novo atrás de mim; ela havia desaparecido. Principiei então a inquietar-me com o ovo e procurei-o às apalpadelas. Estava em muito bom lugar, fora do alcance das ondas mais alterosas; sentei-me perto dele no chão, e tomei-o nos braços para me fazer companhia. Meu Deus! que noite foi aquela!

Antes de romper o dia a borrasca estava passada; nem mais vestígio dela havia no céu quando raiou a aurora. Viam-se esparsos ao longo da praia destroços de táboas: o esqueleto desarticulado, por assim dizer, do meu pobre batel. Aquilo proporcionou-me uma ocupação; pois aproveitando duas das táboas que ainda se achavam unidas, levantei com esses restos uma espécie de abrigo contra a tempestade.

Aconteceu que nesse mesmo dia o ovo abriu-se.

Sim, meu senhor, abriu-se; quando eu repousava a cabeça sobre ele e dormia. Ouvi uma pancada vigorosa, percebi um pequeno estalo, e levantei-me: era o ovo que estava sendo quebrado a bicadas: uma engraçada cabecinha parda olhava para mim. "Oh! exclamei, seja bem vindo". E, com alguma dificuldade o animal saiu da casca.

Um belo e bom animalzinho, na verdade, do tamanho de uma galinha pequena, perfeitamente igual à mór parte das outras aves recém-nascidas, somente bastante maior. A penugem era a princípio de um pardo sujo, com umas espécies de pinhas que depressa desapareciam, e muito poucas penas, uma leve penugem.

Não posso exprimir com me sentia feliz ao ver aquele animal. Robinson Crusoe não nos falou bastante do seu isolamento. Da minha parte, eu tinha um interessante companheiro. Este olhava mim e piscava os olhos, com a cabeça atirada para trás, como uma galinha; depois deu um grito e pôs-se a debicar aqui e ali, como se fosse a cousa mais natural o ter ele nascido com trezentos anos de atraso.

— Folgo imenso de o ver, senhor sexta-feira disse-lhe eu. Porquanto, desde que reconheci que o ovo estava em incubação, dentro da canôa, decidi naturalmente escolher esse nome, se acaso ele viesse a vingar. Eu, porém, não podia deixar de me inquietar no tocante ao seu alimento; dei-lhe logo uma quantidade de pequenos peixes; ele tomou-os e abriu o bico para receber mais. Isso contentou-me, porque, em semelhantes circunstâncias, por pouco que ele se mostrasse remisso, não me restava outro recurso senão comê-lo a ele mesmo.

Não pode imaginar quanto era interessante aquele pinto de aepionis. Principiou a seguir-me logo no primeiro dia. Conservava-se quase sempre junto de mim enquanto eu pescava, vigiando para que não lhe faltasse a sua parte em tudo quanto eu pudesse apanhar. Era igualmente

(Continua na página 53)



Am
numero
para



côda
paladar



Limpe a pele uma vez por dia
PASTA DE AMENDOAS
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
A VENDA EM TODA PARTE

Livros

NOVOS

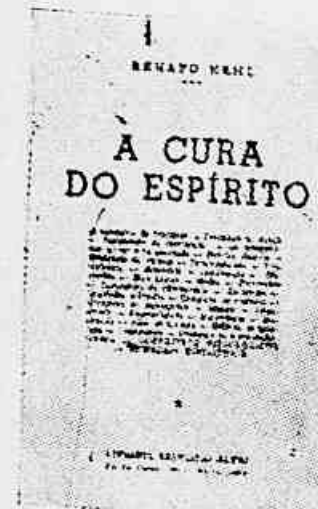
Por JOÃO LUSO

A CURA DO ESPÍRITO, conceitos e conselhos de Renato Kehl — Livraria Francisco Alves — Rio de Janeiro, 1946.

O Sr. Renato Kehl é um filantropo infatigável. Dificilmente terá tempo de fazer outra coisa, tanto se ocupa da robustez e do bem estar, da saúde física e moral dos seus semelhantes. Andam por cerca de trinta os livros que tem consagrado as suas grandes campanhas de bemfeitor da humanidade em geral e de cada classe de enfermos ou de infortunadas em especial. Quem deveras se entregasse à leitura desses volumes e deles tirasse todo o proveito indicado, atingiria a perfeição do corpo e da alma; possuiria a força suprema e a suma inteligência; nada ficaria devendo à concepção da figura e do gênio de Apolo, deus da beleza e da poesia, da medicina, do sol e dos oráculos. Não consta, por enquanto, que alguns leitores hajam colhido de tão numerosas páginas aquele resultado absoluto. Longe, porém, de desanimar da eficiência do seu esforço, o Sr. Renato Kehl trabalha sempre, fazendo que, no mercado literário, se sucedam as suas obras, algumas das quais já com cinco edições. Ao contrário de esmorecer, o entusiasmo do escritor aumenta como a sua esperança. E agora nos oferece o benemérito publicista uma das suas mais curiosas produções: *A Cura do espírito*.

Para nos ensinar essa terapêutica, começa o autor falando-nos no problema da felicidade. As calectaneas de pensamentos filosóficos e sentenças morais, sem falar das enciclopedias como o Grande Larousse, nos dão acerca da felicidade as noções mais variadas. A todas estas o Sr. Kehl acrescenta algumas de sua casa. Assim nos conduz ao capítulo ou série de capítulos a que deu o título *Farmácia do Espírito*. E desta botica doutrinária, eis os primeiros medicamentos, subordinados à etiqueta *Ditos breves*, que é, como quem diz, "pilulas":

"A vida é para os que sabem querer, e não para os que apenas querem. — Não basta ter inteligência, cumpre cultivá-la. — Pensar, para acertar; calar, para resistir; agir, para vencer. — A humanidade ama os sonhos e se deixa governar pelos que sabem alimentá-los. — O homem ama a si mesmo, até no objeto da própria paixão. — Trabalhar, para viver; descansar, para existir. — Dificuldades são estímulos para os que sabem lutar. — Nada mais deleitoso do que a serenidade de uma consciência tranquila".



OUTONO QUE VAI PASSANDO, versos de Paula Achilles — Editor A. Coelho Branco F.º — Rio de Janeiro, 1946.

Este poeta resolveu, pelo menos nos seus versos, envelhecer. A musa, tal como ele a vê e entende, principalmente lhe inspira recordações melancólicas, reflexões de amarga filosofia. É uma Polínia para além de cinquenta, que se resignou a deixar aparecer as rugas da face e os fios brancos do cabelo. Apregoa, desde o título do volume, que está no outono da vida e lhe não tardará o inverno em que tudo esmorece e morre. Mas, sem dúvida, exagera. A idade lhe foi compondo outra espécie de formosura. Não é a alegria, não são os versos dos vinte anos. Que importa? E note-se: não faltam por aí poetas que, naquela primavera da existência, se declaram já desiludidos e positivamente denotam a decrepitude. Prova isso que a idade do calendário nada tem com a do espírito ou do sentimento. Outônios são os cérebros e os corações que declinam, prestes a deixar de trabalhar e de amar.

Não está certamente nesse caso o Sr. Paula Achilles. Na sua poesia há elevação, beleza, energia. Tendo-se afastado a tempo — e oxalá que para sempre — da algazarra dos que anarquizam o pensamento e achincalham a forma, faz obra além de espontânea e impetuosa, escorreita. E, em verdade, nem sempre é a grave meditação ou a saudade tristonha que domina na sua poesia. Há no livro páginas de arrebatado, inquebrantável idealismo, como aquela em que vem o soneto *Plenilúnio*:

Glória a luz, glória a treva, glória a chama!
Glória ao silêncio que emudece o grito!
Glória a perpetuação do espaço, a flama
Que incende o mundo inteiro do infinito!

Glória a noite que fulge no conflito
Dos astros e o esplendor do azul proclama!
Glória ao que sente, em desespero, a flite,
Que a vida, para sempre, é o mesmo drama!

Glória ao bem que a maldade concilia!
A idéia que termina, a que começa
A que morre e de novo principia!

Glória ao que se deseja e não se alcança!
Glória ao que existe e de existir não cessa!
Glória à mentira eterna da esperança!

OUTONO
QUE VAI PASSANDO...

TERRA VERDE, páginas de poesia, de Manoel Cerqueira Leite — Editora Brasiliense Limitada — São Paulo, 1946.

As composições reunidas no presente volume denotam acentuada predileção pelos motivos rústicos e regionais. Não se trata da musa caipira ou tabarôa a que tantos poetas se estão mostrando extremamente afeiçoados, entre os quais — para só nos reportarmos a obras publicadas nas últimas semanas — a Sra. Jacy Ricardo, Nhô Bento (José Bento de Oliveira) e, em parte do seu livro *Cântico Perdido*, o Sr. Eduardo Tourinho. O Sr. Cerqueira Leite não vai ao ponto de empregar em absoluto ou indistintamente a linguagem dos heróis das suas narrativas, habitantes daqueles sítios em cujas paisagens, tradições ou costumes se inspirou. Para dar caráter ao trecho descritivo, serve-se, quando necessário e tanto quanto necessário, do linguajar corrente naqueles lugares, recorrendo a palavras ou maneiras peculiares a determinada gente; e está visto que, em passagens ou momentos de diálogo, observa rigorosa fidelidade. Nunca, porém, renuncia a considerar por si mesmo os assuntos e acerca de cada um se exprimir individualmente. Mantém o seu estilo próprio, que é a sua dignidade de escritor. Se, homem culto, homem de sensibilidade e gosto educados, não sente um panorama, um idílio ou uma tragédia exatamente como tal espectáculo influe no entendimento e na emotividade do homem do mato porque há pedir a este os termos, os meios de interpretação? Sem, de certo, desprezar os poetas que querem ser caipiras — afinal, estão no seu direito e alguns incontestavelmente realizam formas de beleza — o autor da *Terra verde* fala dos

caipiras sem alienar as próprias faculdades e os próprios recursos de poeta. E é aí que, por exemplo, nos apresenta a terra natal, condensada na imagem valente, pitante, aventureira do gaúcho sobre o seu cavalo:

Leva, no ombro, um ponche azul, da cor do céu,
forrado de verde, de verde-amarelo,
varando o miniano:
no cabo da faca, um cruceiro de estrelas;
na espora, a rosela da rosa-dos-ventos,
herdada, no berço, do pai lusitano...

Poeta n.º sempre por conta própria nos descreve o Sr. Cerqueira Leite o *Poeta auri-verde*; ergue o *Louvor da língua verdolenga*, em harmonioso, original conjunto de classicismo e renovação, e assim concluindo:

O' Língua, amorosíssima saudade,
tão cheia de alegria e de tormento,
tão cheia de finura e gravidade,
tão cheia de heroísmo e pensamento,
— eu já te ergui meu canto de humildade!
Não só por celebrar-te, me contento: —
eu quisera dar mais... chamar-te minha,
no orgulho de ser rei com tal Rainha!

Em outras partes do volume, surgem os quadros de atavismo africano, como *Bequeré* e *Bangulê*, tratados com excelente engenho de constituição; os temas indígenas como a *Tragédia tupi*; os contos populares e de crendice como *Negrinho do pastinho* e páginas de enlevado, regalado bucolismo, como *Caboclo*, *Jaguarari* e *Rapsódia gaúcha*. Veja-se a poesia *Terra boiuna* que, na sobriedade verbal, exerce tão intenso e cativo efeito de evocação:

Passa o carro, cantando, em bucolismo quente,
a saudade de alguém que ele amou certamente...

Seam, suaves, os sons lentos
do meu carro inspirador,
onde outrora soltei meus primeiros lamentos,
e onde tive o primeiro e verdadeiro amor!

Lá vai o carro, vai, no soluçar bizarro,
pelas ruas de amor de minha terra,
pacata sempre, e boa, e valente na guerra,
sempre ofeita a escular um soluço de carro!

E singela e feliz! Que singeleza boa,
reponha no seu quê de menina faceira: —
nada de névoa, nada de garoa,
bebendo a luz do sol, num tumulto de feira!

Minha alma guarda a luz que me deste em criança!
e essa luz que hoje explode em clarões deslumbrados,
dou a tua simplicidade, em versos que são brados
e são sonho e são vida e saudade e esperança!

Passa o carro cantando, em bucolismo quente,
saudades de um guri que ele amou certamente!

PEQUENA BIOGRAFIA DO BARÃO DO RIO BRANCO, por Demosthenes de Oliveira Dias — Rio de Janeiro, 1946.

Numerosos são os livros consagrados à memória daquele a quem a América Latina, para o distinguir de qualquer outro estadista, chamava, *loul court*, o Chanceler. Nunca, porém, serão demais. Todos os escritores que sincera e aplicadamente estudarem o grande homem e a sua grande obra, terão cumprido tarefa digna de atenção. E não raro sucede que, na biografia aparentemente mais singela se encontre uma feição, um traço, um pormenor não divulgado ainda e deveras precioso, deveras de se guardar. Será este, certamente, o caso do presente trabalho que, no concurso instituído pelo Ministério das Relações Exteriores para uma biografia do Barão, em cem folhas dactilografadas no mínimo e cento e vinte no máximo, obteve, entre grande número de peças excluídas e só duas classificadas, o segundo galardão, isto é: menção honrosa.

A mais evidente dificuldade de tal obra estava na sua forçada exiguidade. Toda a gente compreenderá que reduzir da maneira imposta pelo concurso a história duma existência que tão excepcionalmente se assinalou pelo esforço inspirado e as altas realizações — não é missão para qualquer pesquisador ou para quem simplesmente esteja acostumado a escrever. Exige o conhecimento e a compreensão daquela individualidade, no sentido mais seguro e mais profunda. Constitue empreendimento superior ao de se tomarem os elementos de documentação e dar-se-lhes desenvolvimento, ou com o estilo que tudo pode ampliar e alargar, ou com a imaginação que, sobre os dados dos arquivos, constrói aquilo que modernamente se chama "biografia romanceada". Só a posse completa dos elementos de elucidação e apreciação permite as sínteses da natureza daquela a que o Sr. Oliveira Dias se dedicou. E para conseguir, como agora se verifica, que, nas cento e poucas páginas do presente volume, nada de essencial ou importante ficasse por indicar, inquestionavelmente procedeu com inteligência e método merecido.

PEQUENA
Biografia do Barão
do Rio-Branco

RECEBEMOS:
Nação Armada, revista civil e militar dedicada à Segurança Nacional. É o número 79, do 7º ano, correspondente a Agosto e Setembro de 1946.
Perante a Opinião Pública do País — Discurso proferido pelo sr. João Daudt d'Oliveira na reunião do Conselho Diretor da Associação Comercial em 4 de Setembro p. finda.



DESPERTE A BILIS DE SEU FÍGADO...

o saltará da cama disposto para tudo. Do fígado deve fluir para os intestinos, aproximadamente, um litro de suco biliar por dia. Se este suco não correr livremente, V. não pode digerir bem os alimentos e estes fermentam nos intestinos. Então sobrevém a sensação de fatura, seguida pela prisão de ventre. V. se sente deprimido, desanimado e de mau humor. V. precisa das Pímulas Carter para o Fígado, para fazer com que esse litro de suco biliar corra livremente e V. se sinta realmente bem. Compre um vidro hoje mesmo. Tome-as conforme as instruções. São eficazes para fazer a bilis fluir livremente. Peça PÍMULAS CARTER para o Fígado. Tamanho econômico: Cr\$ 3,50.

A ILHA DO...

(Continuação da pág 51)

delicado: encontravam-se não raro pela praia certas frutinhas, sujas, verdes, semelhantes a uns pepininhos confeitados; ele provou uma delas; e seu gosto desagradou-lhe de tal modo que nunca quis nem olhar para esse gênero de groselha.

E ia crescendo, ia crescendo quase à vista dos olhos. Como nunca fui homem de sociedade, a sua tranquilidade, a sua dedicação por mim agradaram-me sobremaneira. Durante perto de dois anos, fomos tão felizes quanto nos era possível sê-lo naquela ilha. Eu não tinha nenhuma preocupação de interesse, pois que os meus vencimentos corriam por conta de Dawson. De vez em quando, avistávamos uma vela, mas nem uma se nos aproximou. Eu comprazia-me em guarnecer o meu domínio, em decorá-lo com plantas marinhas e conchas de espécies e formas diversas. Escrevi "Ilha do Aepyornis" em grandes letras ao redor do meu reino, do mesmo modo que, como sabe, na Inglaterra se escrevem, nas estações da estrada de ferro, com pedras pintadas, o nome da estação. Eu acostumara-me a contemplar aquela endiabrada ave que passeava e crescia, crescia sempre: pense um pouco nas rendas que me poderiam advir se eu pusesse em exibição aquele animal, dado que algum dia me pudesse ser salvo.

Após a primeira muda, ele tornou-se gracioso; nasceu-lhe uma crista, uma barba azulada e um feixe de penas verdes na cauda. Eu perguntava de mim para mim não poucas vezes, se Dawson teria ou não algum direito de reclamá-lo. Durante os dias de vendaval e a estação das chuvas, nós nos conservávamos juntos debaixo do abrigo que eu tinha feito com as táboas do velho batel; eu contava-lhe histórias sobre os meus amigos caseiros. Passada uma tempestade, dávamos juntos um giro em volta da ilha para ver se encontrávamos algum destroço. Era, como vê, uma espécie de idílio. Se ao menos eu tivesse um pouco de fumo, seria simplesmente um paraíso.

Todavia, no fim do segundo ano, o nosso pequeno paraíso foi-se tornando menos agradável. Sexta-feira tinha então, do chão até o bico, cerca de quatorze pés de altura, com uma cabeça grossa e larga como a de um pião, dois olhos pardos enormes, com orlas brancas, convergentes como os do homem, e não de cada lado da cabeça, como os da galinha. A sua plumagem era bela — em nada parecida com o luto aliviado da avestruz — assás semelhante à do cosoar, tanto quanto o permitia a diferença de cor e de formas das duas espécies. Então ele principiou a erguer a crista contra mim, a tomar atitudes insolentes, a dar todos os sinais de um mau caráter.

Chegou, afinal, um momento em que, tendo sido a minha pesca totalmente infrutífera, ele agarrou-se a mim de um modo singular e refletido; julguei que talvez tivesse comido alguma abóbora do



SEAGERS
(DIGA SIGA)
DESDE 1805
SEAGERS
SIGNIFICA
SUPERIORIDADE

mar ou qualquer outra coisa desagradável; na realidade aquilo não passava de simples descontentamento da parte dele. Ora, da minha parte, eu estava também a morrer de fome, e, assim que apanhei afinal um peixe, entendi que devia reservar-mo. O nosso mau humor estava de sobreaviso aquela manhã. Ele apanhou o

peixe no bico e apoderou-se dele; eu dei-lhe uma pancada na cabeça para obrigá-lo a abandonar a presa. Então ele investiu contra mim, meu Deus!... e aqui está o que me fez no rosto.

O homem mostrava-me a sua cicatriz. — Depois bateu-me com os pés. Levantei-me e, vendo que ele não acabava, fugi,

protegendo o rosto com os meus braços cruzados; ele, porém, principiou a correr, com as enormes pernas desgraciosas e desastradas, mais rápido que um cavalo de corrida, e deu-me na cabeça uma porção de couces que pareciam pancadas de martelo. Dirigi-me para o pântano e entrei dentro d'água até o pescoço. Ele pu



Assegure desde agora para sua pele a encantadora

Beleza de Adolescente

Para possuí-la, não oculte...

Corrija

as imperfeições da cutis com **LEITE DE COLONIA**.



CONQUISTE PARA SUA PELE A BELEZA DE ADOLESCENTE

Ao levantar-se, limpe sua pele com Leite de Colonia. Durante o dia, use-o como fixador do pó e protetor da cutis. Ao deitar-se, para retirar o maquilage e limpar novamente a pele.

Não é um privilégio das adolescentes a pele jovem e acetinada. Muitas mulheres conservam esse dote de juventude por muitos anos. E certamente também é seu desejo manter ou conquistar uma cutis sempre bela e fascinante. Pois, então, desde agora, decida-se a não recorrer ao excessivo e forte "maquilage" para ocultar as imperfeições do seu rosto. Isso é um erro! Adote este método mais prático e mais fácil: evitá-las e corrija-las com Leite de Colonia. Produto de toucador, mas de base medicinal, Leite de Colonia remove manchas, sardas, cravos, espinhas e outras erupções. É também excelente fixador do pó de arroz e protetor da pele. Use-o diariamente. E sua cutis se tornará ainda mais linda e mais jovem!

Leite de Colonia

- LIMPA, ALVEJA E AMACIA A PELE!

BRONZISOL
ANTISOLAR
De Mme. Campos
FIXA UM LINDO BRONZEADO
NATURAL
A VENDA EM TODA PARTE



Realizou-se no dia 22 de setembro último, no salão nobre do Club Militar, a audição das alunas de D. Marieta de Freitas, professora de piano desta capital. No grupo vemos a Exma.Sra. D. Marieta de Freitas rodeada de suas gentis alunas.

Villa Lobos descobriu a galinha dos...

(Continuação da pág. 34)

pondeu, especificando as condições que lhe pareceram mais aceitáveis. Não houve discussão. Foi tudo aceito, imediatamente.

— Eles devem chegar em novembro. Em quinze dias, terei tudo pronto.

"MADALENA — E NÃO SE ARREPENDERÁ!"

Forrest e Wright — eis os nomes dos persistentes libretistas, responsáveis pelo sucesso, nos palcos americanos, de uma obra, semelhante à que agora propõem, com música de Grieg — "Canção da Noruega", para cujo elenco foram roubar ao Metropolitan uma das suas maiores cantoras, que possui, ademais, excepcional talento de comediante: Irra Petina, é o curioso nome da atriz.

— Qual é o libreto da opereta?

— Não sei.

— ? ? ?

— Em novembro é que terei notícias sobre o libreto. Por enquanto sei, simplesmente, que foi intitulada "Madalena" e — segundo informam Forrest e Wright — não se arrependerá...

— O essencial é que o senhor não se arrependa...

— Nada disso. Vai ser, até, muito divertido.

Com aquele seu bom humor habitual e aquele mesmo entusiasmo que o caracteriza, Villa-Lobos se lançará, mãos à obra, para adaptar algumas de suas melodias mais simples e mais acessíveis, ao libreto que Forrest e Wright prepararam.

— Forrest e Wright dizem que querem se antecipar à popularidade de minha música junto ao povo americano que não frequenta concertos sinfônicos e muito menos recitais de música de câmara.

Para espantar os "yankees", Forrest e Wright importarão do Brasil, a personalidade gigantesca de Villa-Lobos

que vai com o selo nacional — do qual ele se orgulha — bem à vista, conquistar vitórias e sucessos para a sua pátria com a sua música cujo colorido exótico, transplantada para o meio dos arranha-céus, ficará como uma bananeira em Brooklyn, para competir com aquela outra árvore, mais de acordo com a flora americana, usada por Betty Smith num "best seller" que lhe deu glória e fortuna...

Um passeio pelo mundo dos aracnídeos

(Continuação da pág. 29)

AS ARANHAS VENENOSAS

Passemos, agora, às aranhas venenosas.

Não há dúvida de que todas as aranhas são de certo modo venenosas, porquanto todas dispõem de diminutas gotas de veneno, com as quais paralisam as suas vítimas.

Referindo-se às aranhas mais venenosas do Brasil, escreve o já citado Afrânio do Amaral:

... "As aranhas são representadas no Brasil por um número considerável de espécies agrupadas em vários gêneros. Dessas, porém, apenas dois tipos se sobressaem aos demais e apresentam real importância em Medicina. São eles o gênero *Ctenus* e o gênero *Lycosa*. Esses dois tipos de aranha possuem veneno bem diverso e, desarte, produzem fenômenos de intoxicação mui distinto entre si.

Relativamente pequenas e muito mais venenosas que as chamadas *caranguejeiras*, essas aranhas procuram frequentemente, esconderijo em sapatos e peças de roupa ou no meio da lenha e, desse modo, conseguem picar as pessoas, nos pés, no corpo ou nas mãos.

Felizmente o número de espécies capazes de produzir sérios acidentes entre nós, resume-se nesses dois gêneros."

A MAIOR ARANHA DO MUNDO

A *Caranguejeira* — eis a maior aranha do mundo, atingindo até 25 cm. de comprimento, medido entre as extremidades das patas extendidas.

Essas gigantes aranhas não tecem fios, nem aranhais, consoante a afirmação de Von Ihering. Sua vida é a dos saltadores destemidos, que lutam corpo a corpo com as vítimas.

Alimentam-se de pequenos vertebrados de sangue frio, como sejam: rãs, lagartixas e pequenas cobras venenosas.

Os drs. Vital Brasil e J. Vellard, que realizaram vários estudos com relação às diversas espécies dessa aranha, têm as *caranguejeiras* na conta de ofiívoros preciosos, por darem caça às serpentes novas.

Apesar de venenosa, sua picada não é fatal para homens. De hábitos noturnos, caça à noite. O animal, caso entra logo em estado de embriaguez perde o equilíbrio e, por fim, cai em torpor. Se não morre, as perturbações nervosas permanecem durante meses.

O TRATAMENTO DOS ACIDENTES DETERMINADOS PELAS ESCORPIÕES E PELAS ARANHAS

Eis aqui as indicações do dr. Afrânio do Amaral, para o tratamento seguro contra o envenenamento provocado pelos escorpiões e pelas aranhas:

"O tratamento do acidente determinado pelo escorpião consiste em injeções do soro anti-escorpiônico, aplicado em qualquer região do corpo, na dose de uma ampola em adultos e duas a três em crianças, por via subcutânea nos casos recentes e brandos, ou intra-venosa nos casos adiantados ou graves, mormente em crianças, nas quais se pode também, na falta de veias calibrosas, recorrer à via peritânea. Este tratamento deve ser seguido de repouso, aquecimento do corpo e de bebidas estimulantes, tais como café ou quentes".

O tratamento de envenenamento das aranhas, do tipo *Lycosico*, por exemplo, consiste em:

"Administrar o soro anti-lycosico o mais cedo possível, a fim de evitar o início da necrose da pele; o soro deve ser injetado de preferência em redor da região atingida na dose de uma ampola para os adultos e de duas a três para as crianças, sempre em quantidade inversa ao tamanho e idade da vítima, **que, quanto mais leve e jovem, tanto mais soro deve receber.**

Em seguida, aplicar penso antiséptico ou simples sobre a pressão de água morna sobre a zona lesada, ou, nos casos tratados tardiamente, lavagens da zona necrótica com água fisiológica ou água fervida, seguidas de aplicação de soro normal seco".

Por que precisam as mulheres de dois reguladores?

A ciência, a razão e o bom senso respondem: porque males diferentes só podem ser tratados com remédios diferentes. E os males próprios do sexo feminino são de duas naturezas diferentes: os que produzem regras abundantes e os que produzem falta ou diminuição de regras. E, portanto, eles exigem remédios diferentes. Este é o critério científico a que obedece o Regulador Xavier, fabricado em duas fórmulas diferentes:

O Regulador Xavier N.º 1: para as regras abundantes, prolongadas, repetidas, hemorragias e suas consequências: dores, vertigens, insônia, nervosismo, fadiga, etc.

O Regulador Xavier N.º 2: para a falta de regras, regras diminuídas, atrasadas, suspensas e suas consequências: anemia, cólicas uterinas, fibroses brancas, insuficiência ovariana, etc.

Para o bem de sua saúde e de sua vida é necessário que as mulheres deixem o perigosíssimo costume de lançar mão do primeiro remédio que se lhes apresenta. Os seus males precisam ser tratados com toda a atenção e cuidado, pois que qualquer descuido poderá lhes trazer consequências desastrosas. Verifiquem as mulheres a natureza de seus males observando as suas regras. Saberão assim qual dos dois Reguladores Xavier lhes convém. Recorram então a ele. O Regulador Xavier lhes assegura um tratamento racional e eficiente porque é fabricado de acordo com a natureza de suas enfermidades. O Regulador Xavier é a garantia da saúde e do bem-estar das mulheres.

SOFRE DO FIGADO?

TOME

BIO-HEPAX
produto do laboratório da GUARAMIDINA

rou, porque tinha horror de molhar os pés, e pôs-se a gritar, como um pavão enfurecido, mas com voz mais abafada. Principiou depois a passear pela praia. Reconheci que me sentia pequeno diante daquele fossil diabólico, que punha em campo a sua valentia. Eu tinha a cabeça e o rosto banhados em sangue, e, apre! todo o corpo, sob aquelas contusões, não era senão um mingau.

Tomei o partido de avançar para dentro do pantano e deixá-lo só durante algum tempo, até que ele serenasse. Trepe pela palmeira mais alta, sentei-me e pensei sobre tudo aquilo. Creio que jamais, nem antes nem depois, senti um pesar tão grande. Era a ingratidão brutal da criação. Eu tinha sido mais que um irmão para ele; tinha-o posto no mundo, tinha-o criado. Grande desasada de ave, fora da moda!... E eu, um ente humano, herdeiro dos séculos passados!... Enfim!...

Depois considerei que ele mesmo acabaria por ver a coisa assim e lastimaria um pouco o próprio procedimento. Imaginei

que seria talvez conveniente apagar alguns bonitos peixinhos, chegar junto dele e oferecer-lh'os de um modo indifferente: ele se comoveria com a minha ação. Foi-me preciso algum tempo para conhecer quanto pode ser implacável e obstinada uma ave de raça extinta! Ó rancor!

Não lhe direi todos os estratagemas de que me servi para engodá-lo. Tudo foi simplesmente baldado. Sóbe-me ainda o rubor às faces só em pensar nos assomos e nas pancadas que recebi daquela ave curiosa e infernal. Tentei a violência: atirei-lhe de longe fragmentos de coral, mas limitou-se a engulir-los; atirei-lhe a minha faca aberta e escapei de perdê-la, conquanto fosse bastante grande para que o animal a engulisse; tentei vencê-lo pela fome e deixei de pescar; mas ele achou vermes para debicar, ao longo da praia, na maré baixa, e assim continuou a viver escassamente. Eu passava a maior parte do meu tempo dentro d'água, que me chegava até o pescoço, e o resto

no ar, trepado nas palmeiras. Uma dessas árvores era pouco alta; quando ele me surpreendia sobre ela, era para ele um regalo, à custa das minhas pernas. Aquilo tornou-se intolerável. Ignoro se o senhor já experimentou dormir trepado em uma palmeira: a mim produzia-me os mais horríveis pesadelos. Imagine também o ridículo! Eis aí, pois, o representante de uma espécie extinta reinando na minha ilha como um duque sem educação, não me permitindo nem mesmo pôr o pé sobre o solo! Não raro, eu chorava de cansaço e de despeito. Eu dizia-lhe que não admitia ser perseguido na minha ilha deserta por um anacronismo amaldiçoado. Mandava-lhe que fosse morder um navegador do seu tempo; ele, porém, não me respondia, aquela horrenda e enorme ave, que só tinha pernas e pescoço, e só dava estalos com o bico.

Eu não quizera dizer-lhe quanto tempo aquilo durou dessa maneira. Ah! certo eu o teria morto, se scubesse um meio de o conseguir. Contudo, imaginei final-

mente um modo de pregar-lhe uma peça. E' um estratagema empregado na América do Sul. Amarrei uma às outras todas as minhas linhas de pesca, por meio de pedaços de alga marítima, fiz com elas uma corda sólida, muito comprida, e enrolei nas pontas dois grandes pedaços de coral. Levou-me isso algum tempo a preparar, pois a cada momento tinha que me refugiar seja dentro d'água, seja em cima de uma árvore.

Fiz girar com rapidez aquela corda ao redor da minha cabeça, depois deixei resvalar até ele. Da primeira vez, falhou o meu intuito; mas, da segunda, o barbaente agarrou-se-lhe nas pernas admiravelmente e enroscou-se nelas cada vez mais. Ele vacilou. Achar-me dentro do pantano com água até a cintura, atirei-lhe o laço e, assim que ele caiu, saí da água e pus-me a cortar-lhe o pescoço com a minha faca.

Ainda hoje me penaliza pensar nisso. Considerava-me um assassino, enquanto prosseguia na minha obra, posto que fosse

BANCO NACIONAL DE DESCONTOS

DEPOSITOS - DESCONTOS - CAUÇÕES

ALFANDEGA, 50

muíto violenta a minha cólera. Quando me inclinei sobre ele, quando o vi ensanguentado sobre a areia branca, com as grandes pernas e o pescoço convulsionados pela agonia, ah!...

Após esse drama, o tédio da solidão caiu sobre mim como uma maldição. Meu Deus! o senhor não pode imaginar que falta me fez aquela ave! Sentei-me perto do seu corpo, chorei sobre ele, tive um calafrio ao deitar os olhos ao redor de mim, sobre a minha ilha silenciosa e desolada. Lembrei-me de como era uma linda avezinha quando saiu do ovo e com quantos ardis encantadores ele me havia divertido antes de se tornar mau; eu dizia comigo mesmo que, limitando-me a feri-lo, teria conseguido induzi-lo a melhores sentimentos. Si eu tivesse um meio pelo qual pudesse escavar o banco de coral, te-lo-ia sepultado. O que é fato é que não me passou pela idéia comê-lo. Arrastei-o pois para dentro do pântano, onde os peixes o devoraram. Nem as penas salvei.

Aconteceu então que um indivíduo, cujo lanchi cruzava aquelas praias, teve a fantasia de verificar se a minha ilha continuava a existir. Ele não chegava demasiado cedo, pois que eu me achava quase doente de pensar e só hesitava entre estes dois partidos: ir-me-ia passear no mar para dar cabo da existência, ou devia recorrer às pequenas drogas verdes?...

Vendi o esqueleto a um negociante chamado Winslow, estabelecido nas proximidades do Museu Britânico; parece que ele não notou que os seus ossos eram de tamanho excepcional, pois foi depois da sua morte que eles atraíram a atenção. Deram-lhes o nome de ossos de *aeipornis*. Como diz o senhor isto?

— *Aeipornis vastus*, respondi. E' bastante esquisito, mas essa mesma história me foi contada por um dos meus amigos. Quando eles acharam um *aeipornis*, julgaram que haviam atingido o alto da escala e chamaram-no *Aeipornis maximus*. Então alguém apresentou um outro fêmur de quatro ou cinco pés ou mais; esse foi denominado *Aeipornis Titan*. Depois o seu, *vastus*, foi descoberto, após a morte do velho Havers, na sua coleção, e logo surgiu um *vastissimus*...

— Winslow me disse quase o mesmo, replicou o homem da cicatriz. Si se encontrarem ainda alguns *aeipornis*, ele aposta que algum sábio célebre se estranhará a exagerar os epítetos precedentes. Em suma, não acha que foi uma aventura bastante singular?

Bernard Shaw...

(Continuação da pág. 19)

parte. Tropeço e caio umas três vezes por semana infalivelmente e, por infelicidade, sofri uma queda dos diabos ontem. Tornou-se-me claro que se eu fosse aí para vos falar pessoalmente iria levar mais algumas quedas, o que seria muito embaraçoso e muito pouco próprio. Por isso, resolvi adotar este método, para vos permitir ouvir minha voz sem vos deixar me ver cair".

COMO VIVE G. B. S.

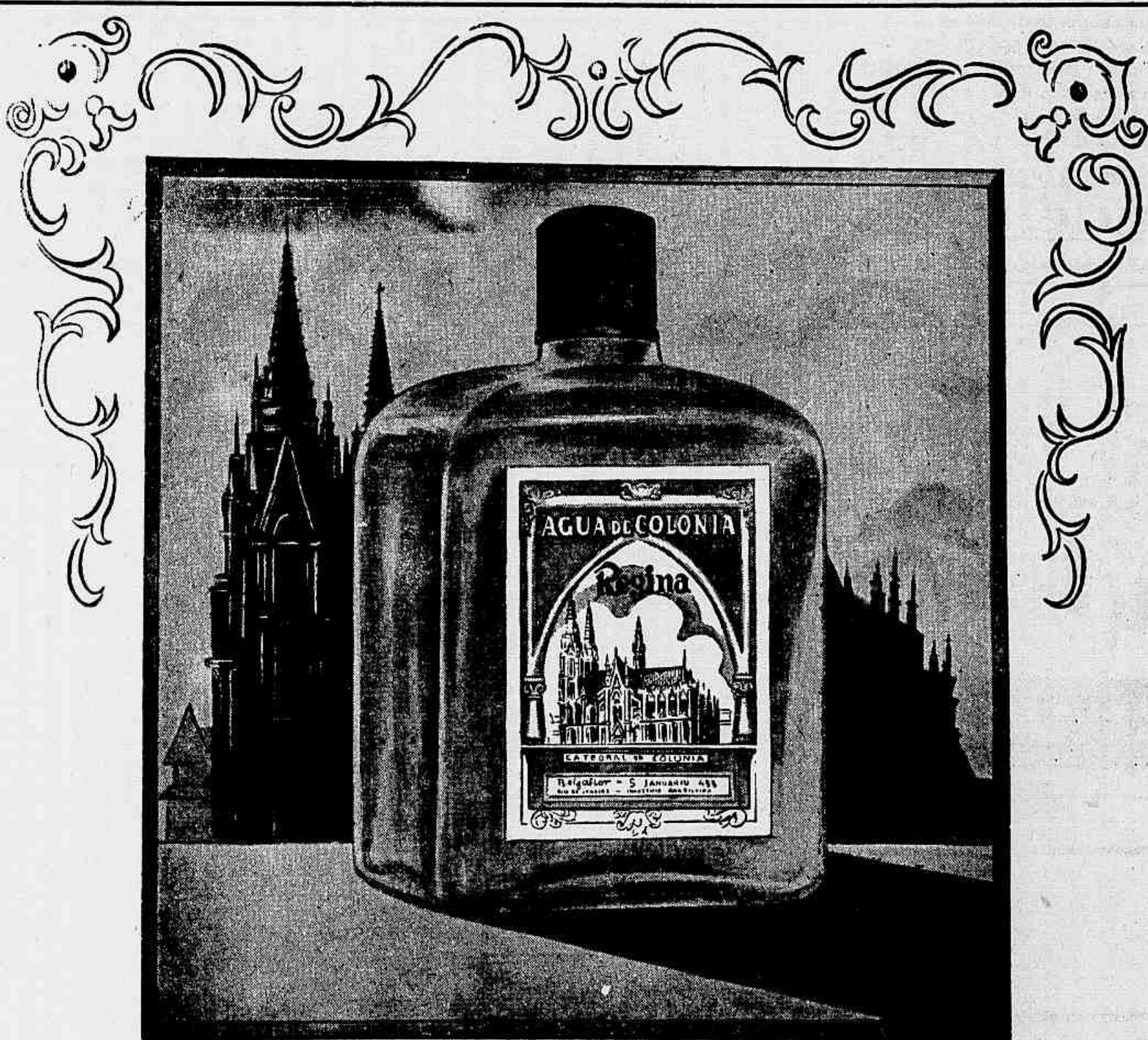
O quase secular escritor inglês vive em Ayot St. Lawrence, numa casa de doze quartos, conhecida nos mapas de turismo pelo nome de "Shaw's Corner". Tomando diariamente o seu café pela

manhã, às 9 horas, ele em seguida lê todos os jornais londrinos, desde o ultra-conservador "Times" até o órgão comunista "Daily Worker". Depois disso, na sua cabana, conhecida pelo nome de "O Abrigo", que é construída sobre um eixo de modo a poder estar sempre voltada para o sol, ali fica escrevendo até uma hora da tarde. Em "O Abrigo" existe um telefone de comunicação com a casa, um aparelho de calefação e uma cama. E' ali que Bernard Shaw escreve toda a sua correspondência. Depois do almoço, em casa, ele tira uma boa soneca, indo depois para "O Abrigo" por volta das quatro horas da tarde. Durante

o dia, permanece ele cerca de seis horas nessa cabana, empenhado em suas tarefas de ordem intelectual. Vegetariano, não fumando, nem bebendo, o seu vício principal parece ser o da ironia permanente e continua, jorrando torrencialmente sobre os seus contemporâneos. À noite, gosta de ouvir rádio e geralmente vai para a cama às 11 horas. Ele vive sózinho em Ayot, mas servido por um chofer, um jardineiro, uma governanta e uma criada. Mas, como é socialista e humanitário, passa o mês de julho inteiro, sistematicamente, na cidade de Londres, afim de dar uma folga à sua famulagem.

E' assim que vive Bernard Shaw, um dos fundadores da Sociedade Fabiana e do socialismo inglês, que era uma pilhéria nos bons tempos da sua juventude, os tempos do reinado no poder. Os seus velhos amigos estão todos ou quase todos no cemitério, — Oscar Wilde, Rudyard Kipling, Tenyson, Thomas Hardy, H. G. Wells (este quase um moço, pois morreu há pouco, com setenta e nove anos). O próprio G.B.S., outro dia, perdeu um dente, durante um jantar na casa dos Astor, e nessa ocasião chegou a exclamar:

— Tenho a impressão de que estou começando a envelhecer!



A RAINHA DAS ÁGUAS DE COLÔNIA!

Regina

O SABONETE MARAVILHA!



EM TODA A BRASILEIRA

Assaduras, brotoejas,
coceiras do
seu Bêbé?

REMOVAN

Nas Drog. e Farm

CONTÉM SULFA — DISPENSA ATADURA

P.Feraz

CUTIS

CANSADA



e sem viço

As pérfidas rugas na testa e ao redor dos olhos, as sardas, manchas, cravos e espinhas, são traiçoeiros inimigos da beleza da mulher. Quando surgem estas imperfeições, lançando nuvens sobre a sua felicidade, confie nas virtudes do Creme Rugol. Rugol corrige rapidamente as causas do envelhecimento prematuro da cutis. Este famoso creme embelezador, usado todas as noites em suaves massagens no rosto, pescoço, e todos os dias como base do "maquillage", remove as impurezas que se acumulam nos poros, fortalece os tecidos, dá vigor e mocidade à pele. Com apenas uma semana de uso do Creme Rugol a sua cutis poderá ficar macia, limpa e acetinada, aumentando os seus encantos e protegendo a sua felicidade. A felicidade de amar... e ser amada.

CREME
RUGOL

Alvim & Freitas, Ltda. - C.P. 1379 - S. Paulo



USE A POMADA NO LOCAL E
Beba AO MESMO TEMPO O LÍQUIDO

QUANDO COMPRAR UM REFRIGERADOR

Exija!



ECONOMIA
Frio constante
esses 5 pontos
celo puro
humidade do ar
ar purificado

TODAS ESSAS VANTAGENS
SÃO EXCLUSIVAS DO

REFRIGERADOR **NEVE**

UM PRODUTO DAS
INDÚSTRIAS "NEVE" LTDA.
EXPOSIÇÃO PERMANENTE

R. Raul e Silva, 74 (rua P. M. Deodoro) - Fones 3-1322 e 3-1311

SÃO PAULO
A VENDA NAS MELHORES
LOJAS EM TODO O BRASIL



Por ocasião da passagem do centenário da morte de Castro Alves, o poeta dos escravos, foi instituído pelo governo um concurso para um projeto de selo comemorativo. Dentre os concorrentes saiu vencedor o nosso companheiro Alberto Lima, que apresentou o projeto que estampamos acima e que bem revela os dotes artísticos do desenhista.

A VIDA DE SIR FRANCIS BACON

(Continuação da página 21)

ciada e que tencionava, agora, dedicar sua energia à procura de uma "noiva opulenta" para que pudesse estabelecer-se e viver uma vida de confortável tranquilidade. Sugeriu, entre parêntesis, que, como meio de mitigar o seu desapontamento, em vista do fracasso de suas solicitações para obter um cargo na corte, talvez concordasse em aceitar o título "quase prostituído" de cavaleiro, contanto que Robert Cecil intercedesse em seu favor. Afiançava contudo, desprezar o costume vulgar de se conferirem títulos a grandes grupos de pessoas reunidas ao mesmo tempo. Preferiria ser armado cavaleiro sozinho, como condizia com a sua dignidade. Uma semana depois, quando da coroação do rei Jaime I, "Sir" Francis Bacon ergueu-se cavaleiro — juntamente com outras trezentas pessoas.

Ele, no entanto, a todo o custo, tentava conseguir um reconhecimento pessoal, na corte. Era o Rei Jaime extremamente vulnerável à lisonja. Bacon deixou cair sobre ele uma porção de cartas nas quais comparava esse mortal, que nada tinha de extraordinário, "ao Senhor Deus, o Primeiro Motor do Universo". De mais a mais socorria-se como membro do parlamento, de todas as ocasiões para defender a política liberal do Rei, a sua distribuição arbitrária de justiça, sem consideração pelos advogados do povo ou pela lei comum, e os impostos ilegais que lhe aumentavam as rendas e o faziam independente dos representantes do povo. Prodigalizava, Bacon, os seus conselhos no sentido de serem empregados "métodos científicos melhores" para a supressão do governo popular. Nesse meio tempo casou-se com a filha de um ancião. Ao ser cumprimentado pelo feliz acontecimento, replicou secamente, que as suas "finanças tinham melhorado algum tanto com este enlace". Quanto ao amor, jamais lhe penetrara o espírito esta espécie de emoção. "Os grandes homens", escreveu em um de seus *Ensaio*s, sempre se conservam afastados dessa paixão fraca".

Por fim o espírito prático e oportunista trouxe-lhe o reconhecimento por parte do rei, que o nomeou sub-procurador geral de Inglaterra. O que especialmente o recomendava aos olhos do rei Jaime, era sua engenhosa sugestão de que uma guerra estrangeira poderia sempre servir para matar o excesso de população de um país. Bacon era um homem conforme com os desejos do rei.

A personalidade fracionada de Bacon era uma surpreendente manifestação do maior de todos os mistérios — o espírito humano. Ele aumentou o número de pensões para estudantes em Oxford e Cambridge, afim de proporcionar às massas da Inglaterra maior oportunidade de educação, e presidia na "Câmara da Estrela" sala de tortura, do Rei. Escreveu um *Ensaio* resplandecente sobre a caridade, publicou um trabalho magnífico sobre *O Progresso da Ciência*, e mostrou ao público como pode um homem "liquidar" um amigo descobrindo-lhe as "fraquezas e desvantagens". E depois, sem corar, redigiu um tratado sobre a virtude da bondade e da verdade. "Não há vício algum que tanto cubra um homem de vergonha como o ser surpreendido em falsidade e perfídia", afirmou.

Encontrava sempre uma desculpa para a sua ambição sem escrúpulos. Dela dependia, asseverava, para lograr a segurança material, necessária à sua liberdade, a qual lhe permitiria oferecer à humanidade o dom de sua filosofia. "Libertarei os meus semelhantes do falso raciocínio" arrazoava. "Mostrarei aos homens a verdadeira natureza do calor, as leis do movimento, os princípios da dieta. Mas preciso primeiro, ajuntar riquezas para obter

o vagar necessário aos meus experimentos. E' mister que suspendam o juízo a meu respeito até que se conheçam os resultados. Permiti que eu atinja o extremo do poder, depois, quando me aposentar, fundarei novas universidades e criarei novas cadeiras de novas matérias. Escreverei, investigarei e beneficiarei a humanidade. Serão porventura indignos os meus fins? Quem pretende alcançar esses fins não deve hesitar na escolha dos meios de que se serve".

★

A medida que envelhecia tornava-se-lhe mais vigoroso o espírito. Ele escreveu a mais famosa obra, em prosa, do tempo, *Novum Organum*. A Filosofia desde há muito precisava de um novo método de pesquisa científica. Lá estava ele.

Para podermos investigar a verdade — disse Bacon — devemos destruir um certo número de ilusões, ou de ídolos, que têm embaraçado o espírito humano. Em primeiro lugar os *ídolos da Tribu*. Essa classe de ídolos representa a ilusão tribal ou universal de ser o homem a medida de todas as coisas. O homem analisa o universo como se este fora criado e encomendado para a sua conveniência. "o conhecimento humano, por sua natureza peculiar, facilmente admite existir um grau de ordem e regularidade nas coisas, maior do que realmente encontra... embora possam existir exemplos, extremamente convincentes e abundantes, do contrário..."

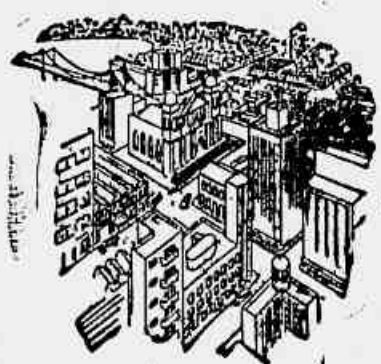
Uma segunda classe de ídolos consiste nos *ídolos da Caverna*. Pois toda a gente... tem uma caverna ou esconderito próprio, que refrata e descolera a luz da natureza. "Alguns espíritos analíticos — tendem a dividir o mundo em suas diferenças; outros, sintéticos — procuram organizar o mundo numa estrutura coerente. Ao primeiro grupo pertence o cientista, ao segundo o artista. Devemos todos, contudo, compreender, que a verdade existe independentemente de ambos.

Em terceiro lugar há os *ídolos do Mercado* emanando "do comércio e associação dos homens entre si". "Surge então, de uma formação inepta de palavras, uma obstrução nasmosa do espírito". Os estudiosos, assim como os leigos, falam a respeito do Universo em generalidades volúveis das quais nos devemos acutelar. Devemos expurgar a linguagem científica de expressões vagas e enganosas tais como *causa primeira*, *sem causa*, *o absoluto*, *a substância primeira*, *o infinito*. Devemos ser implacáveis com as nossas definições. Devemos recomeçar com rigorosa exatidão.

A quarta e última classe compreende os *ídolos do Teatro*. Sabam, estes, dos dogmas dos filósofos. Todos os nossos sistemas aceitos, de filosofia, são outras tantas peças de teatro, representando mundos de sua própria criação segundo uma feição irreal e cênica". Os mundos construídos na imaginação dos pensadores são "mais como deveríamos desejar que fossem do que histórias verdadeiras... tiradas da História".

Agora aberto o atolho através da floresta da ignorância, estamos prontos a construir a nossa estrada real do conhecimento. Que é esse método? E' o método da dúvida, do juízo e do *fiat*, da classificação e da reclassificação. E' o método da *experiência simples*. "O verdadeiro método da experiência primeiro acende a vela e depois, por meio da vela, mostra o caminho". Havemos primeiro de coligir, por meio de diligente pesquisa, os dados disponíveis; havemos, depois, de dispor esses dados de nossa experiência numa ordem bem dirigida da qual possamos formular axiomas. Partindo desses axiomas

50 anos de proteção à família Brasileira



— Uma cidade de 14.000 casas
poderia ser construída com os seguros
já pagos pela SUL AMERICA
em seus 50 anos de existência

★
Sul America

COMPANHIA NACIONAL
DE SEGUROS DE VIDA

Caixa Postal 923 - Rio de Janeiro



mas podemos proceder, então, a novas experiências e, dessas novas experiências, deduzir os fatos. Esse método é, portanto, um método de hipótese, experimentação e dedução.

O processo de dedução da hipótese através da experimentação, para o fato, não é fácil. E afim de facilitar esse processo, propôs Bacon, um conveniente **modus operandi**. Construiu uma "tabela de mais ou menos". Por meio dessa tabela, todos os dados podem ser classificados e eliminados, um por um, até que se mostrem perfeitamente claros os fatos essenciais concernentes ao caso. Ilustra Bacon, o seu método, examinando a natureza do calor. Procura algum fenômeno que invariavelmente aumenta com o aumento do calor e invariavelmente diminui com a sua diminuição. Examina, um por um, os vários fenômenos físicos que reagem ao calor até encontrar o fator tão ligado à expansão do calor que ele próprio o elimina ao eliminar a si mesmo. Esse fator é o movimento. De onde conclui Bacon que o calor é uma forma de movimento.

Inelutavelmente, essa engenhosa tábua revelou-se, ao cabo, impraticável, devido a certas dificuldades imprevistas. E, não obstante, o **Novum Organum** é a Declaração de Independência científica. Pois, o seu método geral de eliminação através da experimentação, tem sido, geralmente, empregado pela ciência até o presente. O "plano de laboratório" abriu um novo caminho para o conhecimento. "Nenhum homem jamais conheceu, melhor do que Bacon, a causa (e a cura) do erro humano".

★

Mas, o rei não o fazia progredir com a rapidez que convinha às suas ambições políticas. Outras pessoas eram promovidas. Por que não o era ele? "O meu amor deve se rojar onde não puder andar", refletia sem pejo. Poucos homens jamais desceram tão baixo para conseguir um cargo. Ele arrastava-se, literalmente, aos pés de sua Majestade.

"Se compraz a Vossa Majestade perceber como certas pessoas estão sendo favorecidas acima de mim e outras abaixo de mim..." "Deus preserve a Vossa Majestade..." "Aceitei o meu sacrifício de ação de graças pelo vosso gracioso favor..." "Ah, Sire, não exigem minhas palavras um lugar muito próximo de vós do qual possam glorificar-vos perpétuamente?" "Soberano meu, não permiti que eu me transforme em nada por carência de vossas mercês..." "Pego vênha para fazer neste momento oferenda humilde de mim mesmo..." "Serei um prestimoso pião de xadrez para estar onde quer que me coloque a mão real de Vossa Majestade..." Estas e muitas petições semelhantes.

Finalmente Sua Majestade levantou "Sir" Francis Bacon ajoelhado aos seus pés e fê-lo advogado geral com um considerável salário. Mais criados, mais conforto, mais poder — e mais ambição. Quando o Lord Chanceler, o mais alto funcionário político do reino, enfermou, precipitou-se Bacon para a beira de sua cama orando, silencioso, por que lhe não faltassem os funerais. Velou o enfermo com grandes demonstrações de solicitude e mandava, diá-

mente, relatórios ao rei sobre o estado do moribundo. Finalmente escreveu, com afetada tristeza. "O vosso digno Chanceler, receio, vive hoje o seu último dia... Rogo, agora, a Vossa Majestade que me permita expor o caso com exatidão... Se nomeardes "Lord" Coke (seu grande rival) para o cargo de Lord Chanceler, nada, senão infortúnios, vos ocorrerão... Se nomeardes "Lord" Rubbard, quebrar-se-á a Vossa real prerrogativa... Mas se fosse eu o homem... seria o **menor** de meus deveres agir como juiz imparcial em equidade entre as partes. Seria eu um fiel superintendente vosso, zeloso discípulo entre os vossos súditos, a maquinária através da qual podereis afirmar sempre, o vosso direito divino".

Mas o Lord Chanceler recusava-se a morrer. "Eu estive com ele ontem", escreveu Bacon, "quase meia hora. Ele me tratou com tão maravilhosas manifestações de bondade que chorei, coisa que não faço com frequência". O Lord Chanceler reassumiu o cargo, e Bacon se pôs à procura de outro emprego.

Finalmente, todavia, a morte se abateu sobre o Chanceler, e Francis Bacon recebeu a sua recompensa. Foi feito o novo Lord Chanceler da Inglaterra.

Tomou posse do cargo com grande pompa. Deram-lhe os títulos de Barão de Verulam e Visconde de Santo Albano. "Os homens astutos **condenam** os estudos", escrevera ele em um de seus Ensaios; "os sábios **utilizam-se** deles". O conhecimento bem empregado significava poder. "Feliz o homem que aprendeu as causas das coisas..." Ele conhe-

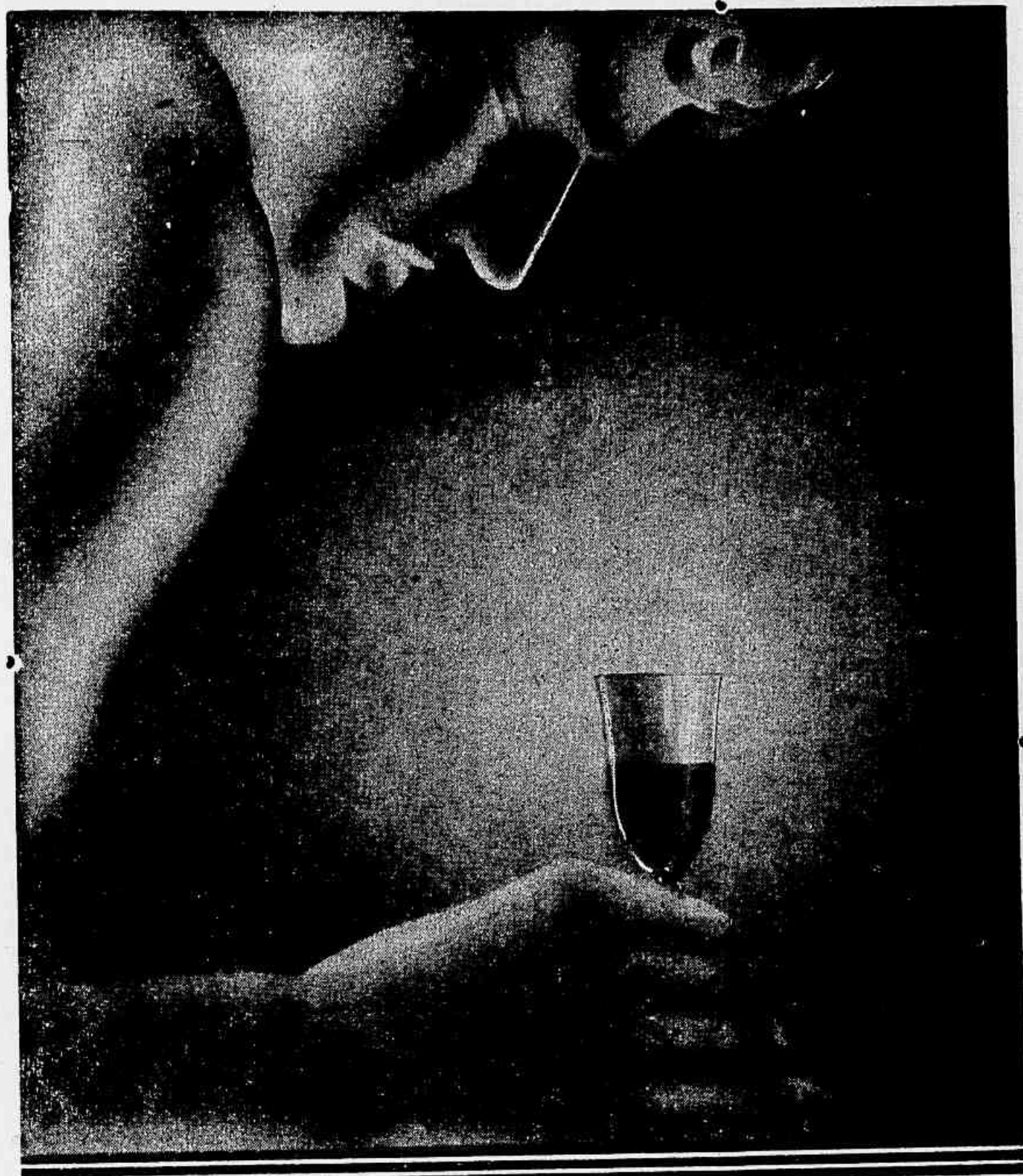
cera as causas da fama, as molas reais da influência política. Atingira o pináculo da fortuna. E estava prestes a conhecer-lhe os efeitos.

Porque a tragédia o golpeou rapidamente. Menos de três anos depois de sua instalação na chancelaria, a Câmara dos Comuns apresentou contra ele acusações sensacionais. Francis Bacon era acusado de deixar-se subornar na corte! O país quedou-se aturdido. A sua vida política passada era bem conhecida. Assim, também, eram as suas obras filosóficas. Quem era esse homem de dupla personalidade — o diabo em forma humana?

Um grande número de testemunhas apresentou-se e depois que o chanceler tinha o hábito de "aceitar presentes". A Câmara dos Comuns apresentou uma acusação formal. Quando os mensageiros trouxeram a acusação a Bacon encontraram-no acamado. Como respondeu ele às acusações? "Meus senhores", disse, fitando os olhos no céu, "tenho o espírito apartado dos assuntos terrenos. Estou pensando em minha prestação de contas e nas respostas que devo dar a um tribunal mais elevado..."

Agita-se todo o país. Discursos em toda a parte, nos púlpitos, nas ruas, exigem a punição do Lord Chanceler. Pode ele negar a acusação? Qual é a sua defesa? Toda a sua filosofia é agora incapaz de salvá-lo.

O "enfermo" toma de sua doura pena. "Há três graus de suborno. Primeiro, o grau menor: o suborno para perverter a justiça enquanto o caso ainda está pendente segundo, quando o juiz acredita que o caso tenha chegado



CÉREBRO ILUMINADO...

O trabalho excessivo e as preocupações cotidianas esgotam o cérebro e os nervos; daí a cabeça pesada, a falta de memória, a dificuldade de pensar, o desânimo, o mau humor, a vida transformada num doloroso fardo...

Reponha o fósforo gasto, ilumine o cérebro, reconquiste o gosto de trabalhar e de viver!

Fraqueza cerebral, dispepsia nervosa, neurastenia, falta de memória e perda de apetite — **Neurobiol**, o tônico do cérebro!

À venda em todas as farmácias e drogarias.

Neurobiol



GABRIEL RANGEL FONE 23-4742
Máquinas de escrever e acessórios
OFICINA COMPLETA
RUA SENHOR DOS PASSOS, 85 — 2ª Loja

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface "Brilhante", ultra-moderno, que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface "Brilhante" permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante". Experimente-o. É um produto dos Laboratórios Alvim & Freitas.



Um romance diferente e muito emocionante. É a história de um amor sublime, vivido na inesquecível Rússia imperial. São 320 páginas, apresentação ótima, capa em 5 cores. Vendas exclusivamente por Reembolso postal. Pedidos à Cx. Postal 91, Petrópolis (Rio), Preço Cr \$ 35.00.

DENTÍFRICOS
PANNAINI

ÁGUA INGLESA

GRANADO

TÔNICA E APERITIVA

NA ANEMIA CLOROSE E CONVALESCÊNCIAS

a um fim; terceiro... Pare com essas sutilezas verbais, essa crassa hipocrisia! Você não está analisando elementos químicos. Responda à pergunta, "Foi subornado?"... "Do primeiro tipo de suborno que mencionei", prossegue ele, "estou tão inocente em meu coração como qualquer bebê nascido no dia dos Santos Inocentes. Do segundo..." Exigem em voz alta uma resposta categórica. Ao que ele replica com muita erudição, "Confesso e reconheço sinceramente que, tendo compreendido as particularidades da acusação, não de maneira formal por parte da Câmara mas o bastante para informar minha consciência e minha memória, considero a questão suficiente e plena, ao mesmo tempo, para renunciar à defesa e permitir que V.V. Excias. me condenem e censurem". Mas, ajunta astutamente que uma repreensão moderada seria tão suficiente para impedi-lo de se deixar subornar subsequentemente, como um castigo severo. Lembra aos juizes que os tempos, são, geralmente, imorais e que, um dia, qualquer um deles poderia, por sua vez, ser trazido diante do tribunal sob a mesma acusação — e nesse caso, teriam razão para não se arrependem de sua anterior brandura. Enfim, escreve galhofeiramente ao rei que "um homem que se deixou subornar é capaz de subornar os outros" e que, portanto, faria presente a S. Majestade, de uma história que lhe glorificasse o Reino por todos os tempos futuros.

Pela sua recusa em responder aos artigos específicos da acusação Francis Bacon nada confessara em particular. Os juizes, todavia, não estavam dispostos a deixarem-se iludir pelo seu brando reconhecimento da culpa geral. Exigiram que ele assinasse uma confissão plena e especificada. E Francis Bacon foi, finalmente, obrigado a submeter-se.

Doze Lordes do reino visitaram-na e receberam dele a confissão. "E esta é a sua letra?" perguntaram-lhe.

— Meus senhores, é meu ato, minha mão, e meu coração...

— Devolva-nos, então, o Grande Sêlo de seu cargo. Ele inclinou a cabeça.

— Pelo grande favor de el-Rei recebi o Sêlo; pela minha própria grande culpa perdi-lo.

Enquanto se quedava sentado na Torre, humilde e alquebrado prisioneiro, sustentava o estudioso que ele havia que, ao menos, jamais pronunciara uma sentença errada por ignorância da lei. E à luz de sua própria e estranha razão, sentia-se absolvido. "Eu fui o juiz mais justo que houve na Inglaterra nestes últimos cinquenta anos. Mas, acrescentou, com um sorriso forçado, foi esta a sentença mais justa do Parlamento neste últimos duzentos anos".



Cinco anos se passaram. Ele fora solto quase imediatamente após a prisão, com a ordem peremptória de se manter sempre à distância do Parlamento e dos tribunais de Inglaterra, e proibido, para o futuro, de obter qualquer emprego público no país. Mas o incorrigível otimista não renunciou, mesmo assim, às suas ambições políticas! Enviou uma torrente de cartas ao rei — lisonjeando-o, adulando-o e suplicando-lhe, com todos os argumentos à sua disposição. Debalde, porém. O seu dia terminara. Ele não poderia, à força de lisonjas, transformar a sua velhice numa segunda mocidade vigorosa. Não poderia, à força de bajulações, afastar de seus ombros a carga de uma reputação ignominiosa.

E um dia, enquanto cavalgava, pôs-se a conjecturar sobre o problema de preservar o corpo humano após a morte. Apeou e matou uma ave. Encheu-a, depois, de neve e estava a ponto de levá-la para casa afim de encetar as suas observações quando foi tomado de súbito arrepio. Deteve-se numa casa próxima e mandou uma nota a um de seus amigos. "Terei, com certeza, a sorte de Caio Plínio, o antigo, que perdeu a vida realizando um experimento..." Depois, recolheu-se à cama e quedou-se à espera do derradeiro e maior de todos os experimentos.

Estava confiante e calmo. Conhecía que, quando se pusesse ao mar, haveria à sua espera, imperturbada pelas marés do tempo, uma grande Ilha da Utopia, a sua própria **Nota Atlântida** — um dos sonhos de seu sistema filosófico — refulgindo à luz do sol da Eternidade. Lá estava a terra prometida, com uma população feliz e florescente governada por homens sábios e esclarecidos. Lá não havia políticos, nem procuradores de empregos, nem favoritos de reis, espicaçados pela ambição, mas uma administração de cientistas, químicos e biólogos, físicos e arquitetos, sociólogos, filósofos e astrônomos. Não se entretinham estes em plataformas políticas ou em reunir facções de adeptos por meio de promessas, mas observavam as estrelas, domesticavam

a força hidráulica para indústria, estudavam anatomia e criavam bálsamos curativos para combater as enfermidades. Construíam navios para voar no ar e barcos para correr debaixo das ondas. Não comerciavam pelo ouro ou pela prata, ou pela sêda ou pelas especiarias, mas, apenas para a primeira criatura de Deus" — a luz!

E dele se acercou tão humilde, a morte, que lhe pôs uma lágrima nos olhos.

(Do livro "Vidas dos grandes filósofos").

... NADA SE PERDE ...

(Continuação da pág. 11)

pal com "smokings" cortados de "ouvido" pelo mestre Esio, cria uma filosofia realística sobre os homens. Mas se hoje até os filósofos pagam imposto de lucros extraordinários!

OS FALSOS BELCHIORES

Ao lado desse comércio exclusivo de objetos usados vem se desenvolvendo uma outra indústria mais lucrativa para os que a exploram e enganosa para o cidadão desjoso de encontrar uma roupa ou sapatos baratos. Este novo ramo de negócio é chamado pelos adeptos de tradição como sendo o comércio dos "falsos belchiores". Um apelido bem pôsto, não há dúvida. Negociantes mais espertos — ou menos conciosos — aproveitam-se da grande procura existente para o "bric-a-brac", nessa hora de aperturas em que um terno de casimira de 2ª custa Cr\$ 800,00 — e instalam-se nas adjacências com suas "falsas" lojas de roupas e objetos usados. À primeira vista dão, realmente, a impressão de belchiores. O freqüente dirige-se para o interior e só depois de saber os preços dos objetos amontoados em proposital desordem, ou dos ternos pendurados às centenas pelos tetos, percebe que ali pouca coisa existe de segunda mão. As roupas são compradas por atacado, nas fábricas de roupas feitas, e vendidas por 400 ou 500 cruzeiros. Feito horroroso, acanhamento da pior espécie. Muitos dos clientes acabam se deixando engambelar pela lábia do dono da casa e levam para os seus lares o que não desejavam comprar. E' comum encontrar-se nessas casas material semi-deteriorado pela chuva, ou por defeito de fabricação e que é arrematado na Aliôndega e em casas de luxo e ali vendido mais barato.

Entramos em uma dessas casas e perguntamos o preço da mala de viagem exposta na porta, com sinais evidentes de mercadoria de segunda mão.

— Oitenta cruzeiros — informou-nos o próprio dono. E a um gesto seu, entramos. Outra mala, um pouco maior e de melhor aspecto, chamou-nos a atenção.

— Quanto? — inquirimos.

— Duzentos e noventa e cinco cruzeiros.

E a voz do vendedor tornou-se mais suave, amaciando a diferença do preço. Extranhamos a diferença e ele nos explicou:

— Esta última é nova em folha, própria para uma pessoa assim como o doutor.

O mascate nos informou certo. Estávamos num falso "belchior".

Encontramos outra loja que se especializava em artigos elétricos e tubos de metal. Novamente a confusão se estabelecia. Dobradiças, tubos galvanizados, fios, lâmpadas não sofriam a mínima diferença de preço. Pelo contrário; o material mais escasso, cuja importação ainda estava subordinada ao controle do país exportador, era vendido por preços muito acima do usual. Há algumas peças mais fáceis de se encontrar em tais estabelecimentos do que nas firmas importadoras e disse se aproveitamos os "falsos belchiores" para exigir um pagamento extra-tabela.

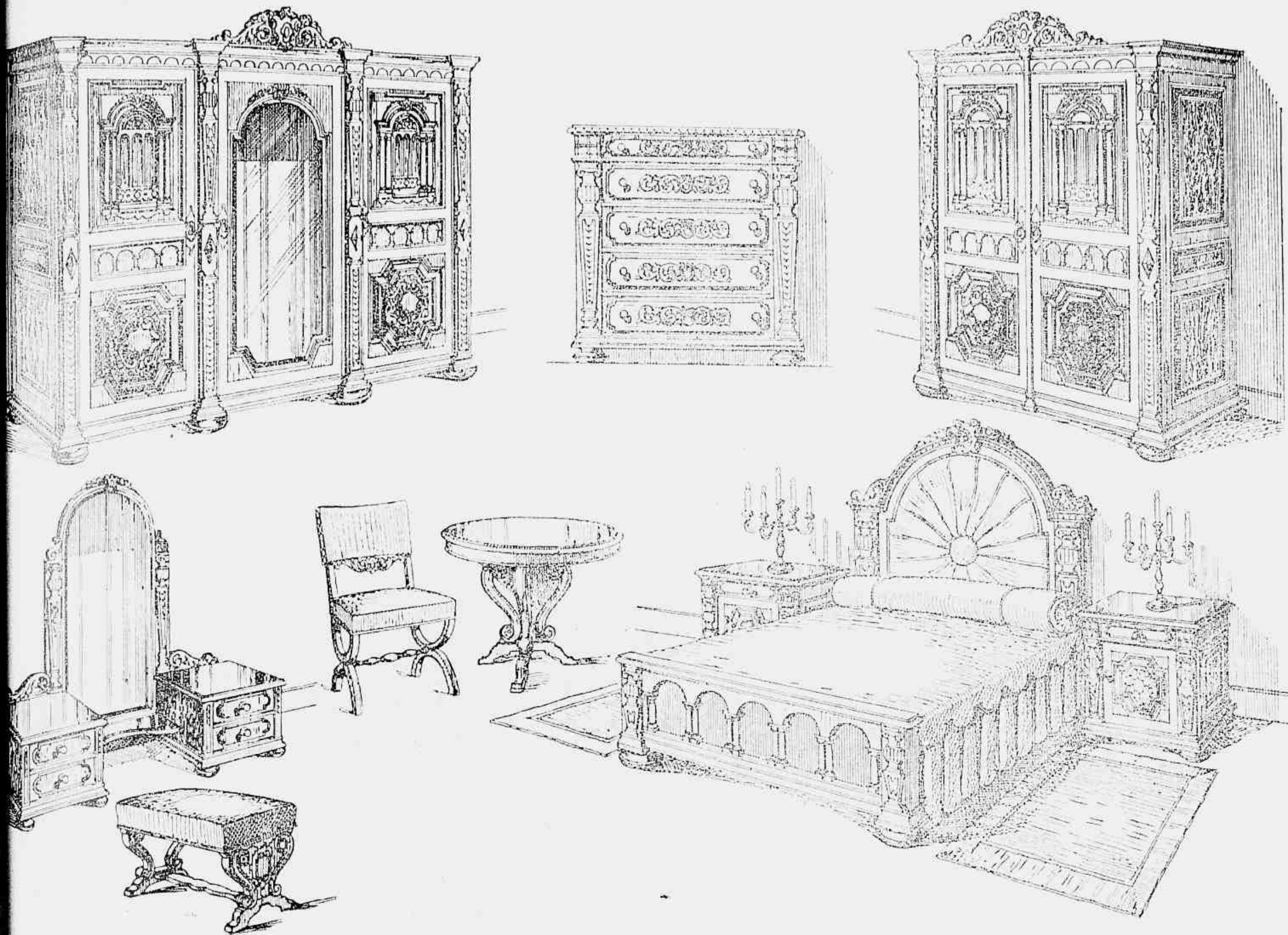
Aos srs. distribuidores e assinantes desta revista

Rogamos indiquem sempre, com as suas remessas de dinheiro, nome e endereço certos a que as mesmas se destinam.

PILULAS DE BRISTOL

Vegetais e açucaradas

Combatem suavemente a preguiça intestinal.



Dormitório Renascimento Francês "Henrique II"

Estampamos nesta página um sugestivo modelo para a decoração do seu lar.

O dormitório "Henrique II", cuja fotografia acima reproduzimos é constituído de móveis ricamente esculpturados em jacarandá maciço, sendo as cadeiras e a banqueta da penteadeira estofadas à pelúcia de sêda.

Como adornos, dois castiçais e tapetes no estilo.

MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES

OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

ASA
MARCA

UNES
REG. STRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGÓRA SOMENTE

65 · RUA DA CARIOCA · 67

NAO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS



Em caixas de 100
e maços de 20



CIA. DE CIGARROS SOUZA CRUZ